NOVOS ESTUDOS CRITICOS

JOSÉ MARIA BELLO

NOVOS ESTUDOS CRITICOS

(Machado de Assis, Joaquim Nabuco e outros artigos)

TYP. REVISTA DOS TRIBUNAES

CARMO, 55 — RIO DE JANEIRO

1917

DO MESMO AUTOR

ESTUDOS CRITICOS:

(Edição de Jacintho R. dos Santos).......... 5$000

Ao sr. dr. Pedro Lessa,

homenagem de minha profunda estima e de minha sincera admiração.

J. M. B.

Mais um livro... Dois livros em um anno... Desconfio, ás vezes, que abuso da benevolencia alheia. Pergunto a mim mesmo se não haveria, por ventura, occupação mais util para as minhas horas vadias do que escrever livros. Quem os lerá? Quem meditará, um momento, as cousas que meditei e procurei traduzir em linguagem simples?

No prefacio dos **Estudos Criticos,** disse que para a minha ousadia de escrever encontrava apenas um consolo: poderia perpetrar cousas mais censuraveis ou mais inuteis do que um mau livro de critica, maus versos, por exemplo... Semelhante consolo deveria bastar-me ainda hoje. Não tenho pretensões litterarias. Depois da phase de leituras intensas, o escrever se nos torna um acto quasi inconsciente. Poderia talvez resistir á tentação. Não o faço. Encontro certo prazer intimo em divagar atravez dos livros alheios, ao sabor das impressões de momento. Porque me privar deste goso inoffensivo?

O meu primeiro intuito era publicar no presente livro tres ensaios sobre os grandes mestres das nossas lettras contemporaneas: Ruy Barbosa, Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Posteriormente, desisti de Ruy Barbosa. Tive receio de perder-me na floresta formidavel de sua obra.

Ademais, Ruy Barbosa já encontrara o sr. Mario de Lima Barbosa...

Ao envez do estudo sobre Ruy Barbosa, inclui no volume de hoje um artigo publicado na «Revista do Brazil», **Helena B...** e outro, publicado no «Jornal do Commercio», **O que se lê.** O primeiro, eu proprio não sei classifical-o. O segundo, não no julguei jamais digno de figurar em livro. Era uma simples reportagem. Amigos generosos discordaram do meu julgamento. O artigo tinha algum valor; poderia servir um dia como documento do estado actual de nossa cultura. Docemente, cedi...

Custara-me algum trabalho; era o seu merito exclusivo. Terá outros o resto dos meus escriptos? Desconfio que não. Mas aquelle me basta. São algumas horas de estudo, de vigilia, de cansaço, que representam as suas paginas. Vaidosamente, não quiz perdel-as.

Rio, Outubro de 1917.

J. M. B.

Machado de Assis

Ao sr. João Ribeiro

E' sempre um prazer tratar de certos espiritos, ainda mesmo quando não se tem a pretensão de dizer alguma cousa de novo sobre elles. De repetidas leituras de um escriptor predilecto, fica-nos o desejo de traduzir as nossas impressões, falar do bem que elle nos fez, do muito que nos encantou ou obrigou a pensar.

Machado de Assis é, certamente, o mais estudado dos nossos escriptores contemporaneos. José Verissimo e, creio, tambem Sylvio Roméro e Araripe Junior analysaram largamente a sua obra. Mais recentemente, dois admiradores de talento, os srs. Alcides Maia e Alfredo Pujol, dedicaram-lhe longos estudos. Confesso na paz de minha consciencia que desconheço o livro do sr. Maia e as conferencias do sr. Pujol. Muito de industria não os quiz ler, apesar de minha curiosidade por tudo quanto possa referir-se a um escriptor que tanto admiro. Avultava entre os meus velhos projectos, entre esses projectos de cousas e livros a fazer, que todos temos, o de escrever algumas paginas so-

bre Machado de Assis, que valessem ao menos como um signal de minha estima e de minha homenagem á sua memoria. Receava, dest'arte, que as impressões alheias viessem perturbar a espontaneidade, se não a originalidade das minhas proprias.

Ha varias maneiras de se criticar um escriptor; a critica não é e nem póde ser uma especie litteraria definida, de regras precisas e inviolaveis. E' antes um genero indisdincto, que se póde confundir com todos os outros, e que, de algum modo, os comprehende e abrange. Tem direito, pois, a todas as liberdades.

Podemos impôr-nos um estudo secco, objectivo e impessoal, como aconselharia Brunetière, ou limitar-nos a simples impressões de leituras, divagando ao sabor do momento, sobre cousas que os livros invocam ou suggerem. Este processo é mais agradavel, pelo menos, para quem o emprega...

Entretanto, para escrever sobre espiritos, como o de Machado de Assis, certas regras classicas se impõem. Não podemos esquecer-lhes a biographia, nem desconhecer as condições do meio em que viveram, que os modelou ou lhes permittiu o apparecimento e completa florescencia. Nós, mais ou menos criticos, temos o direito de nos resumir á analyse de um livro que surge, sem nos preoccuparmos com o seu autor, seus antecedentes, a historia do seu espirito e de sua vida. Ficamos á vontade para divagar,

contar de nós proprios, associar e desassociar idéas, sob o pretexto das cousas que se leram, ou mesmo que não se leram... Tal methodo, aplicado a Machado de Assis, sobre falso, seria irreverente. Sainte-Beuve e Taine não o usariam, e, de certo, o proprio impressionismo de Lemaitre ou Anatole France mudaria de tom. Existem nos seus livros paginas mais interessantes do que as que poderiamos inventar...

Demais, não nos deixou só um livro, e dos muitos, não é possivel tomar um que o resuma e o defina, embora em qualquer d'elles se esbocem os traços dominantes do seu genio litterario. O espirito se lhe reflecte e faceta em toda a obra; um volume que se lhe supprima é uma solução de continuidade na historia logica de sua evolução. Precisamos acompanhar-lhe systematicamente a obra de poeta, escriptor de theatro, **conteur,** romancista e critico, que tudo isto elle foi, dentro de maior ou menor exito. Falando uma vez incidentemente, em livro já publicado, sobre o grande mestre, disse eu que dos nossos homens de lettras, Machado de Assis era um dos poucos, no qual se poderia seguir esta linha ascendente para um ideal, emfim attingido, de belleza e perfeição. Este é mesmo um dos aspectos mais curiosos do escriptor, sob outros aspectos tambem, tão insolito em o nosso meio litterario.

— Nascido em 1839, Machado de Assis estreou nas lettras com duas pequenas come-

dias, em 1863. Um anno depois, publicava o seu primeiro livro de versos — **Crysalidas.** Não se deteve dahi em diante a sua actividade litteraria; mais tres volumes de versos — **Phalenas** (1869), **Americanas** (1875), e **Occidentaes** (1902), a serie de romances que vem de **Resurreição** (1872) até o **Memorial de Ayres** (1908), os varios volumes de contos e o livro de critica, de publicação postuma. A sua producção obedece assim a um rithmo claro, como de alguem que tem de dar de si todos os fructos promettidos por Deus.

E' uma obra cheia de graça, harmonia e belleza, onde o seu genio corre tranquillamente, mais largo e mais profundo sempre, como as aguas de um rio, de margens planas, que não se comprimiram nunca na afflicção de uma garganta nem se precipitaram no algar das cachoeiras. Encontrara o estranho segredo da eurythmia hellenica nas exuberantes terras tropicaes. Nem o esgotamento precoce da maior parte dos escriptores indigenas, nem a pressa alvoroçada de certos espiritos, que querem produzir a todo transe, sacrificando embora a qualidade do ouro á quantidade do minerio bruto...

Machado de Assis appareceu em pleno dominio do romantismo entre nós, quando, na Europa, a escola já entrara em decadencia. E' um momento curioso da nossa historia litteraria, momento de enthusiasmos juvenis, de idolatrias **hugoanas** e **byronianas,** de nacionalismo inge-

nuo e sentimentalismo religioso. De certo, ninguem pode affirmar que Machado de Assis se inscreveu entre os discipulos fieis do romantismo, como mais tarde, não se incluiu entre os realistas e naturalistas. Conservou toda a vida certa independencia litteraria. Não creio, no entanto, que esta independencia seja um indiscutido signal de superioridade; concebo facilmente um grande espirito, de todo filiado a determinado credo litterario ou philosophico. Os exemplos não faltariam: Taine na philosophia determinista, Daudet ou Maupassant no realismo litterario. Tudo se reduz a uma questão de temperamento individual.

Havia em Machado de Assis um grande fundo de descrença e scepticismo, ao lado de muita timidez e do gosto innato da medida e do meio termo. Não poderia ser proselyto; custar-lhe-ia decidir em consciencia onde estava o criterio da verdade, para o adoptar com a vehemencia das convicções profundas. Depois, que a verdade fosse esta ou aquella, valeria a pena prégal-a aos homens vãos e descuidados?

Os seus primeiros livros resentem-se do romantismo como, do realismo, os ultimos, porque eram esses os tons da moda, o gosto universal, e, mau grado a sua independencia intima, não poderia ficar completamente estranho ás correntes dominantes. Quero dizer, para me explicar melhor, que ha um momento em que Machado de Assis é romantico, sem o querer,

inconscientemente talvez, porque o romantismo o cerca de todos os lados; mas elle se mede, resiste o mais que pode ás influencias ambientes, porque é de sua natureza evitar os extremos, e porque não crê que o romantismo seja a forma definitiva de arte, que se deva fixar e propagar. Ha temperamentos ardentes e apaixonados, que uma vez encontrada o que suppõem a verdade, ahi se detêm para toda a vida. José de Maistre e Bonald, se ressuscitassem na Suissa democratica e modelar de hoje, defenderiam com a vehemencia antiga a monarchia divina, e Zola, se apparecesse de novo, depois de Anatole France e Maeterlinck, continuaria no velho tom os «Rougon-Macquart...»

Machado de Assis tenta o indianismo; Alencar e Gonçalves Dias o exploravam. E' a moda de então, a manifestação litteraria do nacionalismo e do patriotismo. Entretanto, elle hesita, desconfia de semelhante processo artistico. Será realmente uma fórma feliz de arte, um meio de servir ao paiz, uma revelação de patriotismo? Não, dirá talvez comsigo, como, depois, o diz precisamente na **Critica:** «tenho por erronea a doutrina que só reconhece espirito nacional nas obras que tratam de assumpto local, doutrina que a ser exacta, limitaria muito o cabedal da nossa litteratura», e, noutro tópico: «... o que se deve exigir de um escriptor antes de tudo é certo sentimento intimo que o torne homem do seu tempo e do seu paiz, ainda quan-

do trate de assumptos remotos no espaço e no tempo...»

Surge, entre nós, o **realismo,** ou, melhor, o **naturalismo** de Zola. Doutrina nova, nova esthetica. Não lhe faltam discipulos de talento ou de simples bôa vontade. Torna-se a moda exclusiva; mal se comprehenderá um livro, que não siga os processos rigidos de Médan: aspecto estreito das cousas, preoccupação de minucias, vulgaridade de caracteres, dialogos e descripções perfeitas, toques de determinismo fatalista, photographias exactas da vida, como a escola se proclamava.

Machado de Assis não podia ficar alheio ás novas influencias; os seus livros mudam de tom, pelo menos, na factura externa. E' visivel a differença de processos entre, por exemplo, **Helena** e **Braz Cubas.** Mas esta differença é mais de superficie do que de fundo; o seu temperamento conserva-se o mesmo, sem violencias ou transições subitas. Em ambas as phases de sua carreira litteraria, encontramos o psicologo, o dissecador impenitente de almas, com o culto intimo da verdade, um pouco incerto e esquerdo nos primeiros livros, mestre consumado nos ultimos. Aqui, além, o que ha de caracteristico no seu genio se conserva: o bom senso, o claro gosto, a agudeza, a justa medida, e ainda, o pessimismo e o scepticismo, mais acentuados nas obras da idade madura, quando attinge á perfeição. Quem nunca foi um romantico, pode

ser bem um realista, e ao cabo, nem de todo um romantico ou um realista, no sentido technico das palavras. Se quizermos emmoldural-o numa escola, devemos collocal-o, de preferencia, entre os classicos francezes, mais perto dos seculos XVII e XVIII do que das escolas ephemeras do seu tempo. Virá da grande familia de Montaigne, La Bruyère e Voltaire, quasi sem parentesco com a gente de René ou de Madame Bovary.

Parece-me que outro factor concorreu para esta especie de liberdade litteraria de Machado de Assis — o conhecimento directo da litteratura ingleza.

Os nossos homens de lettras formam o seu espirito através da litteratura franceza. O que lhes chega de outras litteraturas é muito pouco, e sempre por intermedio da França. Seguem sem discutir o gosto, as modas e as paixões de Paris. Ora, um dos caracteristicos da litteratura franceza consiste justamente na divisão precisa das escolas. O genio francez é um genio de ordem e de methodo: cataloga, rubrica, divide e subdivide tudo, até a propria producção intellectual; tem sempre da clareza e precisão geometrica de Descartes e Taine. Apparecem os primeiros romanticos, como signaes de reacção contra a velha litteratura classica, e em nome da Natureza, da vida, da liberdade da intelligencia e da imaginação — crêa-se a escola, com as suas regras, seus canones, as suas Elviras, os

seus Renés, a sua riqueza verbal e o seu sentimentalismo. Cansa-se, esgota-se o genero nas mãos dos ultimos discipulos ? Apparecem os realistas, e outro cenaculo se funda, com os seus preceitos e processos.

Na litteratura ingleza, creio que não será possivel especificação tão rigida: em politica, como em litteratura, as revoluções na Inglaterra são mais lentas e menos radicaes do que em França. Ha, talvez, um respeito mais profundo pelo passado, o que impede as mudanças violentas, e ha, sobretudo, o velho fundo individualista da raça, que dá aos homens, sem embargo do culto do passado, maior independencia moral, maior liberdade intima, maior confiança em si mesmos. O inglez resistirá mais á tyrannia da moda do que o seu visinho do Continente. Pode tolerar e applaudir ao mesmo tempo o **satanismo** de Byron e o optimismo burguez de Walter Scott. Em França, é quasi absurdo presuppor Delile e Victor-Hugo, na mesma época; um ficaria **demodé,** anachronico. Só depois que passam ambos, é que podem ser comprehendidos egualmente.

Houve em Machado de Assis influencia muito sensivel da litteratura, ou, pelo menos, de alguns escriptores inglezes. Em Swift, Thackeray, Sterne e Dickens depararam-se-lhe correspondencias intimas de aproximação sympathica. Leu-os com affecto, haurindo o gosto da forma livre, o **humor,** os toques de amargura e des-

espero, que corrigiam a influencia franceza e a exuberancia do meio natal, e que, principalmente, lhe falavam aos sentimentos e ás tendencias innatas.

O seu fundo de ironia encontrava no **humor** a forma precisa. O **humor,** Taine o defeniu, é uma especie de ironia grave e amarga. O humorista não se confunde com o simples ironista ou com o satyrico, como estes ultimos não se confundem entre si. No ironista pode existir muito optimismo, muita sympathia natural pelos homens e pela vida; no satyrico, ha sempre o odio, a raiva concentrada, que extravasa e corróe. A ironia, no sentido francez que lhe attribuo aqui, **raillerie, moquerie,** é mais uma attitude do que um sentimento, um grão de malicia para temperar a sensaboria das cousas. Creio que é o caso de Voltaire e Anatole France.

O humorismo é mais profundo, e está, de algum modo, entre a ironia e a satyra ou sarcasmo. Pode ser que provenham todos da mesma causa psicologica — a consciencia, em certos espiritos superiores, do desaccordo eterno da vida e da propria superioridade em relação aos outros homens — mas tomam formas diversas. A cada sensibilidade, a sua maneira especial de reacção. Os vicios, os ridiculos, as tolices humanas que levavam Swift até á blasphemia e o desespero, e Eça de Queiroz até a aggressão, fariam esboçar em Machado de Assis um sorriso sceptico e amargo. Fallido

nos sentimentos sympathicos e na capacidade de agir, é um misanthropo, um negativo, que se defende pelo humor.

Para temperamento assim aquilatado, o romantismo era roupagem muito larga ou muito estreita. Faltavam-lhe virtudes essenciaes: o amor da Natureza, do **décor**, a facilidade do enredo, e desvario de imaginação. A sua arte é toda intima, toda subjectiva. Foi muito mais psicologo do que romancista. Dahi, os seus pontos de approximação com Stendhal, um dos seus escriptores predilectos, resalvada, está claro, a differença de processos artisticos. Stendhal gostava de pintar heróes, commungando, de bôa vontade no altar do romanesco... Machado, mais independente, divagava, sorria, dizia cousas subtis... Por isto, os seus melhores livros, mais seus, mais caracteristicos, são **Quincas Borba, D. Casmurro, As Memorias Posthumas de Braz Cubas** e alguns outros do mesmo genero, onde todas as liberdades de technica lhe são possiveis.

Esta constitue para mim, a suprema virtude artistica de Machado de Assis. Em nossa litteratura são raros os artistas que teem preoccupação de idéas. Em regra, somos muito mais rhetoricos do que pensadores; interessam-nos, sobretudo, o aspecto externo das cousas, a Natureza e a sociedade. A alma humana, nos seus pequenos mysterios e subtilezas, nos importa mediocremente. Existem em nossa bibliogra-

phia, numerosos romances de costumes e paizagens, mais de paizagens do que de costumes, e alguns livros de idéas que agitam problemas sociaes e nos obrigam a pensar; mas faltam-nos livros de analyses intimas, **Adolfos,** isto é, o que, na technica litteraria, se chama propriamente — romance psicologico.

Machado de Assis torna-se, pois, um caso á parte, um escriptor singular, sem filiação, nem parentesco em o nosso meio litterario. Perguntamos á nós mesmos, como pôde este homem isolar-se na sua torre de marfim, resistir ás influencias ambientes, fixar a sua exquisita personalidade? Deve ser muito difficil atravessar a onda crespa do meio sul-americano, conservando a pureza primitiva. Suffoca-se, morre-se depressa. Machado de Assis, entretanto, conseguiu resistir.

Das mais humildes são as suas origens. Começa a vida á propria custa, exercendo profissões infimas ou subalternas: sacristão, typographo, caixeiro de livraria, empregado de secretaria de Estado, onde percorre todos os postos burocraticos. Fóra das lettras, não se lhe aponta um facto, um relevo, uma distincção na vida; a sua biographia é apagada e mesquinha. Creio que foi sempre um bom burguez, typo ideal de funccionario publico, resignado e tranquillo, respeitador das cousas acceitas, temente aos regulamentos e aos ministros. A sua finura e a sua independencia eram de outro Macha-

do, o Machado dos livros e pensamentos. Duas pessôas distinctas, e uma só verdadeira: um mysterio de santissima dualidade... A penna maliciosa de **Braz-Cubas,** a redigir officios respeitosos... Entretanto, não ha vida mais enervante, com o livro do ponto, as formas tabelliôas, a inercia, os bocejos, a meia pobreza, as pequeninas invejas, as ambições miudas, o ar de tristeza, o aspecto de vencidos que, em regra, caracterizam os funccionarios publicos de todos os paizes. O homem de espirito sente-se chocado, ferido no seu orgulho intimo, diminuido pelo estigma de inferioridade, que não merece ou suppõe não merecer. Aspiraria ás posições de dirigente, ou, ao menos, ás situações em que podesse affirmar-se e impor-se, tendo a certeza de que é alguem, um effectivo valor social, e que o seu esforço não se perde, que o proprio trabalho não é o trabalho inconsciente de um dente de machina.

Machado de Assis parece conformar-se facilmente com o proprio destino. Dir-se-ia que não desejou outra cousa na vida além de um emprego de Secretaria. A pobreza o trenara, e eu não sei, apesar da grave moral dos livros didaticos, se a pobreza é uma bôa escola de caracteres. Quasi sempre diminue o homem no seu proprio conceito, torna-o desconfiado e triste, fazendo-o oscillar entre os extremos do orgulho doentio e da resignação miseravel. Talvez a humildade das origens e a pobreza da pri-

meira phase da vida tivessem logrado amortecer o que podesse ter havido de revolta no espirito de Machado de Assis, legando-lhe apenas a amargura. Termina por perder as ambições e resignar-se á fatalidade das cousas. Ademais, foi sempre um timido e um contemplativo, incapaz de agir, fechado comsigo mesmo, desconfiado e distante.

Julgo que afóra a amisade terna e casta de sua Carolina, nenhum perfume de mulher lhe perturbou a alma. Quando muito lhe embriagou momentaneamente os sentidos. Os seus versos de amor são geralmente frios e artificiaes; não traduzem ansias, desesperos, a delicia e a tortura de um sentimento que se viveu e que deixa n'alma um sulco indelevel. Cantou o eterno feminino, como todos os poetas o cantam, e por isto mesmo, não consegue commover, não nos toca o coração. Adeja-lhe em derredor sem o penetrar: **circum pericordia ludit...**

Quem nunca se queimou em holocausto ás mulheres, difficilmente estimará os homens. Creio que Machado de Assis não teve um amigo, que fosse mais do que simples relação intellectual. Tomaria para si o conselho falso e egoistico de Fradique moço: «o homem não se deve mostrar aos seus semelhantes senão unica e serenamente occupado no officio de reinar, isto é, de pensar...» No intimo, duvidava dos homens, como duvidava das mulheres, da huma-

nidade toda, e a philosophia de sua obra consiste, em summa, nesta duvida.

Receava o ridiculo de um logro ou de uma decepção. Ha um conto seu, um pouco á maneira de Edgar Pöe, em que elle estuda a situação de um desconfiado — A **Segunda Vida.** E' a historia de um louco, que suppõe ter morrido e depois, por uma concessão especial do Padre Eterno, em dia de jubileu divino, ter nascido novamente, com a vantagem da experiencia dos homens e das cousas. Tortura dantesca; desconfia de tudo e todos, de uma rosa que pode guardar um insecto venenoso entre as petalas, do olhar de uma mulher, do riso de uma creança, da amisade de um amigo... Salvo o exaggero da ficção, Machado foi um pouco assim. Desconfiava de tudo e, porque não era louco e tinha espirito, sorria e philosophava atravez das suas duvidas e desconfianças.

Os seus livros, ou pelo menos, os livros da sua feição litteraria definitiva, não têm heróes; Machado de Assis não os conhece ou não os estima. Como Paulo Luiz Courier, desconfiava dos grandes homens. Um Napoleão épico, de Austerlitz ou Iena, talvez não o impressionasse; a sua curiosidade perfida quizera vel-o de perto, sem o chapeu armado e a **pose** fatal, no desalinho domestico, um simples M. Bonaparte, marido de Mme. Josephina, feito da argila commum, com os pequenos vicios, as vaidades es-

tultas, o orgulho vão dos outros homens. Braz Cubas inventa um emplasto—Machado de Assis sorri perversamente em todo o livro; Quincas Borba crêa um novo systema philosophico—Machado não lhe perdôa e acaba por internal-o no Hospicio de Alienados... O homem é um mecanismo interessante que elle gosta de desmontar para estudar, sobretudo, o jogo das pequenas peças.

As attitudes não o illudem, os largos gestos não o commovem; quer conhecer-lhes os motivos intimos, analyzar-lhes o determinismo psicologico. Vae, pois, ver por si, mas não vê de uma vez, num relance de olhos: falta-lhe a faculdade que Taine descobriu em Saint-Simon e Shakespeare, de penetrar violentamente na alma alheia. Seguirá antes o processo que Taine attribuia a Balzac: não pinta os homens, disseca-os, um musculo, uma veia, um nervo, só chegando ao cerebro e ao coração, depois de percorrido o circulo integral dos orgãos e funcções.

As figuras dos seus ultimos livros são figuras miúdas, de mediocridade extrema. Elle é sempre o analysta das nuanças, das subtilezas, das pequenas miserias, dos ridiculos humanos. Poeta, a sua inspiração não se eleva, não tem um momento de grandeza ou vehemencia; o seu lyrismo é sempre sobrio e egual. Passa atravez de Hugo, da geração de Castro Alves e dos **condoreiros,** quasi sem vibrações e sem en-

thusiasmos. Estranha figura! Vive 70 annos, no Rio de Janeiro, do Ministerio para a Garnier e o retiro das Aguas Ferreas, sem curiosidades alheias a sua arte. Não deseja ir á Europa, que é a patria do seu espirito, conhecer outros paizes, outros costumes; desconhece S. Paulo e os aspectos de nossa vida rural, as possibilidades do nosso desenvolvimento e civilização. Dir-se-ia que fóra dos livros e do mundo das idéas, nada existe para elle, que pouco lhe importam as nossas cousas, os problemas da nossa vida. Fecha-se dentro de sua arte, surdo ao rumor do mundo. Que pensaria Machado de Assis da Republica? perguntou Eça uma vez. Que pensaria do Imperio, da Abolição, de Canudos, da Revolta de Setembro? Ninguem sabe; em seus livros ha reminiscencias da escravidão, mas reminiscencias tranquillas de artista, que apenas contempla os phenomenos sociaes e não os applaude nem condemna. O estranho movimento de Canudos, que valeu a Euclydes da Cunha o livro mais forte da nossa litteratura, merece de Machado de Assis algumas paginas ironicas (**Paginas Recolhidas**) em torno da figura do Conselheiro. O phenomeno da vida nacional que, talvez, mais o interessou foi o Encilhamento. Ha em diversos livros seus, figuras de corretores, historias de Bolsa, de fortunas fabulosas, que se fizeram e desfizeram num dia.

A mim, não me seduz este aspecto de Ma-

chado de Assis. Afigura-se-me, de algum modo, uma revelação de egoismo e misanthropia.

N'um paiz de civilização acabada, comprehende-se e justifica-se um puro artista, um homem de lettras, vivendo dellas e para ellas sómente. Existe uma litteratura definida, uma profissão de litterato, um publico numeroso que se interessa pelas cousas de arte. As riquezas accumuladas, os grandes centros de cultura, as tradições seculares, crearam uma **élite** requintada, que tem o direito de viver das cousas do espirito, no mundo dos pensamentos e dos sonhos. O artista trabalha para o seu uso; é, emfim, um profissional que completa o jogo da ciivlização.

Num paiz em formação como o Brazil — que os poetas e os artistas perdôem a minha sinceridade bárbara — o homem que se limita ao campo das puras lettras tem o ar exquisito de planta exotica. Não tem funcção; é um exilado, um lunatico, um negativo, de menor efficiencia social do que qualquer fabricante de velas ou creador de zebús. Aquelles a quem Deus permittiu idéas e a ventura de as saber articular, não têm o direito de se insular no egoismo dos proprios sonhos e pensamentos. São plantas raras e, por isto mesmo, mais preciosas num vasto paiz de analphabetos. Devem preoccuparse com os factos nacionaes, agindo pela suggestão das idéas sobre a grossa massa dos dirigidos ou sobre a **élite** dos dirigentes. A philoso-

phia negativa da duvida e do scepticismo ainda é mais absurda na America do que na Europa.

Como é possivel ficar-se estranho á sorte da propria patria? Ha sempre no mais pacifico e abstracto dos homens uma idéa de natureza politica, um programma intimo de reformas, uma revolta contra os erros e a perversidade dos politicos. De Machado, não se sabe nada. Atravessa os periodos mais agitados da nossa vida publica, é testemunha de todos os erros e crimes, sem que se lhe ouça uma palavra de applauso ou condemnação. Falta-lhe, talvez, o que os inglezes chamam **Character,** e que é preciso escrever com **ch** e lettra maiuscula, isto é, personalidade moral, distincta e forte, capaz de se affirmar, de se impor. Foi simplesmente e absurdamente um intellectual, um espirito, uma intelligencia, que se fez homem. Poder-se-ia applicar-lhe, sem grande perversidade, e invertendo-a, a phrase celebre de Pascal: «suppunhamos encontrar um homem, e achamos apenas um autor...»

Não sei se sou illogico, exigindo de um artista preoccupações sociaes e politicas. Contentar-me-ia, entretanto, se encontrasse na obra de Machado de Assis uma sensibilidade mais viva aos phenomenos da vida nacional. Não era necessario que fizesse pamphletos ou jornalismo politico. Na propria obra d'arte ha meios de se servir ao paiz. Não se deve, comtudo, concluir das minhas palavras que a obra de Machado de

Assis não tenha limites no espaço e no tempo, que as figuras que estudou sejam figuras sem patria e sem idade. Não; os heróes dos seus livros são perfeitamente brazileiros; existiram, ou poderiam ter existido no Brazil, ou, melhor, no Rio de Janeiro, seu scenario unico, de que gosta de evocar, numa saudade de velho, as velhas ruas e os velhos costumes, indifferente, todavia, á incomparavel paizagem da cidade.

Mal, porém, os encara, como typos curiosos aos vagares de um psicologo; não se lhe dá do meio que os condicionou, nem lhe interessa indagar as origens sociaes de suas virtudes e seus vicios. O mal dos **virtuoses** extremos da especie de Machado de Assis é a obsessão da arte pela arte. Não podem comprehender que esta seja um meio para um fim de utilidade social.

Todavia, não quero insistir neste aspecto do genio de Machado. Lembro-me de um sabio conselho de S. Francisco de Salles: «algumas pessôas gostam de julgar temerariamente pelo simples prazer de philosophar e adivinhar os costumes e temperamentos alheios. Quando, por infelicidade, encontram alguma verdade nos seus julgamentos, a audacia e o apetite de continuar crescem de tal maneira que é difficil detel-os...»

Um estudo sobre Machado de Assis deve consistir na analyse objectiva de sua obra, e para semelhante estudo, o methodo mais facil

e fecundo é o de acompanhal-a systematicamente nas suas diversas manifestações. Foi poeta, escriptor de theatro, romancista, **conteur** e critico, e como poeta, comediographo, romancista, **conteur** e critico, deve ser estudado.

———

— Machado de Assis não é um grande poeta. O maior dos nossos escriptores, o grande mestre da prosa, poderá ser simplesmente um poeta correcto.

A poesia consiste, em toda parte e através de todas as escolas, na profundeza dos sentimentos e na emoção e calor da forma. Machado, sendo menos superficial do que a maioria dos poetas brazileiros, não tem, entretanto, o verdadeiro sentimento poetico. Foi um temperamento frio, pouco emotivo, ironico e sceptico — virtudes negativas para a poesia. Pode rimar impeccavelmente, sem se elevar muito desta habilidade. As qualidades de sua poesia são qualidades de prosa; medida, graça, bom gosto, correcção de linguagem. Sente-se á primeira leitura que a poesia não é a sua expressão natural. Não pensa em verso; o seu pensamento não se crystaliza nesta forma artistica. Por mais profundamente que se adquira uma lingua estrangeira, guarda-se o sotaque do idioma materno, um quê longinquo, que se torna o signal psicologico, a ultima raiz que prende os ho-

mens á patria primeira. Machado, na poesia, fala uma lingua estranha. Conhece a metrica, os versos decorrem-lhe naturalmente, sem grande esforço apparente. Não escreveria, como Pöe e Beaudelaire, os seus poemas em prosa, para depois os rimar e medir cuidadosamente. A traducção do seu pensamento é toda intima, mas é sempre uma traducção. Um poeta que escreve prosa fica sempre poeta; traz para ella o rythmo, as imagens, a verbosidade e a emoção dos poemas. Não engana aos technicos, pelo menos. E' o caso de Victor-Hugo, Lamartine e Musset ou, entre nós, de Castro Alves e Alvares de Azevedo. O phenomeno se verifica tambem com os prosadores de raça que tentam a poesia.

O que mais distingue Machado de Assis entre os nossos poetas é a preoccupação das idéas geraes. Na prosa como na poesia dos ultimos tempos, tem sempre o que dizer; não occulta a falta de idéas atraz da abundancia e brilho da roupagem. Em tudo o que escreveu, encontramos a substancia, a cousa em si, traduzida superiormente na liberdade da prosa toda sua, cheia de matizes, meias-tintas, reticencias, que deixam adivinhar mais do que está escripto. Mas esta philosophia negativa da duvida, aliás sem profundeza extraordinaria, que se mede e restringe, que não sabe gritar e que sorri apenas, fica deslocada no verso. O poeta deve ter os pensamentos extremos, a sensibilidade violenta, que Taine chamava meio-genio, a coragem de

se affirmar fortemente na alegria e na dor. Se duvida e se contém, não falará á sensibilidade alheia.

Num paiz classico de poetas, ha, em verdade, rarissimos poetas, na accepção preciza da palavra, ou pelo menos, na accepção que Carlyle e Emerson lhe attribuiam — entes extraordinarios, semi-deuses, «que vêem as cousas que os outros apenas sonham», que «dizem, nomeam e representam o Bello». Temos homens de talento que, como dizia Emerson, cantam sem ser filhos da poesia, rhetoricos que confundem a eloquencia com a poesia, ourives do verso, para os quaes o pensamento é cousa secundaria.

O douto José Verissimo escreveu: «com todas as suas brilhantes e raras qualidades de emoção, faltou sempre á poesia brazileira profundeza de sentimento. Viva, eloquente até a facundia exuberante, colorida e vistosa, carece, por via de regra, de intensidade na emoção e sobriedade na expressão». Este é, realmente, um dos seus melhores typos, o mais commum, o mais sincero e representativo da indole da raça. Nós julgamos a vehemencia das imagens, as riquezas verbaes, as ousadias eroticas, sentimento poetico, e, generosamente, chamamos poetas todos os rimadores vagos que não se elevam de um lyrismo piegas ou de um malabarismo de palavras vãs.

Outro typo de poeta brazileiro, é o rima-

dor frio de futilidades, rhetorico e grammatico, Boileau ou La Harpe, que se suppõe Corneille ou Racine. Durante o romantismo, dominou o primeiro; ao lado de Alvares de Azevedo, Castro Alves e alguns outros «filhos legitimos das musas» abundaram os cantadores de Elviras pallidas. Com o parnasianismo, dominou o segundo; ao lado de Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e outros, multiplicaram-se os ourives, artifices e não artistas. Creio que actualmente apparece um terceiro typo — o dos symbolistas, exotericos, querendo forçar pela liberdade e extravagancia da forma a admiração avára dos outros.

Machado de Assis, que na poesia se livrou dos extremos, — teve idéas e foi sóbrio na expressão, — poderia ter sido um grande poeta, se aquillo bastasse para fazer um poeta e não fosse necessario, sobretudo, a centelha, o fogo divino, que melhor se sente do que se explica, e que é o signal por que Apollo reconhece os seus eleitos.

— Montam a quatro os seus volumes de versos. **Crysalidas** é o livro de estréa; seguem-se-lhe **Phalenas, Americanas,** e na ultima phase de sua carreira litteraria — **Occidentaes.** Não me parece possivel distinguir entre si os dois primeiros livros; obedecem á mesma inspiração e aos mesmos processos.

Ha em ambos um lyrismo tranquillo e egual, um tanto monotono e que hoje nos fati-

ga. José Verissimo chamou-o com acerto lyrismo garrettiano. Realmente, Garrett é o poeta que Machado, nesta primeira phase, mais nos lembra. A influencia de Gonçalves Dias se fará sentir mais vivamente no indianismo das **Americanas.** José Verissimo ainda filiou a poetica de Machado a Lamartine, Musset, Chénier e Castilho. Eu creio que a analogia entre o poeta brazileiro e os mestres do romantismo francez é muito longinqua; será uma approximação mais generica do que especifica. Aos seus versos faltam a melancolia intima de Lamartine, os desesperos talvez um pouco falsos do grande romantico, como tambem falta a graça commovida de Musset ou Chénier. O que de mais caracteristico se pode encontrar na poetica de Machado de Assis é a sobriedade da forma e o equilibrio da emoção. Os seus versos decorrem limpidos e tranquillos, frios e perfeitos. Abro ao accaso as **Crysalidas** e cito qualquer poesia — **Stella** ou **Musa Consolatrix.** Da primeira:

> — Já raro e mais escasso
> A noite arrasta o manto
> E verte o ultimo pranto
> Por todo o vasto espaço.

. . . .

Da segunda:

— Que a mão do tempo e o habito dos homens
Murchem a flor das illusões da vida,
Musa Consoladora
E' no teu seio amigo e socegado
Que o poeta respira o suave somno.

....

Em **Phalenas,** poderia citar tambem as innumeras estrophes de **Pallida Elvira:**

Quando, leitora amiga, no Occidente
Surge a tarde esmaiada e pensativa
E entre a verde folhagem rescendente
Languida geme visão lasciva;
E já das tenues sombras do Oriente
Vem apontando a noite, e a **casta diva**
Subindo lentamente pelo espaço,
Do ceu, da terra, observa o estreito abraço;

....

Quer em **Crysalidas,** quem em **Phalenas,** a maior parte dos versos tratam de assumptos amorosos. Machado de Assis canta o amor e as mulheres, como todos os poetas, mas deixa, a quem o lê, a impressão de que não canta os proprios sentimentos. Aqui, alli, entretanto, se

encontram toques de lascivia da raça, arripios de sensualismo perverso, que não diz tudo, que não se desnuda, a lhe encresparem as estrophes. Em **Visio,** por exemplo:

— Depois naquelle delirio
Suave, doce martyrio
De pouquissimos instantes,
Os teus labios sequiosos,
Frios, tremulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

....

A minha profunda admiração pelo Mestre, não me pode levar á affirmação, contra a minha consciencia e a minha sensibilidade, de que esses versos, que leio e releio, sejam de um grande poeta. Castro Alves, o sr. Olavo Bilac, o sr. Augusto de Lima ou o sr. Vicente de Carvalho, não escreveriam nunca um verso difficil, duro e falso, como este... **E no supremo dos gosos.**

Em **Crysalidas,** de 1864, Machado de Assis tenta, por vezes, a poesia épica, ao gosto do momento. Paga o seu tributo ao Mexico e ao martyrio da Polonia. Mas ainda aqui, não me parece que consiga attingir á verdadeira e gran-

de poesia. Basta comparar um momento, os poemas de Castro Alves, **Vozes d'Africa,** o **Navio Negreiro,** com as estrophes de Machado ao Mexico ou á Polonia. No **Epitaphio do Mexico:**

— Dobra o joelho; é um tumulo.
Em baixo amortalhado
Jaz o cadaver tepido
De um povo anniquillado
A prece melancolica
Reza-lhe em torno a cruz...

....

Na **Ode á Polonia:**

— Como aurora de um dia desejado
Clarão suave o horizonte inunda
E' talvez amanhã. A noite amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,
Cançado de te ouvir o inutil pranto
Alfim resurge no dourado oriente.

....

Americanas, como o proprio titulo o diz, obedecem á inspiração indigena, ao sentimentalismo então em voga. Constam de longos poemas, longos e monotonos, onde o poeta decanta as virtudes um pouco duvidosas do indigena brazileiro. Apesar de todas as qualidades de expressão, difficilmente hoje, conseguimos lêl-os.

Occidentaes, seu ultimo livro de versos, pertencem á idade madura, quasi á velhice. O espirito de Machado de Assis attingira o ponto extremo de sua evolução. E' então (1901) o mestre incontestado da litteratura brazileira. Na prosa, dera os seus livros perfeitos, as suas verdadeiras obras-primas — **D. Casmurro, Braz Cubas, Quincas Borba.** Sem mais filiação romantica, em plena independencia de escolas e ficções, tornara-se o prosador, o humorista cheio de graça e agudeza que ficou até o ultimo livro, nas vesperas da morte. Em **Occidentaes,** abandona tambem o lyrismo romantico dos primeiros tempos e o indianismo das **Americanas.**

O parnasianismo exerce na sua maneira poetica a mesma influencia discreta e temperada que o naturalismo exercera na sua obra de prosador. A forma é perfeita; conhece, vence todas as difficuldades da technica. Mais vivamente do que nunca, domina-o a preoccupação das idéas geraes. E' um pensador exclusivo, que despreza a Natureza e o pittoresco; os seus versos perdem em lyrismo o que ganham em profundeza de pensamento. Nesta derradeira phase poetica, lembra-nos Anthero do Quental, sem a inquietação dolorosa do genio portuguez, e mais descrente do proprio esforço para penetrar o mysterio eterno da vida.

São desta época algumas poesias celebres — **A Mosca azul, o Circulo vicioso, O Desfecho,** em que os themas são analogos — a impotencia

humana, o ridiculo das ambições, os desesperos da duvida, os motivos que preoccupam e agitam Anthero do Quental. O **Circulo Vicioso** evoca a **Divina Comedia** de Anthero. Cito ambos. O primeiro:

— Bailando no ar gemia inquieto vagalume:
«Quem me dera que fôra aquella loura estrella
Que arde no eterno azul como uma eterna vela!»
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

«Podesse eu copiar o transparente lume
Que da grega columna á gothica janella
Contemplou suspirosa a fonte amada e bella!»
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

«Misera, tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal que toda luz resume!»
Mas o sol inclinando a rutila capella:

«Pesa-me esta brilhante aureola de nume,
Enfara-me este azul e desmedida umbrella,
Porque não nasci eu um simples vagalume?»

O segundo:

—Erguendo os braços para o ceu distante
E apostrophando os deuses invisiveis,
Os homens clamam: Deuses impassiveis
A quem serve o destino triumphante,

Porque é que nos creastes? Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguiveis,
Dor, peccado, illusão, luctas horriveis
Num turbilhão cruel e delirante.

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?
Mas os deuses, com voz ainda mais triste,
Dizem: «Homens! Porque é que nos criastes?»

— No **Circulo Vicioso,** Machado de Assis revela a inanidade das ambições humanas, o desconcerto incuravel da vida; na **Divina Comedia,** Anthero traduz o desespero dos homens, as duvidas sombrias que lhe martyrizavam a propria alma, vindo ambos da mesma philosophia amarga e pessimista, de Leopardi ou Schopenhauer. Em Anthero, toma a forma de revolta e afflicção intima; em Machado, a de um scepticismo perverso que se occulta sob a mascara da ironia.

Repito com as **Occidentaes** a experiencia que fiz com os outros volumes de versos de Machado de Assis: releio-as, lenta e attentamente, e mais uma vez verifico o mesmo resultado: não me emocionam. Alguns versos fazem-me pensar como o faria uma pagina de Schopenhauer ou de Emerson. Outros são realmente

bellos, como os da traducção do **Corvo,** de E. Pöe. Parece-me que Machado de Assis, nas **Occidentaes,** é ainda menos poeta do que em **Phalenas** ou **Crysalidas;** tem menos frescura e espontaneidade. Sente-se que diria melhor em prosa o que disse em verso. No **Circulo Vicioso** mesmo, ha certo preciosismo, que nos dá a impressão de difficuldade vencida. Comtudo, nada disto exclue que se contem, entre os seus poemas, alguns impeccaveis. O soneto a Carolina é uma obra prima que ficará nas anthologias ao lado dos sonetos de Camões e de Bocage.

Machado de Assis não foi propriamente um escriptor de theatro. O seu dialogo é facil e espontaneo, a sua capacidade de observador e psicologo, indiscutivel; no entanto, falta-lhe a technica do officio. Aliás, elle mesmo não se illudia sobre as suas faculdades de dramaturgo ou comediographo. As suas pequenas comedias são sainetes ou proverbios, apologos dialogados, cheios de graça e malicia encantadoras. **Não consultes medico** e **Licção de Botanica** têm o mesmo brilho a mesma suavidade, de uma pequena comedia de Musset, como «**On ne badine pas avec l'amour.**»

Machado de Assis foi, sobretudo, um estylista sem rival, um delicioso **conteur** e um romancista de alto merito. Creio que ainda mais

conteur do que romancista, desde que o romance tem na litteratura moderna uma significação precisa. Se escrevesse numa lingua menos clandestina do que a nossa, seria, certamente, uma gloria universal, com o exito e o renome de Anatole France.

Dentro de certas restricções, pode-se dividir a obra de prosador de Machado de Assis em duas partes — a da phase romantica que comprehende os romances **Resurreição** (1872) **A Mão e a Luva** (1874) **Helena** (1876) e **Yáyá Garcia** (1878), os primeiros livros de contos, **Historias da Meia-Noite** (1869) e **Contos Fluminenses** (1873) e a da phase que, em falta de outro nome, chamo realista, e que começa com as **Memorias Posthumas de Braz Cubas** e vem através de **Quincas Borba** (1891) **D. Casmurro** (1899), **Esaú e Jacob** (1904) até o **Memorial de Ayres** (1908), e á qual pertencem a maior parte dos contos de **Papeis Avulsos** (1882) e **Historias sem data** (1884) **Varias Historias** (1904), **Reliquias de Casa-Velha** (1906) e a derradeira collectanea, de publicação postuma, **Outras Reliquias** (1910).

Em **Resurreição, Helena** e **A Mão e a Luva,** Machado de Assis segue mais ou menos os processos romanticos. São todas novellas romanescas, no estylo da época. Entretanto,

dentro do romantismo, Machado de Assis é o menos romantico dos nossos escriptores, o mais medido e o mais discreto. A sua ficção é simples, a sua narração clara e sóbria; falta-lhe o gosto do pittoresco e do pathetico. **Helena,** que lhe foi, segundo confissão sua, um livro particularmente prezado, é uma historia singela de amores. A narração se desenvolve logicamente, sem grande esforço, entre duas personagens principaes, Helena e Estacio, e algumas figuras principaes. Como Helena, **A Mão e a Luva** é uma historieta romantica. **Yáyá Garcia,** um pouco differente, traduz antes uma phase de transição entre o romantico e o humorista que vae surgir. Machado possuia virtudes que, em regra, faltavam aos nossos romancistas da escola romantica: o cuidado da realidade na acção e nos caracteres, a sobriedade do estylo, o apuro da forma.

Não é facil determinar a filiação litteraria de Machado de Assis na primeira phase da sua carreira. Todos os romancistas da escola romantica se parecem, como depois e mais intimamente, se parecem os romancistas realistas. Os seus mestres poderiam ter sido os romancistas francezes, e estou que Feuillet e George Sand mais do que qualquer outro. Talvez não tivesse lido ainda Balzac, Stendhal e Flaubert, e de certo, desconhecia os humoristas inglezes. No Brazil appareciam então os primeiros romances de costumes, com os livros de Manoel de

Almeida, Macedo e Alencar. Machado de Assis segue o veio ;não irá muito longe. Não poderá ser nunca um romancista de costumes; como a Benjamin Constant e Stendhal, o homem interessava-o apenas no seu aspecto de machina pensante. O enredo, obrigatorio no romance, parece manietar-lhe os movimentos. No conto, o seu espirito e o seu gosto de curioso e analysta de caracteres ficam mais á vontade. E' por este tempo, que, dentro do proprio romantismo, se podem encontrar em Machado de Assis os primeiros pruridos de independencia litteraria; perde-se ainda, em atalhos, apalpa o terreno, em busca do verdadeiro caminho. Tomo um volume de contos — **Contos Fluminenses** — de 1872; trata-se de uma collecção de historias romanescas.

As excellencias de prosador do futuro mestre estão em embryão; a lingua é incorrecta, o estylo, imprecizo, a narração, um pouco difficil, o dialogo, muitas vezes sem vida, os paragraphos curtos, como, em regra, os dos principiantes e dos escriptores sem espontaneidade. Abro o livro no «Segredo de Augusta» e encontro periodos como estes:

«Fechou a carta e mandou-a.

Pouco depois voltaram de fóra Augusta e Lourenço.

Emquanto Augusta subia para o quarto de **toilette** para mudar de roupa, Lourenço foi ter com Adelaide que estava no jardim.

Reparou que ella tinha os olhos vermelhos

e inquiriu a causa; mas a moça negou que fosse de chorar.

Lourenço não acreditou nas palavras da sobrinha, e instou com ella para que lhe contasse o que havia...»

Como forma, evidentemente, esses periodos estão mais perto de **Serge Panine** ou do **Moço Louro** do que do **Memorial de Ayres** ou de **Le Lys Rouge...** A maior parte dos contos de Machado de Assis, nesta época, é escripta assim, toada monotona de mediocre narrador romantico. Mas atravez de semelhantes defeitos de expressão, aqui, além, se revela o humorista de **Braz Cubas,** o observador sagaz e esperto dos ultimos livros. **Confissão de uma joven viuva,** por exemplo, é um estudo penetrante.

— Com as **Memorias Postumas** de **Braz Cubas,** publicadas em 1881, observou, em verdade, José Verissimo, Machado de Assis rompe os ultimos laços que o prendiam ao romantismo. Livro typico, onde se revela todo o primor do artista na definitiva integração de seu genio. A lingua attinge á perfeição. Ninguem no Brazil escreveu com semelhante graça e harmonia. Não tem a eloquencia poderosa de Ruy Barbosa nem a vibração de Euclydes da Cunha, os outros dois mestres contemporaneos da nossa lingua. Escreve como um grego ou um francez dos seculos XVII e XVIII. E' sua a elegancia, a finura, a medida, a graça de Montaigne, de La Bruyère ou de Anatole France, o ul-

timo classico francez. Não creio se registem na litteratura contemporanea, paginas mais bellas do que as do **Memorial de Ayres** ou das **Reliquias de Casa Velha.** Não podem ficar modelos de estylo periodos como estes do **Memorial de Ayres,** aberto ao acaso?

«Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta penna vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa do setimo dia, ou antes, ou antes ainda do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor.

Não, papel. Quando sentires que insisto nesta nota, esquiva-te da minha meza, e foge. A janella aberta te mostrará um pouco de telhado, entre a rua e o ceu, e alli ou acolá, acharás descanço. Commigo, o mais que podes achar é esquecimento, que é muito, mas não é tudo; primeiro que elle chegue, virá a troça dos malevolos ou simplesmente vadios...»

Das **Memorias Postumas de Braz Cubas** em diante, é que se sente em Machado de Assis a influencia do humorismo inglez. Lembra Thackeray, Dickens, Swift e Sterne mais do que todos. Por este tempo tambem, deve ter conhecido os realistas francezes, Balzac, Flaubert, Stendhal e Merimée, principalmente, que elle nos recorda pela susceptibilidade extrema, reserva e desconfiança, e pelo gosto da phrase

simples e curta. Guerra Junqueiro se quizesse definil-o, como definiu a Fradique Mendes, diria que Deus agarrou num bocado de Montaigne, noutro de Voltaire, noutro de Stendhal e Merimée, temperou-os com alguns classicos portuguezes, mergulhou-os num banho amargo da philosophia do Ecclesiaste e Schopenhauer, seccou-os com algumas doses de humorismo inglez, e depois, na fôrma, em que mais tarde se plasmaria Anatole France, modelou-o e disse-lhe: vae e vive absurdamente numa radiante cidade tropical, entre as violencias da Natureza e a rhetorica dos homens, passa cincoenta annos no fundo de uma repartição publica, entre amanuenses e bachareis...

As **Memorias de Braz Cubas,** como **Quincas Borba** e **D. Casmurro,** constituem, disse José Verissimo, a epopéa da irremediavel tolice humana. Uma historia singela a desse Braz Cubas, sem enredos nem complicações dramaticas. No fundo, como quasi todos os livros de Machado de Assis, não passa de simples diario de uma vida burgueza e mesquinha. Os proprios amores adulteros de Braz Cubas e Virgilia são tran-tranquillos e... quasi honestos. Não ha uma gotta de sangue, um gesto de tragedia, uma exclamação. Braz Cubas escreve as suas memorias... postumas. O livro começa, pois, pela morte do autor, «as duas horas da tarde de uma sexta-feira do mez de Agosto de 1869». Morreu de uma pneumonia, ou antes, de uma idéa grandiosa que

se pendurara ao «trapezio que tinha no cerebro». Dest'arte, é um defunto autor ou um autor defunto, que nos fala... O livro é insolito, começa pelo fim, não tem methodo apparente, pois, diz o proprio Braz Cubas que «isto de methodo, sendo como é uma cousa indispensavel, todavia, é melhor tel-o sem gravata nem suspensorios, mas um pouco á fresca e á solta, como quem não se lhe dá da visinha fronteira, nem do inspector de quarteirão».

Entretanto, sob esta forma livre, que lembra Sterne, o livro é amargo e perverso. Braz Cubas é uma figura querida á analyse de Machado de Assis — um impotente da vontade, que se deixa levar na onda da vida, com um sorriso tranquillo e sceptico. Vale a pena luctar, vale a pena um esforço? As cousas más acontecem sempre; as bôas podem acontecer ás vezes. Os homens são perfidos e egoistas; ninguem os corrigirá; ha sempre vantagem em se ser mau ou em se fingir tal... Esta é a philosophia de Braz Cubas, e é tambem um pouco a de Machado de Assis. Em 382 paginas das **Memorias de Braz Cubas,** não ha um gesto de nobreza, um movimento de piedade humana. Toda a obra se compõe de uma successão de capitulos curtos, ás vezes simples reticencias, onde se casam a duvida, a desconfiança e a deslealdade.

Faz mal a quem lê este humorista pessimista; sente-se mais pezado do que nunca o tédio de viver. Se a humanidade é toda assim,

o Conselheiro Ayres tinha razão: a vida é um officio cansativo. Braz Cubas é honesto e digno. Uma vez que um almocreve lhe salva a vida, elle quer recompensar com trez moedas de ouro o acto generoso. E' o seu primeiro gesto de gratidão; no entanto, medita, hesita, e vae reduzindo lentamente a gorgeta. Acaba por dar ao almocreve um cruzado de prata; o pobre homem fica radiante. Braz Cubas arrepende-se; foi de uma prodigalidade idiota; bastaria alguns vintens. Tem remorsos de sua generosidade... De outra feita, encontra uma moeda de ouro; mette-a numa sobrecarta e manda-a ao Chefe de Policia, para que seja restituida ao seu legitimo dono. Viva a probidade! Os jornaes decantam o gesto nobre; Braz Cubas tem um momento de celebridade. Dias depois, se lhe depara na praia de Botafogo um embrulho mysterioso; abre-o. São cinco contos de réis. Que fazer? Restituil-os ao dono? Nunca; são seus, bem seus, como uma sorte tirada na loteria. Estes cinco contos, diz elle, hei de empregal-os em alguma bôa acção, talvez um dote a alguma menina pobre ou outra cousa assim... Na mesma tarde em que fazia essas reflexões, foi levar o dinheiro á sua conta corrente no Banco do Brazil...

E a historia da borboleta preta? E' um pequeno facto, perdido no livro, mas que vale como um symbolo. Uma borboleta penetra no quarto de Braz Cubas, esvoaça em torno, pou-

sa-lhe no hombro. Era impertinente e agoureira; no bater das azas havia certo **ar escarninho.** Braz Cubas persegue-a com uma toalha, matando-a emfim. Agonia lenta e dolorosa. Braz Cubas commove-se: que mal lhe fazia o pobre animalsinho? Mas a reflexão e o consolo lhe vêm logo: por que diabo a borboleta não era azul?...

Quincas Borba e **D. Casmurro** são irmãos gemeos das **Memorias Postumas de Braz Cubas.** Provêm da mesma philosophia amarga e guardam a mesma forma humorista; ha nelles, como nos outros livros do Mestre, mil pensamentos profundos, numerosas observações verdadeiras e pungentes, pequenas anecdotas semelhantes ás do almocreve e da borboleta. Quincas Borba, capitalista e inventor de um systema philosophico — **Humanistas** — deixou em testamento a fortuna, a philosophia e o cão, que lhe herdou o nome e que o empresta ao livro, ao seu amigo Rubião. Rubião é tambem um vencido; vive explorado por todo o mundo, acaba louco e miseravel, numa velha casa de Barbacena. D. Casmurro é uma pobre alma sem vontade, affectuosa e bôa. Que lucrou com isto? Capitú, que elle amou desde creança, através da má vontade de José Dias e seus superlativos, e com os seus «olhos de ressaca que arrastavam para dentro como a vaga que se retira da praia em dias de ressaca» o trae com o seu amigo unico, o Escobar. O filho, Esequiel, a esperança e a alegria da vida, é filho de outro, do amigo...

Nos ultimos romances — **Esaú e Jacob** e **Memorial de Ayres,** o pessimismo de Machado de Assis attenua-se; elle abandona o tom quasi sarcastico de **Quincas Borba** e **Braz Cubas.** A influencia dos humoristas inglezes é menos viva; chega-se a pensar que se reconciliou com o mundo e com a vida. O **Memorial de Ayres** é mesmo um livro commovido e humano, escripto com uma delicadeza e uma suavidade encantadoras. Eu só me lembro na litteratura contemporanea de um livro que se lhe possa comparar — **Le Crime de Sylvestre Bonnard,** de Anatole France.

Só os dois grandes e incomparaveis espiritos poderiam prender o nosso interesse e a nossa curiosidade em torno da historia simples da **Buche,** de **Jeanne Alexandre** e do diario do conselheiro Ayres, porque quasi sómente elles conhecem ainda, na grosseria e na emphase que contaminaram para sempre a litteratura contemporanea, o segredo da finura, da graça, da sobriedade e da delicadeza. O **Memorial de Ayres** foi inspirado pela saudade da esposa e companheira que se partira; tem, assim, certos toques de emoção pessoal, que Machado evitara sempre. Vinga-nos do pessimismo de—**Braz Cubas,** traz-nos o gosto de viver. Invejamos a felicidade tranquilla e casta do casal Aguiar, que o velho diplomata, Conselheiro Ayres, descreve com sincero enternecimento. Ha, emfim, algu-

mas pessôas puras e bôas, que não vivem na malicia e desconfiança reciproca.

———

Conteur, Machado de Assis é, na segunda phase de sua carreira litteraria, o humorista e o pessimista de **Braz Cubas** e **D. Casmurro.** Já se revelara em alguns trabalhos dos primeiros livros, na **Theoria do Medalhão** e no **Alienista,** o ironista consumado que veio a ser depois. Desde os **Papeis Avulsos,** de 1882, até a ultima collecção de contos — **Reliquias de Casa Velha** — as suas pequenas novellas reflectem a mesma philosophia dos seus grandes romances. São todas analyses penetrantes e pungentes, ás vezes, burlescas, outras vezes, tetricas, de caracteres e temperamentos. Machado mostra-se um mestre consumado do conto. Pode ser comparado a Maupassant, Daudet e Eça de Queiroz, cada um, com os seus processos litterarios e a sua visão pessoal da vida. Qualquer dos seus contos vale como um modelo da especie. Em **Varias Historias,** por exemplo, recordo-me, no momento, da **Cartomante,** da **Causa Secreta** ou do **Enfermeiro.** Em **Paginas Recolhidas,** do **Caso da Vara,** uma das historias mais dolorosas que tenho lido, na sua simplicidade calculada, um symbolo do egoismo e da miseria humana.

Damião fugiu do seminario, para onde

não deseja voltar. Procura a protecção de Sinhá Rita, viuva querida de João Carneiro, padrinho de Damião e cuja intervenção poderá evitar para sempre o seminario. Sinhá Rita vivia de ensinar rendas e bordados. Entre as suas discipulas havia uma pequena escrava — Lucrecia, de onze annos, «magricella», um frangalho de nada com uma cicatriz na testa e uma queimadura nas mãos, tossindo muito, mas para dentro, para não encommedar os outros». Rita não lhe poupava os gritos e a vara de marmello. Naquella noite, a pobresinha, distraida pela chegada de Damião, não acabara a tarefa. A vara vae cantar... Damião resolve interceder junto de Sinhá Rita; era uma barbaridade... Sinhá Rita ia salval-o tambem do seminario. Não importa! Damião encontrará na sua piedade a coragem necessaria.

«Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-as; todas as discipulas tinham concluido a tarefa. Só Lucrecia estava ainda á almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ella, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no ceu!

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos

da Senhora e fugiu para dentro; a senhora foi atraz e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdôe, tossia a negrinha.

— Não perdôo, não. Onde está a vara? A vara estava á cabeceira da marqueza, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

— Sr. Damião, dê-me aquella vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa delle, atrazara o trabalho...

— Dê-me a vara, sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direcção da marqueza. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pae, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um accesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas elle precisava tanto sair do seminario! Chegou á marqueza, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.»

Não ha, como se vê, caso mais simples e mais vulgar. Entretanto, não vale um longo livro de psicologia? Quem jogará a primeira pedra contra Damião? Na vida, piedade, digni-

dade, nobreza, são lastros pesados; todo Damião joga ao mar, e á sua sorte, as Lucrecias que lhe difficultam o caminho... Aqui, além, os contos de Machado de Assis são verdadeiros apologos: **Identidade,** em **Outras Reliquias, As Academias de Sião** e a **Igreja do Diabo,** em **Historias sem Data, Um Apologo,** em **Varias Historias;** ás vezes, phantasias macabras, como a **Segunda Vida,** phantasias de philosopho em bôa veia, como **Idéas de Canario** e **Conto Alexandrino.** O que ha de constante em todos elles é o estylo, a graça e a sobriedade da expressão. Ninguem sabe contar assim; é um privilegio seu, aquelle modo tranquillo e egual que, á primeira leitura, nos dá a impressão de um Boccacio amavel e casto.

As cousas más e perfidas que pensou, elle as traduz com tal simplicidade e tal ingenuidade apparente que nos illudem. Mas este homem sorri de nós; nas entrelinhas, nas reticencias, adivinhamos-lhe o sorriso perverso, que nos perturba e nos faz mal. Não é um avô bonacheirão, ou um Perrault ingenuo do «Barba-Azul» ou da «Pelle de Burro», como pode parecer aos incautos, quem começa pequenas historias á maneira das de Machado: «Não me perguntem pela familia do Dr. Jeronimo Halma, nem o que elle veio a fazer ao Rio de Janeiro, naquelle anno de 1768, governando o conde de Azambuja...»; «Imagine a leitora que está em 1813, na egreja do Carmo, ouvindo uma d'aquellas bôas festas

antigas», «Chama-se Falcão o meu homem. Naquelle dia — 14 de Abril de 1870...», ou ainda; «Padrinho, vossemecê assim fica cego.

— O que?

— Vossemecê fica cego; lê que é um desespero. Não senhor, dê cá o livro...»; «Uma noite, voltando para casa, trazia tanto somno que não dei corda ao relogio...»

Ficae em guarda. A abelha zumbe, vae de flor em flor, abre ao sol as pequenas azas de ouro. Contemplae-a de longe; de perto, picará e fará soffrer... Este artista que nos fala uma lingua encantadora, e que parece tão innocente e ingenuo, é uma alma cheia de fel. Não ama a vida, não ama ninguem. Sorri, porque não pode gritar. Se Deus lhe dera um temperamento forte, teria sido um combativo como Courier ou como Armando Carrel; escreveria as **Guêpes** ou os **Maias,** assignaria pamphletos como os de Swift. Foi um timido, um lymphatico e, mais triste ainda, um epileptico, a extravazar a bilis e o desespero em livros de ficção.

Nada sei de sua vida intima; não creio, entretanto, que tivesse sido generoso e affectivo. Cada qual se descobre no que escreve. Machado de Assis revela nos seus livros sentimentos egoisticos e estreitos. Faltou-lhe, de certo, o classico leite de bondade humana, que é, afinal, a maior ventura da vida. Como acontece a todos os intellectuaes de sua especie, o excesso de vida mental entorpeceu-lhe os sentimentos af-

fectivos. Não viveu a grande vida exterior, que forma o caracter, apura as virtudes viris e humaniza o coração. Ascendeu lentamente da miseria primitiva para a mediocridade tranquilla de funccionario publico. Conquistou o seu logar ao sol sem este esforço violento que é a maior gloria dos **seulf made-men.** Não turvou a agua que o rival poderia beber — ninguem turvou a sua. Faltou-lhe na vida um fim humano. Mal conviveu com os paes; não teve filhos, irmãos, alguem para quem trabalhar, luctar e guardar. Nenhum ideal politico, nenhuma campanha patriotica, como foi a abolição para o intellectualismo de Nabuco, nenhuma empreza, nenhuma fundação de beneficiencia, conseguiu attrail-o, exigindo o sacrificio de sua acção e de sua propria vida.

Viveu dentro dos seus livros, cultivando a flor da amargura, sem acreditar nos homens e em Deus, que lhe merece apenas as homenagens que se devem a um cavalheiro altamente collocado, digno de consideração e respeito... Das philosophias por onde andou, ficaram-lhe simplesmente os reflexos do pessimismo aggressivo de Schopenhauer e alguns toques do determinismo fatalista. Não colheu entre ellas nenhum systema, nenhum apoio moral, nenhuma regra de proceder. Viu o mundo através do veu cinzento de sua misanthropia e de sua implacavel molestia.

———

Como critico, a obra de Machado de Assis é muito pequena. Creio que está toda resumida no livro — **Critica,** — publicado pelo cuidado e commovida saudade deste fino temperamento de artista, desta figura tão curiosa de doçura e bondade, que é Mario de Alencar. Escreveu accidentalmente para jornaes, sem preoccupação de systematizar os seus estudos nesta calumniada especialidade litteraria. Entretanto, em nenhum dos nossos criticos profissionaes se concentram tamanhas virtudes de critico. Sobre qualquer delles, Verissimo, Sylvio ou Araripe, possue a incontestada superioridade do estylo. E' um escriptor magistral o que nenhum dos trez foi. Tem ainda a curiosidade do espirito, o gosto da analyse, uma alta sensibilidade artistica, uma larga cultura litteraria, e mesmo, certa instrucção philosophica.

Seria possivel fazer restricção á sua benevolencia. Eu, de mim, a louvo. Não acreditando na funcção pedagogica da critica, julgo que a maxima virtude do critico é a sympathia. Os máos livros, ou que taes nos parecem, não devem merecer os nossos cuidados; dos livros que se amam ou de pessôas que se estimam só se deve dizer bem.

José Verissimo chamou a critica de Machado de Assis, impressionista. Esta distincção entre critica impressionista e dogmatica é subtil. Toda critica é, no fundo, impressionista. Cada qual vê com os proprios olhos, ouve com os

proprios ouvidos; ninguem sae de si mesmo. A differença mais viva que se pode notar entre as especies de critica, consistirá em critica sem pretensões dogmaticas e critica judiciosa. Anatole France, por exemplo, dirá sobre um livro o que entender, tudo que o livro alheio lhe lembrar. José Verissimo, seguindo Brunetière, preferirá julgar o livro, com as trez ou quatro regras classicas que vieram de Boileau e La Harpe, evitando falar de si e traduzir recordações proprias. Ambos, entretanto, não sairão de si mesmos, do seu proprio temperamento, das suas proprias idéas, desde que não é possivel um padrão rigido, pelo qual se modelem todos os livros. A melhor definição de critica será, pois, a de Anatole France: um romance para uso dos sabidos, ou, em outras palavras, um livro que se escreve á margem dos livros alheios.

Aliás, Machado de Assis não segue precisamente este processo; não divaga em torno dos livros alheios. Prefere julgar o livro em si a analyzar idéas geraes ou adivinhar o temperamento do autor. Não sei se é possivel precisar um critico que tivesse exercido influencia poderosa nos seus processos criticos. Sainte-Beuve? Taine? Brunetière? Parece-me que não procurou seguir nenhum delles. Sainte-Beuve é um espirito inquieto e universal; tudo leu, tudo viu, tudo sabe. Quando critica alguem, faz como Balzac nos seus romances; vê o homem todo e analyza-o até o esgotar. Não ha nuan-

ça, aspecto, facto, que lhe escapem. A sua prosa, de rythmo largo e profundo, abrange tudo. Não basta lêl-o, disse Taine; é necessario sentil-o; elle é «como um desses perfumes compostos onde se respira ao mesmo tempo vinte essencias diversas, adoçadas pelo accordo mutuo». Machado de Assis não tem a universalidade nem a inquietação, nem ainda o enternecimento do grande Mestre. E' incapaz de falar de entes queridos com a eloquencia commovida do autor das **Causeries.** Taine é um philosopho, que levou para a critica o seu espirito geometrico e analytico. Brunetière é um doutor secco e arido, de férula em punho contra os erros de Balzac e os erros de Stendhal. Anatole France? Lemaitre? Faguet? Não creio. Machado de Assis não desejou jamais fazer critica; estudou alguns livros, sem methodo preconcebido, escreveu alguns prefacios para servir a amigos.

Entre os seus estudos criticos, o do **Primo Bazilio** é modelar. Elle viu, creio que antes de todos os criticos, os defeitos artisticos de Eça de Queiroz. Mostra-lhe as falhas, os cacoetes, as manias, tudo que enfeia os primeiros romances do grande escriptor portuguez. O artigo sobre a **Nova Geração,** que lembra o artigo de Sainte-Beuve—**De la Poésie et des Poëtes en 1852** (**Causeries du Lundi** V. V.), ao lado de excessiva indulgencia para com alguns poetas, de que, hoje, nem os nomes sabemos, é tambem um estudo

bem feito. Em **Instincto de Nacionalidade,** a sua critica alarga-se até os limites de um inquerito sobre as condições sociaes do Brazil em 1873 e seu reflexo na producção intellectual. Sobre o livro de José Verissimo—**Scenas da Vida Amazonica** — a sua benevolencia é extraordinaria. José Verissimo, o maior dos nossos criticos, culto, sagaz, judicioso e independente, foi sempre um escriptor mediocre. A sua lingua é difficil e pesada. Não sabe dizer com simplicidade e clareza; a phrase, talvez correcta grammaticalmente, tem um ar antiquado e antipathico. Causa oppressão, diria Flaubert. Parece-nos que a escreve com um esforço supremo, ligando mal os periodos, perdendo-se, a miude, em orações e paragraphos sem fim, complicados e confusos, cheios de incidentes e restricções, de **accasos** e **sem embargos,** de hiatos e cacophonias.

E' este, em resumo, o grande espirito: poeta sem merito extraordinario, **conteur** sem rival, romancista admiravel, critico penetrante, pensador e artista, o mais alto escriptor contemporaneo da nossa lingua. Daqui a cinçoenta, a cem annos, quando passar esta febre de grosseiro mercantilismo que hoje nos consome, quando o Brazil for, emfim, uma grande nação culta, e houver, realmente, uma **élite** numerosa, que saiba sentir e admirar as obras de pensamento e as obras de arte, o seu nome será a grande gloria da nossa intelligencia. E os criti-

cos que meditarem seus livros, difficilmente, comprehenderão como um mestiço, que nasceu e viveu numa democracia sul americana, pôde escrever como escreveram Montaigne, La Bruyère e Voltaire, filhos de Versalhes, da patria quasi perdida, da graça, da medida, da harmonia e da belleza...

Estava escripto este artigo e mesmo conhecido de alguns amigos, Barbosa Rodrigues, Goulart de Andrade e Agenor de Roure, quando appareceram em livro as conferencias do sr. Alfredo Pujol. Conheci-as então. Nada tive que modificar no meu trabalho. O formoso livro do sr. Pujol estuda o grande Mestre sob outro aspecto. E' mais uma biographia e um elogio, escripto numa lingua encantadora de clareza, do que um estudo psicologico. Eu vi Machado de Assis, como o viu o sr. João Ribeiro, num artigo sobre o livro do mesmo sr. Pujol. Porque não faltam entre nós maliciosos, ou simplesmente vadios, diria Machado, quero frisar tambem que já estava concluido o meu trabalho, quando foi publicado o artigo do sr. João Ribeiro, o que, aliás, este proprio poderia confirmar. Estudando o mesmo homem, encontramo-nos juntos muitas vezes.

Simples coincidencia, muito honrosa e consoladora para mim, pois, na minha merecida

obscuridade, desconfiava, ás vezes, que era uma grande ousadia aventurar algumas observações pessoaes sobre o caracter e o temperamento de Machado de Assis. Consolava-me, entretanto, a esperança de que, da sua benevolencia sceptica, teria o primeiro perdão, embora me fizessem tremer, como neste momento ainda, em que elle se encontra do «outro lado do mysterio», o seu sorriso perfido e o «incommensuravel desdem dos mortos...»

Helena B...

Souvent un peu de vérité
Se mêle au plus grossier mensonge
Cette nuit dans l'erreur d'un songe
Au rang des rois j'étais élévé
Je vous aimais, princesse, et j'osais vous le dire
Les dieux, à mon reveil, ne m'ont pas tout ôté
... Je n'ai perdu que mon empire...

(De Voltaire á princeza da Prussia)

A Afranio Peixoto

Meu caro amigo,

Pela terceira vez me pede v. que lhe conte toda a historia de mademoiselle Helena B..., que tão profunda impressão, diz em verdade, causou a mim e aos quatro amigos communs que, um anno inteiro, tivemos o encanto do seu trato intimo. Resisti sempre ás suas solicitações: Helena era, de algum modo, o nosso mysterio; instinctivamente, guardámos a maior reserva sobre tudo que lhe dizia respeito. Instinctivamente, escrevo bem, porque não saberia explicar, quanto a mim, ao menos, os motivos de semelhante attitude. Pudor, ciume, egoismo?

Tudo isto, e mais do que tudo isto, um quê de superstição mystica. Eu que nunca fui romantico, que nunca fiz versos, nem mesmo na idade heroica dos vinte annos e na delicia deste paiz de poetas, encontrei, afinal, esta centelha de romantismo e poesia.

Hoje, entretanto, cedo ás suas insistencias. Faz um anno que Helena se foi, e ai de mim!, para nunca mais, nunca mais...

Posso, pois, ser indiscreto, sacrificando-a e o meu pudor á sua curiosidade. V. é romancista; nessas pobres regras que lhe envio, sem artificios, nem preoccupações litterarias, na tristeza das minhas saudades, encontrará, talvez, o esboço de um perfil feminino. Presto assim ás lettras indigenas este pequeno serviço, que, desgraçadamente, é o unico que lhes posso prestar — entregar a v., mestre incontestado, homem subtil e profundo, um curioso motivo de arte. Leia attentamente o que lhe vou dizer, adivinhe o que a minha penna não conseguiu exprimir, e é possivel que Helena B... se lhe torne um typo de romance futuro. Um instante mesmo fico a pensar, com inveja, no seu exito, o mais grato dos exitos, que é o que se consegue entre as mulheres. Se eu escrevesse, creio que não trocaria o applauso dos quarenta daqui e, cousa séria, até da França, por um sorriso, um simples sorriso de uma mulher bella e intelligente...

Mas v. me permittirá que não lhe dê noti-

cias da vida de Helena, que não lhe faça a biographia. Sainte-Beuve, aquelle velho amigo das mulheres, que é um dos santos do nosso culto commum, escreveu que as mulheres não têm biographia, feia palavra para uso dos homens, a rescender a seus estudos e pesquizas grosseiras. Somente a um botanico, pode interessar a origem das rosas e seu destino; a nós outros, basta que «vivam o espaço de uma manhã», e tragam á tristeza e á fealdade do mundo um momento de graça e belleza.

Só posso contar-lhe a historia do espirito de Helena; da sua formosura, nem ousaria falar, com receio de repetir velhas phrases do romantismo piegas. Aliás, v. a viu um dia, e eu sei, porque estava presente, do seu deslumbramento...

Se v. fosse capaz de polluir a penna encantadora que escreveu a **Cigarra**, num desses grosseiros romances realistas, onde se narram a ascendencia dos heróes, as taras e os vicios dos avós, não lhe diria nada, porque não poderia dizer-lhe tudo. Mas, felizmente, v. tem graça e gosto; não ha receio de ver, de futuro, no dorso de um livro seu, este subtitulo tremendo: historia natural de uma rapariga na Republica brazileira...

— Helena B... veio do ceu, ou antes, veio do seculo XVII ou do XVIII, brilhou algum tempo no Consulado e no primeiro Imperio, nos salões de Mme. Récamier, perdeu-se de-

pois na sociedade aspera da nossa democracia. Era filha espiritual de Mme. de Maintenon, temperou a licença de Versalhes na severidade da educação de Fénélon, foi hospede de Mme. de Chatelet, em Cirey, ao tempo de Voltaire, esteve em Sceaux com a duqueza de Maine, conheceu Goethe na sua gloria de Weimar; e nas **Memorias** de Saint-Simon, se procurar bem, encontrar-lhe-á o perfil...

Faz dois annos que a conheci, por accaso, numa coincidencia, que julgo a mais alta ventura que a misericordia dos deuses me permittiu. Porque e como um barbaro, quasi um selvagem, vindo do fundo agreste de uma aldeia nortista, pôde penetrar na intimidade daquella exilada de Versalhes? Eis ahi o grande orgulho da minha vida. Queimei-me, e é possivel que ainda hoje me desespere, no fôgo de todas as ambições; aspirei ás cousas vãs do mundo: dinheiro, posição, renome, gloria... Mas creia v. que sacrificaria todos os meus sonhos por esta realidade vivida e que foi tão curta. **Deuses, conheci Helena!...**

Eramos cinco rapazes de sua intimidade: L..., aquelle poeta, de barbas nazarenas, que nos lembra Anthero, M..., philosopho bergsoniano, espiritualista e complicado, D..., diplomata insolito, que tem talento e maneiras, C..., politico e deputado, democrata e republicano feroz, pallido e cruel, como Saint-Just, e este pobre homem de S. José da Corôa Grande... Duas

ou trez senhoras secundarias, que se apagavam á sombra de Helena, completavam o nosso Décameron...

Fui o mais assiduo, e, se v. me concede um movimento de immodestia, o mais querido dos seus habituados. Mais do que aos outros, Helena distinguia-me com a sua affeição, e, de certo, porque em nenhum delles encontrou, tão viva, radical e absoluta, essa attitude de admiração, quasi de extase, em que vivi o anno todo e que, afinal, é grata ás mulheres, mesmo ás grandes mulheres...

Os meus companheiros eram homens da vida e do mundo. L... tinha e tem um grande nome, a palpitação romantica de mil corações femininos que lhe recitam os versos; M... e C... dividiam os seus cuidados entre a metaphysica e a politica, D..., tem os salões, o orgulho das conquistas, e, apezar do espirito, o da propria carreira. Eu fiquei completo e exclusivamente a serviço do seu culto.

Que me importava o resto? Vivi longo tempo, v. sabe, no mundo de Racine, Corneille, La Bruyère e Saint-Simon; guardava o que chamo absurdamente, em falta de outro nome, a saudade de Versalhes. Eis que, em o nosso meio prosaico, no Brazil republicano e egualitario de hoje, se me depara, num recanto de Copacabana, entre o asphalto, a luz electrica, os jornaes e as eleições, uma miniatura de Rambouillet —

a graça, a harmonia e o gosto incomparaveis, o encanto e a delicia de viver.

Julgue do meu alvoroço; despi-me dos meus cuidados e mergulhei tranquillamente na felicidade que se me offerecia. O Brazil agitava-se, então, numa grande lucta politica; as paixões partidarias dividiam o paiz como uma guerra civil. Que valia tudo isto? No dia, em que as forças legaes bombardeavam os marinheiros revoltados, e ia pela cidade desfeita um alarme de espanto e medo, liamos versos de Racine... A's portas da Revolução, Versalhes divertia-se; é uma **émeute,** pensava confiadamente o rei...

Depois, foi o horror dos dias idos e que parecem tão longinquos á nossa memoria curta: os assaltos, as violencias, os crimes, o periodo de megalomania e loucuras, que tão profundamente perturbou o curso da nossa vida politica. Continuamos a ler Racine, a decifrar o tranquillo Descartes e a inquietação ardente de Pascal...

Não creia, entretanto, que a crise politica não interessava a nós todos; C..., o mais ardente revolucionario daquelles tempos, trazia-nos o éco das luctas do Congresso e das ruas e fazia vibrar em nós as proprias paixões. Ademais, eramos brazileiros e tinhamos alli, ao vivo, uma experiencia social. Mas o nosso interesse era mais historico do que partidario, quasi scientifico, se ouso palavra tão grave.

Helena possuia a intelligencia muito viva e muito universal para se fechar a qualquer phenomeno da vida. A politica interessava-a; lêra Rousseau, Voltaire, Mallet du Pan, Burke, alguns historiadores e escriptores politicos do seculo passado, Taine, Buckle, Proudhon, Tocqueville e, mais recentemente, Bryce. Os estudos politicos eram-lhe, pois, familiares. Não tinha contudo paixões politicas, e, claro, não podia tel-as, principalmente, em nosso paiz, onde ellas são tão estreitas, pessoaes e mesquinhas. Conhecia os homens da Republica, as figuras ephemeras do momento, pois, pasme v., lia os jornaes indigenas!

Certas figuras contemporaneas, o senador F..., ministro L..., G.. e T..., despertavam-lhe um horror instinctivo; as suas melhores sympathias iam para P..., este forte temperamento de estadista, cheio de talento, brilho e energia, que ella conheceu, mais do que isto, adivinhou, e que a politica teima criminosamente em deixar á margem...

Porem, meu caro amigo, eu divago através das minhas impressões e das minhas saudades, sem lhe dizer precisamente quem foi Helena B... V. desejaria que eu lhe traçasse um perfil ou, ao menos, um esboço. Difficil tarefa a que me exige! Esta noite, reli algumas paginas de Saint-Simon, alguns retratos femininos de Sainte-Beuve, todo o La Bruyére, a ver se o geito me vinha. Inutil o meu trabalho, perdida

a minha vigilia. Nem sei principiar... As minhas idéas e as minhas recordações despertam em tumulto, e não encontro meios de as pôr em ordem...

Deveria, talvez, como aconselhava Taine, procurar na complexa figura moral de Helena B... a virtude dominante, que a caracterizasse e definisse. Homem sensual, dirá você comsigo, que foi a sua extraordinaria belleza que nos prendeu e captivou. O resto seria secundario, phantasia das nossas paixões e das nossas saudades. La Bruyère disse: «um bello rosto é o mais bello de todos os espectaculos e a harmonia mais doce é a voz daquella que se ama...»

Certamente, a belleza de Helena impressionou a todos nós. Não seria sincero, nem digno de sua confiança, se lhe não confessasse que todos tivemos o nosso momento de paixão. Ainda hoje, Helena é o meu modelo, a minha medida de belleza; não posso admittir que alguem seja bella, sem que me lembre o seu typo, sem que tenha a sua estatura, mais que média, a suprema elegancia do seu corpo forte, a alvura immaculada da sua pelle, os mesmos olhos verdes, os mesmos cabellos louros, a bocca, entre grave e ironica, e, sobreposse, a doçura incomparavel de sua voz e a graça unica dos seus gestos. Mas os nossos sentidos se aquietaram; o laço eterno que nos prendeu, vinha do seu espirito, da sua intelligencia, a mais

lucida, a mais penetrante intelligencia que tenho conhecido.

Nenhuma mulher conseguiu inspirar paixões mais vehementes, amisades mais profundas; as paixões, ella as tornava ephemeras; as amisades ficavam. Posso jurar-lhe que Helena não amou homem algum. Era incapaz deste sentimento de que vocês, romancistas e poetas, vivem a cantar e a contar cousas tremendas, e que, afinal, eu creio bem, é o grande negocio da vida. O amor absorvente, feroz e destruidor, parecia-lhe um sentimento selvagem; não no comprehenderia jamais. Ninguem melhor do que ella poderia adoptar como divisa aquelle verso, creio, de Tennyson, que Machado de Assis cita algures:

I cannot give what men call love...

Conhecia apenas a amisade, e ninguem soube ser mais amiga. Estimava os homens com a mesma liberdade e franqueza com que estimaria as mulheres, e estou, que, no intimo, preferia o nosso commercio ao do seu sexo. Foi uma dessas raras mulheres que poderiam desmentir o profundo La Bruyère: «as mulheres vão mais longe no amor do que a maior parte dos homens, mas estes as vencem na amisade...» Eu não saberia definir o genio de sua affeição; tinha todos os tons: suavidades de amor de irmã, toques commoventes de affecto maternal. Era naturalmente dôce e bôa; Sainte-Beuve diria della que, como Arethusa, poderia atravessar impu-

nemente a onda amarga. Inspirava um não sei quê de confiança tranquilla, a que todos nós nos abrigavamos das luctas, dos desesperos da vida; era a confidente das nossas magoas, tantas vezes ridiculas e infantis. E note v., psicologo e romancista, que os seus melhores amigos foram os seus apaixonados mais vehementes. Que sciencia de tacto, de subtileza e graça, possuia para converter a ferocidade egoistica das paixões na serenidade das affeições fraternaes, não sei; posso apenas verificar o phenomeno. Em toda a sua vida, não houve um drama, uma gota de sangue, um Werther sequer.

Contei-lhe na ultima vez que estivemos juntos os extremos da paixão do nosso commum amigo M..., o philosopho. Parece-me que chegou a perpetrar versos de amor, o que constitue, em verdade, o mais grave dos peccados para tão grave philosopho. Pois bem, M... veio a ser um dos seus habituados fieis, um dos seus bons amigos.

Nós, a principio, pensavamos que Helena era um monstro, uma estatua de belleza, sem palpitação humana, como dizia L..., pois muito custa a um homem admittir uma mulher que não ame. Nossos velhos instinctos de féra, nossos habitos seculares de orgulho e predominio difficilmente perdôam a resistencia das prezas. Eva, não na creou Deus para a delicia e o desespero dos homens? Imaginavamos cousas romanticas e absurdas, casos de arripiar: um

grande amor infeliz, que a tivesse tornado immune de paixões novas, falhas, monstruosidades psicologicas... Sómente a sua intimidade quotidiana nos conseguiu curar, alargando-nos a intelligencia e o coração. Convencemo-nos todos de que, afinal, era possivel uma mulher que não fosse um **bibelot** ou machina de amor, porque era superiormente a incontestada rainha da graça e do espirito. O proprio D..., com a sua elegancia perfeita, suas tradições mundanas, sua petulancia e ousadia, recuou em tempo.

Ente phantastico! As mulheres conhecem diversas maneiras de fugir á impertinencia atrevida dos homens: uma virtude, que se offende, grita e esbraveja; um desdem superior e orgulhoso; o simples recato ingenuo, que se magôa e não sabe gritar. Helena defendia-se de outra maneira. Não gritava, não desprezava, não se humilhava. Domava, convertendo as feras sedentas em cordeiros. Mme. Récamier, segundo conta Sainte-Beuve, era mais ou menos assim, mas ainda ia até a promessa, deixando sempre que ardesse no coração dos homens uma esperança longinqua e vaga. Helena, não; não promettia nunca, revelava-se logo na franqueza e lealdade dos seus sentimentos. Jamais, nenhum de nós lhe descobriu, neste assumpto amargo para o nosso desespero, um grão de malicia, um segundo pensamento.

Creio que as outras mulheres não na comprehendiam bem. Julgavam-n'a **coquette.** A

uma senhora ouvi, certa vez, esta palavra nacional e irritante — namoradeira. — Traguei calado a affronta. Que quer? Se lhe tentasse a defeza, compromettel-a-ia ainda mais. Já ouvi um litterato profissional dizer que não conhecia Goethe e que Machado de Assis era um pobre diabo... A gente ouve essas cousas resignadamente, desconta, depois, alguns peccados e fez jus ao ceu...

— Helena era rica, muito rica mesmo. Descendia de uma dessas raras familias ruraes do Brazil, que conservam a fortuna antiga e os habitos tradicionaes de fidalguia e distincção. Foi educada e viveu longo tempo na Europa. Saída de um collegio em França, percorreu lentamente alguns paizes do Velho Mundo; dois ou trez annos na Inglaterra, longas excursões á Italia, Grecia, Suissa, Allemanha, creio mesmo que á Russia e á Scandinavia. Digo — creio —, porque raramente falava nas suas viagens. A sua finura e o seu tacto conheciam o ridiculo dos **parvenus** e caixeiros-viajantes, que, a todo proposito, encontram meios de recordar as cidades que visitaram: uma noite, em Stockolmo... um dia, em Athenas...

As viagens deram-lhe ao espirito, curioso e culto, a camada final de brilho e elegancia. Procurava estudar a civilização de cada paiz, os aspectos caracteristicos, a vida economica, a sociedade e a politica. Se não cultivasse toda a vida o bom gosto de não escrever, sobretudo,

impressões de viagem, estou que poderia dar-nos da Russia, Inglaterra ou Allemanha, analyses tão penetrantes quanto as de Mme. de Staël. Mas sempre combatera o habito mau, que nós outros adquirimos, de nos derramarmos prodigamente atravez das linhas complacentes do papel. Escrevia pouco; a sua correspondencia, tão interessante e que eu talvez collija um dia, se reduzirá a umas vinte cartas, dirigidas a algumas amigas da Europa e a nós outros, os seus fieis adoradores.

De nossas raras palestras sobre as suas viagens, conclui que a Inglaterra lhe era o paiz predilecto. Parecer-lhe-á um tanto estranho, como sempre me pareceu, que um espirito todo francez, nas virtudes classicas da raça, na penetração, no brilho e na graça, não sentisse que a França era a sua patria. Tentaria uma explicação, relembrando phrases e opiniões ouvidas: a França, que ella admirava, era uma França que dizia não existir mais — espiritual e requintada, de Versalhes e dos salões — que terminara com a Revolução, que não confundia a **blague** com o espirito, sem jacobinos e radicaes, sem **boulevards** e **cabarets.** A Inglaterra seria, na democratização universal, o ultimo recanto do mundo, onde existem ainda distincção e nobreza, uma **élite** que sabe viver fina e honestamente.

Aliás, Helena amava, sobre todos os paizes, o seu paiz natal. O seu patriotismo era sincero e profundo. As nossas infelicidades e tris-

tezas affligiam-n'a como as de uma pessôa querida. A sua alma, tão dôce e piedosa, revoltava-se até o desespero contra os erros e a maldade dos nossos dirigentes. Julgava-nos bons, cheios de virtudes, intelligentes e vivos, generosos até a prodigalidade, dóceis até a submissão. Todo o mal provinha dos politicos, que mantinham o paiz inculto e quasi miseravel, afim de o explorar á vontade, atacando-o como os hymenopteros ás suas victimas, nos proprios centros nervosos, para as immobilizar sem matar. Entretanto, inspirava-lhe confiança o nosso futuro; haviamos de reagir e vencer um dia, despertando da nossa propria indolencia.

O Rio era a festa eterna dos seus olhos. Não havia um recanto pittoresco da bahia que desconhecesse, uma ilhota perdida, uma perspectiva de montanhas, uma angra, uma enseada. Percorrera os pontos mais ignorados da Tijuca e da Gavea, as praias maravilhosas que se succedem de Copacabana a Jacarépaguá, as florestas de Santa-Thereza e do Corcovado. A paizagem tocava-a profundamente, maximé, a paizagem maritima. Pintava, e sem ser propriamente uma artista, por lhe faltar, talvez, a technica do officio, tinha sentimento e gosto. Ha marinhas suas, que julgo perfeitas. Copacabana era a sua maravilha diaria. Dedicava uma paixão quasi physica á curva que vae do Leme á Igrejinha; muitas vezes, reproduziu-a nos seus

estudos, e se nelles falta a poesia melancolica das manchas de Castagnetto, ha em compensação um sentimento mais intimo da paizagem, maior vivacidade de cores, maior riqueza de luz. Ninguem traduziu com mais alta emoção a alegria das madrugadas e a tristeza dos crepusculos. Creio que durante os trez annos em que habitou a **villa** da Avenida Atlantica, com o seu terraço sobre o mar, não perdeu um poente sequer — o espectro solar todo, desde o vermelho sanguineo ao roxo de quaresma, que tomam o mar e o ceu ao pôr do sol, os occasos melancolicos dos dias de chuva, os desesperos dos dias de temporal e vento sul, quando o ceu desce escuro e fechado, e o mar brame e ameaça tudo, e o vento convulsiona a areia da praia e varre o asphalto e grita nos telhados.

A musica não lhe despertava a mesma paixão. Parece-me que a excepção de alguns velhos mestres — Schubert e Choppin, principalmente, ella deixava-a um pouco indifferente. Os tangos barulhentos e as valsas lascivas irritavam-lhe os nervos. Julgava-os manifestações de arte sensual e primitiva.

A sua outra grande paixão foi a litteratura — muito mais a prosa do que o verso. Perfeitos o seu criterio litterario e a sua sensibilidade artistica. Não conheci prazer mais alto do que ouvil-a discorrer sobre essas velhas e eternas questões litterarias. Com que penetração e finura, julgava um livro e adivinhava o tempera-

mento de quem o escrevera! Não havia uma grosseria, uma expressão difficil e dura, um erro de analyse, um anachronismo que lhe escapassem. As suas melhores cartas, as mais interessantes, são aquellas em que resume, para um de nós, um livro novo ou traduz impressões de leituras antigas.

A litteratura moderna causava-lhe certo desgosto; achava-lhe um tom geral de frivolidade. Guardava o culto dos classicos francezes, do genio de Montaigne, do **esprit** de Voltaire, da nobreza de Racine, da perfeição de Fénélon e La Bruyère. Dos modernos, é excusado dizer, Anatole France era-lhe o escriptor predilecto, pelo que tem de classico, de Voltaire, de **exquis,** embora lhe não perdoasse, como não perdoava a Voltaire, certas licenças de linguagem, expressões de velho libertino, que lhes maculam a prosa incomparavel. Dentre os nossos escriptores, é tambem ocioso dizer-lhe, Machado de Assis e Joaquim Nabuco foram os eleitos do seu espirito, o primeiro muito mais do que o segundo. Eram talvez os unicos, ao seu ver, que tinham verdadeiro gosto litterario, idéas, finura e graça, o sentido intimo da medida e da harmonia. O sr. Ruy Barbosa, com a extraordinaria riqueza verbal que Deus lhe deu, cansava-a. Julgava-o derramado e excessivo, monotono na grandeza e eloquencia habituaes, que a flor de um sorriso não perfuma nunca.

Amava alguns poetas — Castro Alves, cujo

enthusiasmo juvenil a commovia, Alvares de Azevedo, Raymundo Corrêa. Era um pouco injusta para com o grande poeta nacional sr. F., a quem fazia muitas restricções, sobretudo, á vulgaridade dos sentimentos. Parecia-lhe que o sr. F..., amava e cantava as mulheres com o sensualismo grosseiro de um burguez provinciano. Em algumas das suas cartas ha analyses penetrantes de pensadores e philosophos, especialmente, de Bergson e W. James, que ella estudava, um pouco para servir á paixão de M., todo bergsoniano ou todo pragmatista que era, e não sei se é ainda...

Entretanto, como de Fradique Mendes contava Eça de Queiroz, o melhor ouro do seu espirito, espalhou-o prodigamente nas palestras daquelle pequeno salão de Copacabana, que foi o nosso encanto sem fim. Cem annos que eu vivesse, não esqueceria um momento aquelle recanto doce e tranquillo. Não tinha o luxo berrante de certos salões nossos, onde os quadros, os espelhos, as estatuetas e os moveis se amontôam, como num armazem de bricabraque. Era sobrio e distincto; mobilia ingleza, talvez um pouco pesada para o nosso clima, uma meia-luz que se coava atravez das cortinas e reposteiros, que não cansava os olhos e nos deixava neste tom dormente de crepusculo, tão grato para as largas e suaves palestras. O que não falavamos, o que não discutiamos então! Ella possuia a arte encantadora de saber ouvir, e mais ainda, de

fazer brilhar o espirito alheio. Estudava o gosto, as inclinações de cada um, para os servir melhor. Lia Bergson para discutir com M..., acompanhava a nossa politica para ouvir e entender C..., estudava os poetas para agradar a L..., que os criticava e os negava a todos...

Ha uma hora que lhe escrevo, falando de Helena, e não lhe disse ainda dos seus sentimentos, da sua bondade divina e do seu caracter. Desconfiava bem das minhas forças. Como descrever a perfeição? Eu me resumo: fez o bem que pôde. Não houve jamais uma obra de caridade que encontrasse a sua bolsa fechada, um pobre que batesse inutilmente á sua porta. A sua grande preoccupação era que ninguem soubesse dos beneficios que fazia; por isto mesmo, v. não lhe via o nome entre os dessas senhoras que fazem a caridade elegante, mais elegante do que caridosa, promovendo chás, concertos, espectaculos, para que no outro dia a prosa canalha e insultuosa das secções elegantes dos jornaes lhes descrevam as **toilettes.**

Aliás, fugiu sempre da nossa sociedade. Julgava o nosso mundo falso e risivel. Um verão que passou em Petropolis e algumas festas que frequentou aqui, no Rio, tiraram-lhe o desejo de continuar. Viu e observou tanta cousa...

Ah! meu amigo! Pensar que nunca mais a verei, que nunca mais contemplarei o seu rosto, ouvirei a sua voz, admirarei a riqueza e a

graça do seu espirito... Não encontro consolo para as minhas saudades. Porque se partiu? Porque não brilhará mais entre as sombras e as tristezas da vida?

Morreu em Paris, ha seis mezes, aos trinta annos, na completa florescencia da belleza e do espirito. Não sentiu o insulto da velhice, a melancolia dos occasos femininos. Caiu em plena gloria. Era tão perfeita que, a miude, fico a duvidar da sua propria existencia. Pergunto a mim mesmo, se Helena não foi uma simples phantasia da minha imaginação, que andou a colher, aqui, alhures, de entes reaes, aspectos perfeitos, para completar uma figura ideal, que não poderia viver, não poderia viver...

O que se lê entre nós

Algumas observações

E' uma velha phrase dizer-se que no Brasil não se lê. Traduz a verdade, ao menos, para o Rio? Tinha as minhas duvidas. Curioso de litteratura, gostando de **bouquiner**, nas minhas vadiagens pelas livrarias, encontrava diariamente uma freguezia assidua, um largo movimento de livros. Na casa Briguiet, sempre cheios os longos balcões; cheios os balcões da Garnier; cheio o tumultuoso mercado do Alves. Homens attentos, silenciosos, como num templo, na primeira; mais distraídos, palestrando e discutindo em grupos, na segunda; impacientes e quasi irritados, na ultima.

Na livraria Castilho, á rua de S. José, alguns estudiosos sérios, o sr. Barbosa Lima, o mais viciado de todos, a folhearem velhos classicos portuguezes, a eloquencia do Padre Vieira, o mysticismo sombrio do Padre Bernardes, paginas graves de pensadores, que Felix Alcan encaderna e exporta. Na livraria do Jacintho, cultores de direito, curiosos mais raros da nova

litteratura indigena; no velho Martins, bibliophilos e historiadores; na livraria hespanhola da rua da Alfandega, uma freguezia restricta, que se interessa pela litteratura da Peninsula e pela philosophia allemã, que os professores de Madrid e Salamanca, «cansados da influencia dissolvente do **boulevard**», traduzem e commentam.

Tinha um intenso desejo de saber o que ella lê, e verifico que lê cousas sérias. Creio que, ha alguns annos atraz, o movimento das nossas livrarias era ridiculo. Comprávamos então os poetas e os romancistas francezes, bons e máos, o verboso d'Annunzio e o grande Eça. Era o tempo dos **realistas,** de Zola, Mirbau, dos Goncourts, do divino Flaubert, de Balzac, Daudet e, tambem, de Ponson, Montepin e G. Ohnet...

Lentamente, as cousas se transformam. Os **realistas** passam da moda, o monopolio do romance termina. Ha um desejo geral de arte mais livre, menos preza aos dogmas do **bovarysmo** e de **Médan,** uma curiosidade inquieta de philosophos, sociologos, psicologos, criticos e ensaiastas. Apparecem os primeiros Anatoles, os primeiros Maeterlinks; Fouillée, Faguet, Brunetière, Le Bon, Ribot, já não encalham nas vitrinas. Porque esta mudança, este inesperado gosto de altas leituras?

Deve haver causas varias que os expliquem; todavia, não quero indagal-as aqui. Verifico o facto, verifico-o alegremente, e isto me

basta. De mim para mim, sempre pensei que, tanto quanto de instrucção primaria, necessitamos nós de alta cultura. De Rénan, de Taine, dos aristocratas do pensamento, que se lêem, fica-nos para sempre o culto das «élites» intellectuaes, a crença, ou superstição, no poder dos homens capazes, que meditam, têm idéas e querem realizal-as, desde que a idéa é o começo da acção.

Nesses grossos paizes democraticos, onde não existe, para a harmonia das cousas e para o rythmo da vida, o contrapeso das aristocracias de sangue, é precizo formar e cultivar carinhosamente, a «élite» intellectual que as substitua. E' o Estado Maior que dirige as grandes massas militares. De onde, senão de sua «élite» de pensadores, o prestigio immortal da França? De onde, a força da Allemanha, da Allemanha eterna, de Kant, de Goethe, de Hegel, de Wundt, que um militarismo ephemero desvairou e tornou odiosa ao mundo civilizado?

A nossa ignorancia, a ignorancia dos novos paizes americanos era proverbial. Mal lhes chegava o éco das cousas que se pensavam alhures, o reflexo das idéas que se agitavam no Velho Mundo. **Aures habent et non audient...** Os proprios intellectuaes, os litteratos profissionaes são, em regra, de pasmosa **innocencia...** Escrevem, tornam-se homens de lettras, como poderiam tornar-se outra cousa qualquer, padres ou soldados, bufarinheiros ou charla-

tães. Não lhes foi precizo nenhum preparo. Sem cultura classica, sem cultura scientifica, coados rapidamente atravéz de máos collegios e faceis Academias, entram na vida intellectual, com quatro ou cinco idéas, cem vezes pensadas e cem vezes traduzidas, um lastro de má litteratura franceza, uma loquacidade ôca, uma pretensão e uma vaidade infinitas. Querem escrever, aspiram a Academia, a **gloria** mundana das conferencias? Escrevem, corajosamente, convencidamente... Ha sempre jornaes que nos acolham, amigos complacentes que nos applaudam, e, mesmo, almas ingenuas que nos admirem. **Un sôt trouve toujours...**

Porque não somos menos intelligentes do que os outros povos, que nos servem de modelos, estou que só a incultura poderia explicar a mediocridade da producção nacional. Salvos dez ou doze escriptores, dez ou doze poetas, que tiveram alguma cousa a dizer e o souberam dizer, valerá, em verdade, o resto da nossa litteratura, o papel e a tinta que consumio? Quero crer, entretanto, que tudo isto vai mudar. A geração que surge, que se educa sob outros moldes, que lê e medita, descontará, um dia, a indigencia da hora presente. Faz-se a sementeira; esperemos-lhe os fructos. O grande perigo está em que a petulancia das primeiras cousas sabidas, ou que se suppõem sabidas, a não inutilize para sempre. Lido o primeiro livro de philosophia, os moços brasileiros tor-

nam-se mestres: falam difficil, desprezam os pobres mortaes, elevam-se a genios...

— Lemos muito hoje, e lemos com algum criterio. Ao lado dos escrevinhadores, ha um grupo de homens que não escrevem, mas que pensam e amadurecem o espirito na leitura e na reflexão. Bastaria percorrer a estatistica de consultas na Bibliotheca Nacional, ou acompanhar o movimento das livrarias. Tomo para exemplo o da casa Briguiet, de que consigo informações minuciosas. Creio que é o mais typico. A livraria Alves preoccupa-se de preferencia com os livros didaticos; a Garnier, tão cheia de litteratos de toda especie, em brochuras, em percalina e em carne e osso, perturba um pouco os curiosos timidos; a casa do Jacintho se especializa em livros de direito e, ás vezes, por desfastio, em certos romances **dannunzianos...**

As listas que tenho da Briguiet referem-se a um mez, o de Setembro, que é um mez como outro qualquer e que, portanto, póde servir de modelo. Diz-me com quem andas que te direi quem és... Pelos livros que se lêm, pode-se ter um signal do que se pensa. Ainda é o pensamento, o claro pensamento francez que nos enche; a França continua a ser a mestra fecunda, mas uma França mais digna do que a que queriamos conhecer outr'ora, uma França rutilante e incomparavel, dos seculos classicos, da Encyclopedia, de Hugo, Balzac, Flaubert, Rénan, Taine, Guyau, Boutroux e Anatole France. En-

tretanto, atravéz da França, já nos chega o éco das cousas que se pensam nos outros paizes do que se pensou na antiguidade classica.

Excluo das minhas notas os livros technicos de medicina, engenharia e outras sciencias applicadas e a litteratura que a propria livraria ingenuamente classifica — para moças. O movimento mensal é realmente extraordinario; mal se poderá crer que uma livraria do Rio, num mez, vendesse 434 livros de philosophia, psicologia, sociologia, historia e critica, 702 sobre Direito e 1166 sobre litteratura estrangeira, incluidos neste numero, 256 livros de classicos francezes e de autores gregos e latinos.

No primeiro grupo, o autor mais vendido, tambem o de todos os grupos, é de Le Bon: 143 livros de Le Bon! De quem mais se lhe approxima, o sr. Rodrigo Octavio, em direito, Paulo Bourget e Faguet em romance e critica, se venderam 42 e 39 livros respectivamente. A superioridade de Le Bon é, pois, enorme. São os seus volumes sobre a guerra os mais vendidos. Têm o sabor da opportunidade; todavia, se vendem bem todos os seus livros, a **Psicologia das Multidões,** principalmente. Não ha politico bisonho ou publicista ôco que a não cite. Creio que se não poderia dar parabens ao bom gosto nacional. Le Bon é um vulgarizador, de merito talvez muito relativo, um pouco — machina de livros. — Segue-se Faguet com 30 livros vendidos. O Faguet mais vulga-

rizado é o do **Culto da Incompetencia** e do **Horror das Responsabilidades** e que, de certo, não vale o espirito inquieto, de aguda penetração, dos **Propos,** dos **Philosophes et Moralistes,** dos **Siècles,** de **Flaubert.** Veem depois Bergson, Ribot e Le Dantec. Bergson é aqui um philosopho da moda, como foi algum tempo em Pariz, o que talvez não o honre muito. Não deve ser facilmente comprehendido; tem, por isto mesmo, a attracção dos mysterios profundos... E' preciso lêl-o ou, ao menos, compral-o, o que é, positivamente, menos difficil; seria absurdo uma estante sem um exemplar da **E'volution Créatrice!...** Verifico, mais além, que seis leitores prudentes compraram o livrinho de Le Roy — **Une philosophie nouvelle,** para penetrar no esoterismo do mestre. Tel-o-iam conseguido? Ribot tem um publico universal, que não oscilla ao sabor da moda, e que lhe ama os claros livros o lhe medita as sabias lições. Le Dantec e o seu atheismo vermelho encontram leitores numerosos, gente feroz, para a qual o **mecanismo** resolveu o problema da vida, e a quem o inferno ha de tragar um dia...

Em seguida, com 26 livros, Augusto Comte e William James. Parece muito Comte para um mez; fica-se a recear que o sr. Teixeira Mendes continue a fazer proselytos. E' vão o receio; lê-se Comte hoje, como se lê W. James, para os discutir, aceitar-lhes as verdades, conhecer-lhes os exaggeros e os erros. O posi-

tivismo passou ha muito tempo. O proprio W. James é um signal da reacção; depois do agnosticismo, do positivismo dogmatico e estreito de um, o idealismo de outro é uma janella pela qual se respira e os pulmões se oxigenam, e se pode descobrir um trecho de céo tranquillo e consolador.

De Fouillée e Brunetière venderam-se 16 livros, de Lubbock 15. O ecletico Fouillée, com o seu **fiat** das idéas-forças, as suas tendencias pacificas de «juiz de paz» dos systemas em guerra, tem uma sorprehendente divulgação entre nós. Tambem não sabia Brunetière tão lido. Seguem-se: Richet, com 14 livros, Paulhan, Ives Guyot e o historiador Duruy com 13. Boutroux Payot e Jean Finot com 12. De Boutroux é o exito de um formoso livro **Science et Religion**», em nova edição de Flammarion, este anno. O mediocre Payot está vulgarizado ha muito tempo; existem mesmo traducções dos seus livros, e, de Finot, se lê logicamente no Brasil o **Prejugé des Races...** De Desmolins, venderam-se tambem 12 livros. **A quoi tient la superiorité des Anglo-Saxons** é um genero procurado; o meu amigo deputado José Augusto faz-lhe uma tremenda propaganda... Eu quizera conversar mais longamente com o deputado José Augusto sobre este livrinho, perguntar-lhe, por exemplo, se não é um pouco absurdo attribuir a superioridade da Inglaterra apenas aos methodos de educação, mas não é aqui o logar.

Spencer, que foi, durante muito tempo, o mais lido dos philosophos, desce lentamente no consumo do publico: 11 volumes apenas. O mesmo numero para Rénan. De René Worms, 10 livros, de Janet, Malapert, Liard, Leillière, de Saint-Armand, 9, do grande Taine, de Doumic, Levy, Laffite e do genial Guyau, 7.

Guyau não é conhecido entre nós como o merecia ser. Não ha na França contemporanea pensador mais alto. Morto aos trinta e poucos annos, deixou uma obra magistral; philosopho, psicologo, educador, moralista, revelou-se em tudo que escreveu um escriptor de idéas e de inexcediveis clareza e elegancia. Um largo sopro de bondade anima a sua obra; os seus livros nos reconciliam com a vida, nos alargam o coração, nos elevam a alma. Nietzsche lia-os e annotava-os; na Russia, tiveram enorme repercussão, e em escriptores americanos, em W. James e Giddings, por exemplo, não é difficil encontrar o sabor de cousas lidas na **Irreligion de l'Avenir,** na **Art au point du vue sociologique,** na **Exquisse d'une morale,** nos **Problèmes d'Esthétique,** na **Génèse de l'idée du temps** e na **E'ducation et Hérédité...**

Seguem-se com seis livros cada um: os historiadores Ségur, Saint-Simon e Hannotaux, Binet, Stuart-Mill, Schopenhauer, o metaphysico Rénouvier, Lodge, Le Play, Laveleye, Palanti e Abel Rey, um novo philosopho, que tem um livro de admiravel clareza, **La philosophie mo-**

derne, onde agita os problemas capitaes da philosophia, as soluções das diversas escolas, principalmente, do pragmatismo americano. De Roussiers, Letourneau, Rénard, G. Dumas e Hoffing, 5 livros vendidos; dos historiadores Macaulay, Vaudal e Ducondray, de Durckein, Roberty, Izoulet, Courville, Bouglé, Vallaut, Barzelotti e Arriat, 4; de Lafrie, Naville, Ossip-Lourié, Picavet, Levy, Bianchi, Corturat, Sortais, Mervier, Loria, Fournière, Weber, Greef, Bruzeilles, Novicow, Colluis, Bourdeau e Maritani, 3; de Louis Blanc, Rimbaud, Brocard, Hannequin, Lourier, Saint-Hilaire, Cournot e Piat, 2. Finalmente, de Kant, Bain e Leibniz, 1 livro, o que parece ridiculo, relativamente a tantos philosophos secundarios que se venderam. Em todas as listas, nem um Hegel, nem um Sainte-Beuve, que é um mestre eterno.

Na livraria Castilho, durante o mesmo tempo os escriptores mais vendidos foram: Le Bon, Le Dantec, Fouillée, Ribot, Paulhan, Schopenhauer, Spencer, Bergson, Dugas, Dumas, Max-Nordau, Ossip-Lourié, W. James, A. Rey, Mosso, Novicow, Finot, Piat, Kant, Nietzsche e Duprat.

Ainda uma observação. Taine e Rénan, os pensadores francezes mais lidos no Brasil e, de certo, em todo o mundo civilizado, parecem hoje um pouco esquecidos. Esquecimento injusto e inexplicavel. Podem ser discutidos: seria possivel perguntar, como fazia Nietzsche, quaes os

resultados do formidavel trabalho de exegese e critica religiosa das **Origens do Christianismo,** que beneficio trouxe aos homens o derruir de mais um Deus. Seria possivel mostrar os exaggeros dogmaticos da critica litteraria e historica de Taine, discutir-lhe o empirismo idealista, as idéas da **L'Intelligence,** o parallelismo psicho-phisiologico, em que se lhe baseiam as doutrinas, os conceitos da **Philosophie de l'Art,** os conceitos um pouco estreitos da **Historia da Litteratura Ingleza,** os dogmas politicos da monumental **Origens da França,** ver e comprehender Napoleão e a Revolução, sob outros aspectos. Mas é necessario lêl-os e medital-os antes, beber-lhes no rico manancial das idéas, aprender com ambos a pensar e a traduzir os pensamentos. Num paiz, onde o espirito, (que entendo por alguma cousa differente e superior á intelligencia, podendo ser um precipitado de bom senso e bom gosto) foi tão avaramente distribuido, Rénan deveria ser lido todos os dias. Não sei de mais fecundo preceito de hygiene mental do que ler diariamente uma pagina das **Souvenirs d'enfance et de jeunesse,** repetir contrictamente a **Prière sur l'Acropole...**

Santo Rénan! Depois do banho lustral de vossos livros, a gente sae mais lepido, mais tranquillo, com a intelligencia e o coração desafogados dos feios peccados que os ennegreciam...

— E' enorme o movimento de livros de direito. Parece fantastico que numa terra de ba-

chareis se leiam tantas obras juridicas... Querem, acaso, os srs. bachareis, deshonrar a nobre tradicção da classe? Lê-se ou, pelo menos, se vende tudo, desde os livros didaticos dos srs. Rodrigo Octavio e Paulo Vianna e as copilações do abundante sr. Tavares Bastos, até o velho Troplong e o velho Pothier. Ha tambem uma curiosidade muito viva pelo direito americano; da obra magistral de Bryce — **La République Americaine,** que é um livro caro, se venderam 15 exemplares. Creio que se poderia attribuir ao Codigo Civil e ás idéas de revisão constitucional esse extraordinario movimento de civilistas e constitucionalistas. Os srs. advogados armam-se para o Codigo, os srs. parlamentares e publicistas preparam-se para discutir a Constituição.

A lista de livros vendidos é esta: Rodrigo Octavio 42, Lima Drumond 39, Lacantenerie 38, Carvalho de Mendonça (J. X.) 30, Aubry 28, Caen et Renault 24, Pothier 32 (!), Thaller 25, Paulo Vianna 27, Troplong 26 (!), Tavares Bastos 21, Bonfils 20, Foignet 16, Vidari 16, Tarde 13, Garraud 11, Martirolo 14, Planiol, 18 Bryce 15, Carrara 14, Saleilles 17, Toulier 12, Lessona e Garsonet 10, Pedro Lessa 9, Cogliolo 9, La Grasserie, Ferri e Capitant 8, Colins, Dumolombe, Molinari, Laurent, Lizt, Pessina e Willongby 6, Geny, Marshall e Vivante 5, Girard e Biard 4, Hue, Fabreguetes, Paulo de Lacerda, Léon Say, Cooley, Goodnow, Arthurys,

Dogvis, Garofalo, Antoine, Dicey, W. Wilson e Lombroso 3, Dorigny, Impallomani, Lacerda de Almeida, Black, Alcorta, Mourlon, Carvalho de Mendonça (M. I.), Wagner, Pomeny, Story, Frola, Hamilton, Jelimick, Solon, Pareto e Labaud 2, Tuozzi, Setti, Alexis, Grachetti, Aguillon, Lafayette R. Pereira, Teixeira de Freitas e Daguin 1.

Sobre livros nacionaes de direito, o movimento da casa Briguiet tem uma significação muito precaria. Vende muito os livros editados por si mesma, pouco os editados alhures. Os livros do sr. Pedro Lessa **Do Poder Judiciario** e a **Philosophia do Direito,** obras de mestre e de saida certa, e o ultimo livro do sr. Pontes de Miranda, sobre **habeas-corpus,** não eram encontrados alli. Do sr. Lessa, a casa vendeu apenas os **Discursos e as Conferencias,** edição do autor. Creio que, da mesma maneira, poder-se-ia explicar o facto de ter sido vendido um livro unico de Lafayette, que é um mestre admiravel. Ainda mais: em nenhuma das listas da Briguiet brilha uma vez sequer, o nome, o grande nome de Ruy Barbosa. Seria uma tristeza verificar-se que, havendo livros de Ruy Barbosa á venda, numa livraria do Brasil, ninguem os comprasse. Quem maior do que elle? Quem nesta multidão de autores estrangeiros e nacionaes poderia offuscal-o?

Não se vendem os livros de Ruy Barbosa, porque ninguem os tem para vender; a obra

do mestre genial anda infelizmente, dispersa, e é cada vez mais rara e preciosa. Ainda não appareceu um editor sufficientemente intelligente para comprehender que uma edição completa das obras de Ruy Barbosa, além de maximo serviço ás lettras nacionaes, seria a sua propria fortuna. No Brasil, não é possivel um Charpentier, um Calman-Levy, um Felix Alcan.

— Restam os romancistas e os poetas.

A livraria Briguiet forneceu-me diversas listas: litteratura franceza moderna, litteratura americana e ingleza, italiana, hespanhola e portugueza, litteratura latina e grega e classicos francezes. Eu as reproduzo na mesma ordem.

E' Bourget o mais vendido dos litteratos francezes, com 42 livros; embora esperasse esta primazia para Anatole France, só posso dar parabens ao nosso bom gosto litterario. Bourget é, realmente, um admiravel artista, um romancista magistral. Foi de moda algum tempo maldizel-o; parece que o sestro passou. Segue-se Victor Hugo, com 39 livros, o que é uma grande sorpreza. O velho Hugo parecia um pouco esquecido; a geração educada por Médan alardeava desprezal-o; a nova geração, que lê Anatole France e Maeterlinck, parecia ignoral-o. Porque esta volta ao verboso genio? Anatole France 33 livros, Maupassant e Coulevain 31, Zola e Loti 28, Rostand e Marcel-Prévost 27, Maeterlinck, 23, Daudet, Chateaubriand 22, Flaubert 21, Lecomte de Lisle 19, Gyp 18, Co-

pée, René-Bazin, Balzac 15, Lesueur, Dumas pai (ainda se lê!) 12, Mirbau, Lamartine e Feuillet 9, Tinaire, Dumas filho e Vigny 8, Léon Daudet e Regnier 7, Theuriet, G. Sand, Sandau, Goncourt, Paul Adam, Huysmann, e G. Ohnet (!) 6, A. Karr, Plétan e Stendhal 5, Voguë e Merimée 4, Cherbuliez, Lemaitre, Claretie, Aicard, Banville, Nodier e Rimbaud 3, About, Labiche, Conscience, Brada, Tulier, Trapié e Tiusan 2.

O numero de prosadores é muito maior do que o de poetas. Ha certas cousas curiosas: de Stendhal, que é um mestre incontestado, se venderam apenas 5 livros, emquanto se venderam 18 de Gyp, e 6 do proprio Ohnet que Anatole France, com tanta justiça, collocou **hors la littérature...**

— Litteratura ingleza e americana.

E', naturalmente, Shakespeare que occupa o primeiro lugar, com 13 livros vendidos; vêm depois Ruskin 12, Dickens 11, Pöe 8, Lord Lytton 7, W. Scott 7, Conan Doyle 7, Schelley 4, Longfellow 4, Thackeray, Cooper, Föe, Hope, Ward, Roosevelt e Wells 3, Stave, Browing, Harnig, Benson, Hall Taine, Mark Twain, Elliot e Disraeli 2, Bellox 1.

Litteratura italiana — Dante, 23, o que é extraordinario. Creio, entretanto, que se trata de uma edição em miniatura da **Divina Comedia** que a casa Briguiet recebeu ha algum tempo. D'Annunzio 19, Manzoni 14, Stechetti 11, Fogazzaro 7, Petrarca e Amicis 5, Negri 4, Carducci

e Tasso 3, Paruci 1. Nem um Leopardi, nem uma Mathilde Serau que foi, algum tempo, uma escriptora da moda.

Litteratura hespanhola — Cervantes 7, Espronceda, Ibañez e Calderon de la Barca 3, Perez Galdós, Lope da Vega e Alarcin 2, Quevedo e Solis 1.

Litteratura portugueza — Eça de Queiroz 23 livros, Camillo 12, Julio Dantas 8, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro 5, Garrett, Justino de Montalvão e Antonio Nobre 3, Pinheiro Chagas e o Padre Manoel Bernardes 1.

A livraria Briguiet tem pouco movimento de livros portuguezes. Em qualquer outra grande casa ou, mesmo, em qualquer das pequenas livrarias, que hoje proliferam pela cidade, a venda de livros de Eça, Camillo, Ramalho e O. Martins deve ser muito mais alta. Lemos muito os livros portuguezes, desde os classicos até Herculano e Camillo e até este grupo incomparavel dos «Vencidos», em que parece se ter extinguido o ultimo alento da mentalidade luzitana. Eça de Queiroz é ainda hoje, entre nós, o mais vulgarizado e o mais querido dos escriptores, e a nossa curiosidade pela sua vida e sua obra é tão grande que não ha mediocridade **accaciana,** José Agostinho ou Antonio Cabral, que delle trate, profanando-lhe embora a memoria, que a não leiamos. Ramalho, esta nobre figura de Ramalho Ortigão, que mais ainda do que um intellectual, foi um caracter — heroica personifi-

cação da amizade, espelho de fidalgos e de homens de bem, modelo de honra, de valor, de coerencia e de fidelidade, lição dos seus contemporaneos, gloria de sua raça — para repetir e lhe applicar com absoluta justiça as palavras com que se referio ao Conde de Arnoso, é um nome querido e venerado no Brasil. A justiça que o jacobinismo portuguez lhe não fez, elle a encontra em nosso paiz, que foi um pouco seu.

— Litteratura greco-latina e classicos francezes — De Cicero 32 livros vendidos. Parece incrivel tantos livros de Cicero num mez; o facto explica-se, entretanto. Trata-se de uma edição de suas obras completas, que alguns curiosos compraram. A Cicero, seguem-se: La Fontaine 23 livros, Racine 14, Molière, Montesquieu e Plutarcho 12, Corneille 11, Fénélon, Madame de Staël 8, Pascal e Descartes 7, Voltaire, Montaigne, Diderot e Virgillo 6, Eschylo, Petronio e Larochefoucauld 5, Tacito, Platão e Aristoteles, Rabelais, Beaumarchais e Bossuet 4, Horacio, Catullo, Ovidio, Suetonio, Euripedes e Lucrecio 3, Aristophanes, Boileau e Le Sage, 2.

Faltam ainda: Tolstoi 7 livros, Kropotkine 4, Tourgueneff e Sienkiewicz, 2, Gogol 3. Nem um Dostoievski sequer; para mim, que tantas vezes o li, que tive febre com o **Crime e Castigo,** que quasi chorei as desventuras do pobre Principe de Miuckine, é uma sorpreza este es-

quecimento do mais amargo e mais pungente dos romancistas.

De autores allemães, nem um signal. O proprio Goethe, de certo, o genio mais completo do seculo passado, não encontrou um leitor sequer. Será que o **alliadismo** violento lhe declarou guerra tambem? Accaso a Inglaterra tel-o-ia incluido na **Black List?** Não no creio: Schopenhauer, que é allemão, foi muito lido, embora ler o mais claro e o mais curioso dos philosophos de além Rheno, possa ser um meio de cultivar o anti-germanismo...«prevendo a minha morte, faço esta confissão: desprezo a Nação allemã, por causa da sua tolice infinita, e me envergonho de a ella pertencer...»

Da litteratura exotica da Scandinavia, que, um momento, o **snobismo** indigena acolheu, tambem nenhum vestigio.

— Na livraria Castilho, os litteratos francezes mais vendidos foram, mais ou menos, os mesmos da Briguiet: Anatole France, Maupassant, Flaubert, Maeterlink, Zola, Bourget, Marcel Prévost, C. Farrère, Romain-Roland, Barrés Dostoievski, Margueritte, Abel Hermant, Bordeaux, Theuriet, Bazin, Pierre Louis, A. Daudet e Hugo.

— Na livraria Briguiet não se encontram livros nacionaes, salvo sobre direito. As minhas notas ficarão, pois, muito incompletas. Dos escriptores brasileiros, qual o mais vendido?

Tinha curiosidade de o saber; fico um pou-

co receioso, entretanto. Para as minhas sympathias litterarias — queremos sempre modelar os outros á nossa imagem — seria uma tristeza verificar que Machado de Assis não é o mais lido dos nossos escriptores. Ouviriam os barbaros da Mauritania ou da Tauridia, da Iberia ou das Gallias, a voz de ouro de Homero? Receio tambem que se esgotem as **Flores de Primavera** e os **Rubis e Esmeraldas,** de algum vago poeta de Mato Grosso ou Goyaz enquanto alguns livros sérios que, em verdade, honram a nossa intelligencia e a nossa cultura, os de Nabuco, Pompeia, Euclydes, José Verissimo ou Sylvio Romero, por exemplo, e só para fallar nos mortos, se cubram de poeira nas vitrinas abandonadas.

As livrarias Garnier, Alves e Jacintho dos Santos poderiam satisfazer-me a curiosidade.

— A livraria Garnier responde-me.

Dentre os escriptores estrangeiros os mais vendidos durante o mez de Setembro foram: Anatole France, do qual, principalmente, **Thaïs, Le Lys Rouge, Balthasar, Histoire Comique, Pierre Nozière e Crainquebille** (porque não o **Crime de Sylvestre Bonnard,** talvez o mais admiravel dos seus livros?), Paulo Bourget (**Mensonges, Cruelle Énigme, Le sens de la mort, Physiologie de l'amour moderne, Coeur de femme** e **Le Fantôme**), Claude Farrère, Gyp, Maupassant, Champleure, A. Daudet, Loti, Zola, (**La Débacle, Paris, Rome, Lourdes, Therèze Ra-**

quin, L'Assommoir); Bazin, Bordeaux, Banville, o indefectivel Le Bon, Voguë, Le Dantec, Davignon e Dostoievski (**Humbles et offensés, Le crime et le chatiment, Les Possédés, L'Idiot, Les pauvres gens**).

— Autores brazileiros. — As informações são muito deficientes; por ellas não é possivel saber qual o mais vendido, Machado de Assis ou o Barão de Teffé, por exemplo. A lista menciona apenas os livros de mais larga saida, sem indicar o numero de exemplares. Não se refere tambem a livros editados em outras casas, como os de Euclydes da Cunha e os do sr. Afranio Peixoto, que tem, entretanto, uma grande venda. Em todo caso, foi este o movimento: Casimiro de Abreu, Machado de Assis (**D. Casmurro, Quincas Borba, A mão e a Luva, Poesias, Helena, Memorial de Ayres, Yáyá Garcia** e **Esaú e Jacob**), sendo curioso que as **Memorias posthumas de Braz Cubas,** de certo, a sua obra prima, não se encontrem nesta relação, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, João Luso, Bernardo Guimarães, Guimarães Junior, Augusto de Lima, Thomaz Lopes, Fabio Luz, Macedo, Nilo Peçanha, João Ribeiro, Sylvio Romero, Antonio Salles, José Verissimo, Alberto de Oliveira, Barão de Teffé (**A batalha naval do Riachuelo**), Medeiros de Albuquerque (**Mãi Tapuia, Contos escolhidos** e **Poesias**), Mario de Alencar, Mucio Teixeira, Oscar Lopes (**Theatro**) e Cardoso de Oliveira.

Não posso explicar por que nem uma vez sequer apparece o nome do sr. Coelho Netto, cujos numerosos livros são editados pela propria casa Garnier; o sr. Coelho Netto é, entretanto, um dos escriptores mais lidos e mais queridos no Brazil. A mesma estranheza para Raymundo Corrêa e o sr. Olavo Bilac, dous grandes poetas, que se lêm e se decoram. Ainda mais, a casa Garnier não me forneceu notas sobre o movimento de livros portuguezes que deve ser muito intenso.

— Da livraria do Jacintho dos Santos tenho algumas informações, tambem muito deficientes. O grande movimento desta casa é em livros de direito, e, sobretudo, em livros de processo, e maior para os Estados do que mesmo aqui para o Rio. Vende igualmente e vende bem os livros que edita; as primeiras edições das **Lições de Clinica Medica,** do sr. Miguel Couto e dos **Pequenos Males,** do sr. Austregesilo, esgotaram-se em menos de um mez. O exito de livraria do romance da sra. Albertina Bertha foi tambem extraordinario.

E' esta a lista dos livros mais vendidos durante um mez e que eu levo á conta exclusiva da veracidade do Jacintho.

Manual do Codigo Civil, 950 exemplares; **Chorographia do Brasil,** de Veiga, 488; **Habeas corpus,** de Pontes de Miranda, 513; **Cyrano de Bergerac,** traducção do sr. Porto Carrero, 193; **Praxe Forense,** do sr. Moraes Car-

valho, 283; **Direito Penal Militar,** de C. de Gusmão, 135; **Prescripções,** de Almeida Oliveira, 189; **Execuções,** do mesmo, 63; **Nova Escola Penal,** de Viveiros de Castro, 198; **Direito publico e Sciencias das finanças,** do sr. Viveiros de Castro (do Supremo Tribunal) 42 e 53 exemplares; **Consolidação,** de Teixeira de Freitas, 101; **Tratado das Provas,** de Mitermayer, 105; **Processo Orphanologico,** de P. de Carvalho, 212.

— Todas essas notas têm uma significação muito relativa: livros muito vendidos num mez, podem ficar esquecidos noutro. Vendem-se as novidades nacionaes e as ultimas remessas da Europa, que as livrarias expõem nos balcões. Os que já foram para as vitrinas, podem lá ficar toda a vida.

Entretanto, poderei renovar, sem exaggero, a minha primeira affirmação: lemos muito hoje. O commercio de livros augmentou extraordinariamente nos ultimos annos; as livrarias antigas prosperam, novas livrarias surgem. Desde Le Bon, Bergson e Anatole, desde Bryce e Pothier até o mais ôco dos poetas ou romancistas, o mais miudo dos praxistas, consumimos tudo. Embora a metade dos livros vendidos mereça o fogo ou o lixo, a outra metade justifica todo o alvoroço e todas as esperanças. De tantos livros de idéas, de tantas paginas de arte, alguma cousa ha de ficar; com semelhante argamassa podem construir-se monumentos duradouros. E' preciso ler muito, meditar muito; a

intelligencia não suppre a cultura e a boa vontade serve para calçar o inferno...

As nações progridem e se affirmam pela capacidade dos seus dirigentes. Fecho os olhos e sonho um momento: sonho um Brazil differente do de hoje, um Brazil dos nossos netos, culto e forte, livre de todos os incapazes que o infelicitam e o degradam, de todos os **cabotinos** e arrivistas que o deshonram, na litteratura como na politica, entregue emfim a homens mais aptos pela cultura do caracter e da intelligencia, para lhe comprehender as necessidades vitaes e lhe dirigir os destinos, elevando-o no concerto do mundo, como uma nação digna do paiz que occupa e da herança que recebeu.

Joaquim Nabuco

A Medeiros e Albuquerque

Não existem na historia litteraria e politica do Brazil muitas figuras tão completas quanto a de Joaquim Nabuco. Foi perfeito o equilibrio de suas faculdades, das suas forças intimas. Tudo concorreu para o seu brilho e sua gloria. Lembra-me, ás vezes, um desses principes encantados dos contos de Perrault, aos quaes alguma fada benefica tivesse augurado todos os dons.

— Terás as virtudes do caracter, do coração e do espirito. Serás bom, generoso, intelligente, illustre e bello. Dominarás os homens e conquistarás as mulheres. Caminharás entre murmurios de respeito, de admiração e carinhosa sympathia. Pensarás, falarás, escreverás. Aos teus livros, não faltarão a profundeza de idéas e a graça da forma; a tua palavra eloquente concorrerá para a redempção de uma raça. Servirás ao teu paiz na triplice efficacia de tua acção: na politica, na diplomacia, e nas lettras. Viajarás, conhecerás civilizações diver-

sas, satisfazendo a tua vaidade de **dilettante** e a tua curiosidade de artista. Não te discutirão, não te negarão, não perturbarão o teu ascender tranquillo. Dentro dos teus sonhos de paz entre os homens e as nações, mal desconfiarás que nós-outros, amargurados pela inveja reciproca, torturados por todas as ambições de dinheiro, amor e gloria, nos entredevoramos, como feras. Ser-te-ão poupados todos os soffrimentos. Não pedirás jamais entre lagrimas ou entre blasphemias que affastem de ti o calice da amargura. Ninguem te abandonará na hora extrema. Serás feliz. Realizarás o teu destino na terra.

E os vaticinios se cumpriram.

Politico, diplomata, orador, artista e mundano, completo qualquer aspecto da vida ou do espirito de Nabuco. Não se consegue estudal-o com restricções intimas. Quero escrever sobre elle; releio-lhe os livros, medito-lhe a vida, procuro adivinhar-lhe o temperamento, as raizes psicologicas e sociaes de sua personalidade, e receio bem não passar de uma apologia...

Tenho defronte de mim o retrato delle. Suspendo a penna um instante. Contemplo-o. Recordações pessoaes integram a imagem photographica. Vi-o duas ou tres vezes, ao tempo das conferencias pan-americanas, e com aquelle alvoroço classico da mocidade de Heine a contemplar Napoleão. Quasi no inverno da vida, cabellos e bigodes brancos, certa dureza **ame-**

ricana nos gestos, sanguineo e surdo, era ainda bello e elegante. Parecia que nem um desgosto lhe turvara a limpidez da face serena, onde não havia um ricto, uma contracção, um signal de amargura e desespero intimos.

— Não é facil escrever sobre Nabuco. Tudo que se poderia dizer sobre elle, elle proprio o disse na **Minha Formação,** livro encantador, que Rénan assignaria, se Rénan não tivesse um fundo de scepticismo malicioso e perverso, que faltou ao seu pretenso filho espiritual. Analyzando-se e discutindo-se, com sinceridade tocante, ás vezes ingenua, poupou e difficultou o trabalho dos seus criticos. Todavia, estou que o melhor processo para o estudar é acompanhal-o nas suas memorias. Não ha o perigo de attitudes falsas. Nabuco não **posou** para a posteridade, como Chateaubriand, nem se deixou embriagar pelo vinho capitoso das proprias palavras como Ernesto Rénan. Mostrou-se lealmente, abrindo a alma ao mundo, num movimento de orgulho e vaidade justificaveis num homem que soube tão bem cumprir os seus deveres. Conhece-te a ti mesmo, aconselhava não sei que philosopho. Nabuco tomou o sabio conselho. E' possivel que aqui, além, seja injusto comsigo proprio, e que as suas paixões politicas ou suas convicções doutrinarias lhe tivessem alterado a visão dos factos. Simples erros de perspectiva que não alcançam o merito principal do seu livro — o da sinceridade.

Na sua harmonia final, o espirito de Nabuco foi complexo. E' difficil isolar o homem publico do homem de lettras, para condemnar um e louvar o outro; o pensador, do mundano, para admirar o primeiro e sorrir do segundo. A sua grande virtude consiste justamente no isochronismo das faculdades. Rythmo perfeito. Nenhum movimento se perde, se retarda ou se precipita. Nós temos organizações cerebraes mais poderosas do que a de Nabuco,—a de Ruy Barbosa, por exemplo; em nossa historia politica não é difficil citar maiores estadistas. José Bonifacio, Feijó, Rio-Branco, pela acção diplomatica; na litteratura, Machado de Assis está num plano superior. Mas ninguem como Nabuco consegue temperar tantas virtudes diversas para a belleza e perfeição do conjuncto. A sua sensibilidade de artista e as suas idéas de pensador trabalham o politico e o possivel homem de partido, contendo-o nas demasias, elevando-lhe as ambições e alargando-lhe o raio visual. As preoccupações do politico, do homem publico, corrigem e attenuam o intellectual, dando-lhe toques humanos, a teleologia dos esforços para um fim de utilidade pratica.

Em Ruy Barbosa, o politico e o advogado militantes absorveram de todo o intellectual, o artista e o pensador, que elle é organicamente. Duvidamos que possa um dia alheiar-se das luctas e rumores ambientes para escrever um

livro de pensamentos, uma obra de ficção ou, mesmo, um tratado de direito. A sua sciencia e a sua arte se tornaram simplesmente applicadas, como da sciencia allemã, dizia José Verissimo. Dêm-lhe um motivo, um caso concreto, e a sua exegese formidavel esgotará tudo.

Rio Branco, com o seu patriotismo e nacionalismo fecundos, teve falhas — uma visão unilateral dos problemas nacionaes, certa bohemia de caracter, que lhe permittiu chegar ao emprego de processos condemnaveis, o suborno e a corrupção, para conseguir um grande e nobre fim.

Ao atticismo incomparavel de Machado de Assis faltou uma sombra de piedade humana, o calor de uma crença, a doçura de uma esperança.

Nabuco raramente escreveu por escrever, pela belleza da phrase, ou requinte do pensamento abstracto. A maior parte de sua obra é de politico, ou, antes, de sociologo: **Balmaceda, A Intervenção, Um Estadista do Imperio,** afóra os discursos e os artigos de jornaes. Quiz que a sua intelligencia ficasse a serviço do seu paiz ou da humanidade. Preoccupava-o, sobretudo, a licção que as gerações do presente e do futuro podessem tirar do nosso passado e dos exemplos dos visinhos. Mas, duas vezes, isolou-se com as suas saudades e as suas idéas para escrever a **Minha Formação** e os **Pensées Detachées.**

Na **Minha Formação,** evidentemente modelada pelas **Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse,** julgou-se com o direito, a que se arrogara Rénan, de se rever no passado e contar vaidosamente de si mesmo. E o livro é tão fino, tão cheio de graça e de franqueza que não o perdoamos apenas; agradecemos-lh'o tambem...

— Nabuco descendia pelo lado paterno de uma familia portugueza de bôa origem, que já tinha dado trez senadores em trez gerações successivas, sendo o ultimo o seu illustre pae, senador Nabuco de Araujo. Pelo lado materno, da estirpe dos Paes Barreto, a que pertenciam o morgado do Cabo, o marquez do Recife, entre outras figuras de relevo, alliados e aparentados com os Cavalcantes, os Albuquerques e os Rego Barros. Prendia-se, pois, a esta fidalguia rural de Pernambuco que, ainda hoje, na nivelação cada vez mais impiedosa das pessôas e das cousas e na propria decadencia economica da lavoura da canna, procura guardar as tradições da antiga nobreza. Nasceu em 1849, no Recife. Partindo seu pae para o Rio de Janeiro, a tomar parte nos trabalhos da Camara, Nabuco ficou entregue aos cuidados de sua madrinha, Dona Anna Rosa Falcão de Carvalho, viuva de Joaquim Aurelio de Carvalho, conhecido no Recife pelo luxo e prodigalidade de sua vida. A sua primeira infancia decorreu em **Massangana,** engenho de sua madrinha, e cuja recordação lhe inspirará, mais tarde, algumas das

paginas mais bellas e mais commovidas da nossa litteratura.

Foi creado como um pequeno fidalgo. Não conheceu, nos primeiros annos da vida, a necessidade dolorosa de abrir o proprio caminho, á custa da susceptibilidade e orgulho intimos, aviltando a delicadeza innata dos sentimentos, a flor dos sonhos de adolescencia, no contacto grosseiro do mundo. Não teve que pedir, humilhar-se, tolerar a protecção impertinente, a indifferença ou a hostilidade dos outros. No collegio, na Academia, o seu nome e a sua distincção natural levaram-n'o aos primeiros lugares. O reflexo da posição de seu pae, ministro, senador e Conselheiro de Estado, illuminava-o. Elle conta a admiração respeitosa com que o censor do collegio contemplava o filho do quasi Presidente do Conselho! Era um ente previlegiado, para o qual a vida se abria facil e brilhante.

Na Academia de S. Paulo envolveu-se nas luctas politicas do tempo e do seu meio, atacando com a encantadora **suffisence** da adolescencia o ministerio Zacharias. Em politica, já era liberal, mas fluctuava entre as primeiras idéas, sem saber onde pousar. «Avido de impressões novas, fazendo os meus primeiros conhecimentos com os grandes autores, com os livros de prestigio com as idéas livres, tudo o que era brilhante, original e harmonioso, me seduzia e arrebatava por igual. Era o deslum-

bramento das descobertas continuas, a efflorescencia do espirito; todos os seus galhos cobriam-se espontaneamente de rosas ephemeras». Lia tudo, sem methodo e sem ordem, nesta orgia inicial dos livros, quando todas as idéas nos perturbam e todas as bellezas nos deslumbram. Descobria Lammenais, Victor Hugo, H. Heine e alguns historiadores da Revolução Franceza.

O **coup de foudre** de Rénan virá depois. A Abolição começava de o attrahir. O enthusiasmo republicano, que queimava alguns dos mais formosos espiritos de sua geração, não o contaminou. Elle explica a sua resistencia a uma idéa, tão grata á mocidade, pela influencia doutrinaria de alguns livros — a pequena biblia de Bagehot, a **Constituição Ingleza,** sobre todos. Convenceu-se cêdo da superioridade theorica do regime monarchico. Creio que tal influencia foi muito relativa. Nós somos o que psicologicamente deveriamos ser. O livro alheio servirá como a indumentaria do nosso espirito. Só o comprehendemos e estimamos, se fala ás nossas tendencias naturaes, se articula os nossos sentimentos, aspirações intimas, idéas vagas e informes. Nabuco era naturalmente monarchista, homem da ordem e da lei, como tinha sido seu pae na Faculdade de Olinda, entre as luctas liberaes da Provincia. O substracto de seu espirito foi o de um José de Maistre, temperado no liberalismo politico da Inglaterra e no ambiente do nosso proprio paiz.

No fundo, desconfiava das multidões; tinha o culto das **élites.** A Republica se lhe afigurara sempre, bem ou mal, entre nações incultas da America, um rotulo para encobrir a anarchia. Era um **distante,** sonhando com a graça de Versalhes e a distincção da fidalguia ingleza. Elle diz, em verdade, noutro topico da **Minha Formação:** «o que me impediu ter sido republicano na mocidade foi muito provavelmente ter sido sensivel á impressão aristocratica da vida».

Apenas um movimento de piedade humana e a ambição de ligar o seu nome a uma grande obra nacional o levarão mais tarde á actividade da campanha abolicionista. Mas ahi mesmo, na agitação do Parlamento e no tumulto das ruas, sente-se que é um aristocrata que age. José do Patrocinio, José Marianno, poderiam confundir os seus destinos com o da raça captiva. Não comprehenderão nunca o estigma de inferioridade sobre toda uma raça. A côr da pelle é um incidente sem importancia; perante Deus, perante a lei, perante a sociedade, branco e negro se equivalem. Nabuco amará o negro, commover-se-á ante os seus soffrimentos. Mas entre elle e um escravo ha um abysmo que nenhuma lei transpõe. Entre um descendente do morgado do Cabo e de um senador do Imperio, orgulhoso das suas origens, culto, civilizado e requintado, e um **quidam,** descendente de qualquer selvagem africano, medeiam alguns se-

culos. A abolição, escreveu, era uma reforma que o espirito inglez anteporia a todas as outras, por toda ordem de sentimentos. E' este o seu ponto de vista — o de um politico inglez liberal para quem a escravidão seria uma ignominia, a vergonha de um paiz e da humanidade.

Passado o enthusiasmo politico da Academia, o espirito de Nabuco volta-se para as lettras e para a sociedade. Começa a sua phase **dilettante,** de viagens, de arte, de gosto. Aliás, vale a pena registar aqui a sua confissão — a politica não conseguiu nunca absorvel-o de todo. A paixão das cousas da intelligencia, um fundo de cosmopolitismo elegante, algo daquella vaidade de Chateaubriand, que quer respirar todos os perfumes da vida, luctam contra as suas tendencias de homem publico. Attraira-o sempre a politica como um phenomeno social, a parte dynamica da sociologia, diriam os comtistas. «Eu não éra, nunca fui o que se chama verdadeiramente um politico, um espirito capaz de viver na pequena politica e dar ahi o que tem de melhor. Em minha vida, vivi muito da Politica, com **P** grande, isto é, da politica, que é historia, e ainda hoje vivo, é certo, que muito menos. Mas para a politica propriamente dita, que é a local, a do paiz, a dos partidos, tenho esta dupla incapacidade: não só, um mundo de cousas me parece superior a ella, como tambem a minha curiosidade, o meu interesse, vae sempre para o ponto, onde a acção do drama

contemporaneo universal é mais complicada e mais intensa». Eis ahi um dos grandes predicados de Nabuco — esta resistencia intima aos interesses e ás ambições partidarias. A politica torna-se, em regra, uma diathese invencivel. Quem nella se envolveu uma vez, contrae-lhe, por muito tempo ou para sempre, as ambições nobres ou ridiculas, as vaidades, as estreitezas e as miserias. Converte-se em segunda natureza. O sr. Ruy Barbosa é um exemplo typico. A paixão politica tornou-se-lhe tão profunda que acabou por contaminal-o de todo. A sua sensibilidade de pensador e artista creou uma crosta protectora. Pode conciliar o seu genio, os seus ideaes com os aspectos mais ou menos mesquinhos das luctas partidarias. Creio que, facilmente, vencerá a propria repugnancia intima pelas intrigas das facções ou pelo contacto dos **rings** e dos profissionaes da politiquice indigena. O ambiente brazileiro lhe basta; o seu grande espirito não sente que o nosso horizonte lhe é demasiadamente estreito, e que, para caber na moldura da nossa vida politica, preciza mutilar-se e diminuir-se.

Nos annos que se seguem á Academia, a curiosidade de Nabuco (palavras suas) se subdivide, aqui, além. Em 1870, está em Sédan; em 71, nas luctas da Communa; em 73, na campanha contra a Igreja catholica — momento ephemero de duvida religiosa para quem foi quasi um mystico. 1873 é tambem o anno da

sua primeira viagem a Europa. Uma hegira na historia de sua vida. Conhece, afinal, a patria da sua intelligencia. Elle nos diz em alguns periodos, escriptos com a graça toda sua, a maneira larga do seu estylo, o rythmo renaniano de sua prosa, como lhe apparecia a Europa nos tempos heroicos da mocidade.

«A viagem a Europa em taes condições não poderia deixar de ser para mim, como foi, o eterno impulso dado ao pendulo imaginativo. Pelo sentimento, pela attitude, pelo emprego da vida, acredito ter sido, em meu plano inferior, uma das mais consistentes figuras da nossa politica, acredito mesmo que passei nella como o homem de uma só idéa — **persona unius dramatis,** — porquanto a minha fidelidade monarchica pode ser considerada, como a de André Rebouças, ainda um ultimo compromisso, uma gratidão, um episodio da libertação dos escravos. Quanto ás affinidades espontaneas, porém, ás sympathias naturaes, ao movimento interior do espirito, difficilmente se encontrará um pendulo que descreva um raio de oscillação mais largo do que a minha imaginação e a minha curiosidade. O que é um homem politico assim **dilettante,** viajante, a quem tudo attrae igualmente, que admira as grandes construcções sociaes, qualquer que seja o systema de architectura, convencido de que em tudo ha o mesmo espirito, porque o espirito creador é um só? Nós, brazileiros, o mesmo pode dizer-se dos ou-

tros povos americanos, pertencemos á America, pelo sedimento novo, fluctuante do nosso espirito, e a Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predominio desta sobre aquella. A nossa imaginação não pode deixar de ser européa, isto é, humana; ella não pára na Primeira Missa no Brazil, para continuar d'ahi, recompondo as tradições dos selvagens, que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo commum de lingua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos seculos de civilização accumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação historica».

Nada mais verdadeiro. O intellectual, o pensador ou o artista, será por muito tempo um exilado no Brazil ou nos outros paizes da America, sem embargo do patriotismo e do nacionalismo de cada um, — raros foram tão profundos e tão fecundos quanto o de Nabuco. Gravitamos naturalmente para a nossa constellação de Hercules, a Europa, ou antes, alguns paizes da Europa occidental, a França, sobre todos. Por isto, sempre me causou grande estranheza a indifferença de Machado de Assis pela Europa. Mal comprehendo como este atheniense pôde viver tão folgadamente no ambiente brazileiro, onde nem o cuidado da cousa publica, a febre da acção politica ou social o

prendia. O caso de Nabuco foi mais logico e mais natural.

Entretanto, não se deve levar á conta exclusiva de suas affinidades espirituaes a attracção do Velho Mundo. A sociedade brazileira do seu tempo, pobre e burgueza, suffocava-o. O seu mundanismo, avido de conquistas, brilho e gloria, quizera um scenario maior. Uma alma de Chateaubriand, sem a vaidade irritada e o orgulho aggressivo do heróe dos salões de Madame Récamier. Não poderia nunca insular-se no seu cuidado e nos seus pensamentos. «Não pertenço, escreveu, ao numero dos solitarios, dos fortes que bastam a si mesmos, e podem viver comsigo sós, de arte, de historia, de paizagem, de pensamentos». Queria apparecer, gosar, viver. Paris e Londres não lhe falavam á imaginação apenas como as cidades tranquillas da margem esquerda, das bibliothecas e dos museus; tocavam-n'o tambem pelo lado brilhante e ruidoso do **Bois,** do **Hyde Park** e **Piccadilly.**

Nascera para a vida exterior. Lembra-me, ás vezes, uma phrase de Sainte-Beuve sobre Chateaubriand — um epicurista, com a imaginação de catholico. Nabuco teria mais do que a imaginação; teria o sentimento, porque, phenomeno curioso, este elegante, capaz de se preoccupar com as minucias da **toilette,** de estudar ao espelho um gesto, uma attitude, vaidoso, contente de si e de sua belleza, sensivel a gloríolas, foi uma

alma seria e grave. A sua admiração **renaniana**, de que tanto fala, provém mais de uma attitude litteraria, de uma embriaguez ephemera pelo estylo do Mestre, do que de uma analogia de temperamentos.

Dois espiritos diversos — Rénan foi um sceptico encantador, cultivando com prazer o jardim da duvida e da malicia. Só acreditava na belleza. Desconfiamos tanto da sinceridade de suas confissões, quanto da franqueza dos seus juizos litterarios sobre poetas que lhe offereciam livros de versos. Mentiras de «pura eutrapelia ou pequenos fogos-fatuos litterarios, exigidos pela necessidade de uma phrase bem equilibrada.» De tudo, das religiões, da philosophia, da sciencia, da dor, do prazer, só lhe importa o lado esthetico. A oração unica, que lhe saiu, sincera e contrita, dos labios, foi a que murmurou **sur l'Acropole**:«**O noblesse! ô beauté simple et vraie! déesse dont le temple est une lection éternelle de conscience et de sincerité, j'arrive tard au seuil de tes mystères; j'apporte à ton auteil beaucoups de remords...**»

Nabuco não duvidou jamais de Deus e dos homens; foi um idéologo, um sonhador, capaz, entretanto, de agir, de se dedicar a uma grande obra social como a abolição. Mais tarde, quasi na velhice, dirá (**Pensées Detachées**), analyzando a influencia de Rénan, que a philosophia deste não éra de molde a lhe bastar á imagi-

nação. Quebrado o encanto litterario, o scepticismo de Rénan fatigava-o.

— Desde a Academia, escreveu Nabuco, a litteratura e a politica alternaram uma com a outra, occupando a minha curiosidade e governando as minhas ambições. Na primeira phase da mocidade, — o predominio da politica; depois, ao tempo da primeira viagem a Europa, o predominio da litteratura. Novamente, a politica, no periodo da campanha abolicionista; ainda uma vez, a litteratura, quando suppõe encerrada a vida publica, pelo advento do novo regime, e finalmente, a politica exterior, quando transigindo nobremente com as suas convicções, acceita a representação do Brazil na Inglaterra e nos Estados-Unidos.

Caberia aqui estudar as influencias litterarias, philosophicas e politicas, que actuaram no espirito de Nabuco, formando-o. Diz elle que, desde moço, lêra muito, mesmo na época em que se sentia mais homem politico do que de lettras. Em philosophia, lêra e assimilara Spinoza, Hegel, Kant; em exegese religiosa,Strauss e Rénan; em critica litteraria, Sainte-Beuve e Taine;na poesia, Lamartine, Hugo, Musset, Heine, e mais tarde, Schelley, Goethe e Banville; na historia, a eloquencia de Macaulay, e posteriormente, Taine, Mommsen e Ranke. No romance, ficou quasi que exclusivamente em Julio Sandau, «á sombra dos seus castellos antigos, reconstruidos pela moderna burguezia, en-

tre as duas sociedades, a velha e a nova, que elle queria fundir pelo amor...» E mais forte ainda do que a impressão que lhe deixara Sandau, foi a que elle chamou aristocrata e feminina, dos estudos de Cousin sobre a sociedade do seculo XVII. Dominando todas as influencias litterarias, a de Chateaubriand e Rénan, e, actuando parallelamente, a dos escriptores politicos e de direito publico, Bagehot, Burke, Tocqueville, De Maistre, Olivier, entre outros.

E' muito difficil determinar a contribuição das idéas alheias, separando umas das outras, num espirito culto como o de Nabuco e, principalmente, quando se tem—foi este seu caso — certa inquietação, certa universalidade, que não permittem a fixação dentro de um systema rigido. Não se adquire a cultura por successivas camadas, que se justaponham e que, depois, se possam isolar. Será antes como um precipitado chimico, sem as reacções correspondentes. Não ha paciencia de sabio, que consiga descobrir, em analyses qualificativas e quantitativas, a parte certa e dosada de cada ingrediente em producto tão complexo. Que vestigios deixou em Nabuco, a metaphysica de Kant? O determinismo de Taine? O sceptismo e a ironia de Rénan? A arte verbosa e quente de Hugo? A esthetica de Banville? Como descobrir aqui, alhures, neste ou naquelle livro, o que pertence a cada um delles?

Até a idade madura, Nabuco esteve todo

voltado para o mundo exterior, para a vida activa. Só o tentava o aspecto brilhante das cousas. Foi caracteristicamente um orador e um publicista, dando a esta palavra uma accepção tão ampla que possa abranger, por exemplo, Burke e Bryce. Não lhe seria possivel um momento de abstracção, em que os olhos se voltassem para dentro de si mesmo. Queria agir, ser um valor social. As suas idéas visavam um fim immediato e concreto. Sómente, mais tarde, quando lhe nasceram os primeiros cabellos brancos e a vida publica lhe parecia encerrada para sempre, foi que se fechou no silencio e na paz da vida interior, para escrever a **Minha Formação** e os **Pensées Detachées.** Nesses dois livros, é mais facil encontrar o sulco das leituras da mocidade e de todo o tempo. Mas antes delles, Nabuco escreveu outros, agiu, falou, durante dez annos no Congresso e na rua. Para estudal-o e comprehendel-o, o melhor methodo será o de o acompanhar cuidadosamente nas etapas da vida.

— O seu primeiro livro coincidiu com a sua primeira viagem á Europa. O terreno, tão largamente semeado, ia dar os primeiros fructos. A vaidade e a precipitação levam-n'o a colhel-os. Estão ainda temporões... Foi em versos e em francez a sua obra inicial — **Amour et Dieu.** Confesso que não tive coragem de lêl-a. O proprio Nabuco nos preveniu contra semelhante aventura...

Com a franqueza e o encanto habituaes de suas confissões, nos revelou os motivos psicologicos que o levaram a escrever versos francezes, como nos disse tambem os motivos por que naufragou na poesia.

«O periodo anterior era de receptividade, de plantio, de assimilação; a impressão, o prazer maior era o de ler; agora vinha a necessidade de produzir, de crear, e dava-se um facto singular, resultado desses annos de leituras francezas; eu lia muito pouco o portuguez, ainda não começara a ler o inglez e desapprendera o allemão de Maria Stuart e do Wallenstein, com verdadeira magoa do meu velho mestre Goldschmidt. O resultado foi que me senti solicitado, coagido pela espontaneidade propria do pensamento, a escrever em francez...»

O caso não é novo, nem insolito. O prestigio da lingua franceza, a superioridade eterna do espirito gaulez, conquistaram antes de Nabuco e conquistarão, toda a vida, escriptores estrangeiros. O abbade Galliani, o barão de Resenval, Walpole e, sobre todos, Hamilton e Heine enriqueceram a litteratura franceza. A fina e intellectual miss Viviani Bell, de **Le Lys Rouge,** celebrada pela Inglaterra como a sua grande poetisa contemporanea, fazia versos francezes e provençaes sobre motivos italianos...

Quem muito leu os classicos francezes e alguns mestres contemporaneos da França, Sainte-Beuve, Rénan, Taine, Flaubert, Anato-

le France, tem a impressão, naturalmente falsa, de que só neste maravilhoso instrumento de graça e precisão, é possivel traduzir as nuanças, os claro-escuros dos pensamentos, a ironia alada, os sons dormentes, as subtilezas todas, as cousas vagas que se sonham. Para reagir contra esta tendencia natural, será preciso uma base de leituras classicas, o habito, o commercio dos nossos velhos escriptores, que formem a primeira camada da cultura, impermeavel á infiltração perigosa do genio francez. O caso do sr. Ruy Barbosa e de Machado de Assis, por exemplo.

A Nabuco faltou semelhante resistencia. Quando não escreve em francez, o seu portuguez tem a syntaxe, a construcção franceza. «Não revelo nenhum segredo, dizendo que, insensivelmente, a minha phrase é uma traducção livre, e que nada seria mais facil do que vertel-a outra vez para o francez do qual ella procede». «O que me admira, accrescenta, é que o mesmo não aconteça a todos que têm lido tanto em francez como eu, e cuja vida intellectual tem sido assim em sua parte principal, isto é, em toda a sua funcção acquisitiva, franceza... Falta-me para reproduzir a sonoridade da grande prosa portugueza o mesmo éco interior que reflecte e prolonga dentro em mim, em gradações curiosamente mais intimas e mais profundas, a medida que se vão amortecendo, o sussurro in-

definivel, por exemplo, de uma pagina de Rénan...»

Deus me livre de condemnar Nabuco por semelhante peccado. O meu amigo Barbosa Rodrigues, educado em Portugal e nos autores portuguezes, e que tantas restricções faz á minha phrase, sorriria de tal coragem... Basta ao meu gosto e á minha sensibilidade que Nabuco tivesse escripto com elegancia e graça. Possuiu, verdadeiramente, um estylo, isto é, uma expressão propria de traduzir as suas idéas e sentimentos. Escreveu com brilho e clareza. A sua phrase tem harmonia; o rythmo é largo e profundo, um tanto ondulado. Não lhe faltam o bello dizer e os rasgos de talento, notou José Verissimo, que foram sempre em todos os assumptos, apanagio seu. As paginas sobre **Massangana** têm um quê daquelle sussurro indefinivel que elle encontrara na prosa de Rénan. Foi eloquente, sem lugares communs e sem declamações excessivas. Somente algum implacavel philologo poderia exigir mais.

Sobre seu valor como poeta, Nabuco não teve tambem illusões. Não nascera poeta, não encontrara em si «a tecla do verso, cuja resonancia interior não se confunde com a de nenhum timbre artificial». O que o enganava nos seus versos, confessa ainda, parecendo sonoro e elevado, não pertencia á poesia, pertencia á eloquencia. Eis ahi um phenomeno muito vulgar entre os nossos poetas: confundir a oratoria com

a poesia. Raros terão a consciencia de Nabuco para se deter no primeiro livro; continuam a perpetrar outros. Pobres genios! Quem vos poderá gritar, de modo a ser ouvido: não é este o vosso caminho... A crise poetica de Nabuco passou depressa. O silencio frio de Schérer, sobre o merito do **Amour et Dieu** foi mais fecundo ao jovem poeta do que a benevolencia perfida de Rénan, com a sua cortezia e os seus «receios de commetter uma injuria mortal a um homem que teve a intenção de fazer uma gentileza.»

— A sua primeira viagem á Europa não se limitou á França. Percorreu a Suissa, Portugal, a Italia e a Inglaterra. Nenhum paiz lhe falou á alma tanto quanto este ultimo. O encanto e a admiração pela nobre vida ingleza tornaram-se-lhe absolutos. Encontrara a sua patria, o ambiente em que quizera viver. Descreve a impressão que lhe causou Londres.

«Quando avistei da janella do wagon, por uma tarde de verão, o tapete de relva que cobre o chão limpo e as collinas macias de Kent, e no dia seguinte, partindo do pequeno **apartment** que me tinham guardado perto de **Grosvernor Garden,** fui descobrindo uma a uma, as fileiras de palacios de **West-End,** atravessando os grandes parques, encontrando em **St. James Street, Pall Mall, Piccadilly,** a maré cheia da **season,** esta multidão aristocratica que, a pé, a cavallo, em carruagem descoberta, se dirige

duas vezes por dia para o **rendez-vous** de **Hyde Park,** e, dias seguidos, penetrei em outras regiões da cidade sem fim, conhecendo a população, a physionomia ingleza, toda a raça, caracter, costumes, maneiras — posso dizer que senti a minha imaginação excedida e vencida. A curiosidade de perigrinar estava satisfeita, trocada em desejo de parar alli para sempre».

Nabuco não era um temperamento artistico que se contentasse com o Louvre e a romaria da Italia. De certo, Ruskin não teria um colono mais voluvel em Mickley ou em Barmouth, nem a liga esthetica de S. Jorge um associado tão vadio. Morreria de aborrecimento se fôra condemnado a passar uma hora por dia deante da Gioconda ou da Venus de Milo. O ceu sombrio de Londres é mais bello do que o de Florença, a praça da Magdalena vale todas as bellezas dormentes de Veneza... «Para renovar a minha curta faculdade de admirar e gosar da obra d'arte, preciso de longos intervallos de repouso, para dizer a verdade, de obtusão. Londres era essa penumbra que quadrava admiravelmente á minha fraca pupilla esthetica...»

E' sempre o gosto do mundo, a «impressão aristocratica» da vida que o dominam. Em nenhum paiz, esta impressão pode ser mais forte do que na Inglaterra. A flor e o orgulho da especie humana será sempre a **élite** ingleza. Nin-

guem comprehenderá melhor a gloria, a nobreza, a dignidade de viver.

Francez, latino, pelo lado da intelligencia e da sensibilidade, Nabuco foi, pelo temperamento de homem de acção, pelas tendencias politicas, pelo liberalismo, pelo respeito das tradições e culto do passado, um estadista inglez. O campo ideal que imagino para Nabuco é o da politica do Reino Unido, uma cadeira, por exemplo, na Camara dos Lords, defendendo com Gladstone o **home-rule,** combatendo o imperialismo de Chamberlain, e, em companhia de Lloyd George, o esmagamento do Transwaal, ou uma embaixada ingleza n'uma côrte do Continente.

— A paixão pela Inglaterra ficou-lhe toda a vida. Terá sempre como exemplo de organização politica a sociedade ingleza. Mais tarde, quando conheceu a poderosa e ruidosa democracia norte-americana, o seu culto britanico não soffreu restricções. Antes, apurou-se mais pelo contraste que se lhe impunha entre uma sociedade disciplinada, polida e culta uma politica nobre, de ideaes; e uma sociedade, no tumulto da formação, grosseira e aspera, e uma politica corrupta, entregue aos **lobbysts** e **rings** de todos os matizes. O genio inglez descobriu a forma perfeita de governo. O que importa discutir é a vantagem de sua applicação a povos e paizes diversos. O Brazil, pensava Nabuco, teria continuado a sua obra serena de engrandecimento pacifico e honesto, dentro do regi-

me extincto. O levante de 15 de Novembro foi um erro, mais do que um erro,—um crime. Quebramos violentamente a continuidade historica da nossa vida. Demos um salto nas trevas. Para nós-outros, que não conhecemos o Imperio, esta questão de formas de governo não tem sentido no Brazil. Não se nos apresenta, não existe. Não ha um dilemma. A restauração monarchica é uma utopia, a republica parlamentar, uma illusão perigosa. Ninguem crê que uma ou outra possa constituir a panacéa dos nossos males. Mas, no intimo, quem conhece a historia politica do Brazil, fugirá de um parallelo entre o antigo regime e a actual ordem de cousas. Nenhum progresso material, nem todas as avenidas do mundo compensarão a ordem, a perdida honestidade, a perdida dignidade dos costumes politicos de outros tempos.

— De volta da Europa, em 1874, Nabuco passa dois annos no Rio, alheio á politica. Em 76, entra na diplomacia como addido de legação nos Estados-Unidos. Ninguem no Brazil reuniu tantos predicados para esta carreira quanto Nabuco. Tinha o que, em regra, faltam aos nossos diplomatas, colhidos nos primeiros postos entre pobres moços da rua do Ouvidor e da Avenida: talento, cultura, patriotismo, maneiras, distincção, o gosto e o geito da vida nobre, a incomparavel seducção pessoal.

Não dura muito, entretanto, essa primeira incursão na diplomacia, a que voltará, vinte

annos depois, para salvar com Rio Branco, na Europa e na America do Norte, o renome da intelligencia e capacidade brazileiras. A politica chamava-o novamente. Satisfaz assim a ambição dos seus paes, que desejariam no Senado do Imperio o representante da quarta geração dos Nabucos de Araujo. A campanha abolicionista, parada ha alguns annos, desde a victoria da lei de 28 de Setembro, ia recomeçar com forças novas. Encerra-se para Nabuco a phase de **dilettantismo**, de **lazzaronismo** intellectual, segundo uma expressão sua. Quer um fim humano na vida, uma grande obra, uma grande campanha que lhe mereçam toda a dedicação e todos os sacrificios. Ha uma idéa, uma bandeira,—a abolição,—sob que se poderá abrigar. Em 1878, no mesmo anno do fallecimento de seu pae, é eleito deputado por Pernambuco. Inicia assim a década abolicionista, em que a sua paixão de proselyto se multiplica por toda parte, no Parlamento, no jornalismo, em pamphletos, em viagens.

Toda a sua intelligencia e todos os seus esforços ficam a serviços da cruzada em que suppunha consumir toda a vida. O intellectual e o mundano cedem a vez ao homem de acção.

A campanha aboliconista

Por muito tempo, o nosso organismo social sentirá os effeitos da escravidão, — sua velha diathese. Quem estuda a psicologia collectiva do Brazil, conclue facilmente que as raizes dos nossos males, tão varios e complexos, se embebem ainda na seiva que deixou o maldicto regime. Alguns seculos de escravidão foram mais do que sufficientes para corromper profundamente a vida nacional. A nossa sociedade, a nossa politica, a nossa economia, cresceram sobre os alicerces falsos e perigosos do trabalho escravo. Dahi, os seus defeitos, os seus erros tremendos, que sómente a acção lenta do tempo poderá corrigir.

A escravidão penetrara tão fortemente na nossa vida que foram necessarios trinta annos de luctas para a extinguir. A nossa consciencia se embotara de todo; podemos ser tranquillamente a derradeira nação civilizada que tinha captivos. Raras pessôas no Brazil sentiriam a infamia que ella concretizava; mais raras, ainda, desconfiariam que de sua existencia mesmo provinham o nosso atrazo material e inferioridade economica.

A escravidão foi o grande crime do segundo Imperio. Toda a sua obra de construcção pacifica da nossa nacionalidade, a nobreza dos seus costumes politicos, as virtudes que imprimiu á nossa vida social e domestica, não o redimirão, perante os homens de hoje e de amanhã, de semelhante crime. E' difficil, comprehender e perdoar a lethargia, a insensibilidade moral dos nossos dirigentes ante o maximo problema do Brazil. O nosso mecanismo politico, no seu jôgo apparentemente perfeito, era falso, simples e mal posto verniz de civilização. Um paiz que tolera pacificamente a escravatura, sem se dilacerar numa guerra intestina, como os Estados-Unidos, revela-se no fundo tão barbaro quanto a Abyssinia e o antigo Paraguay.

Muito tempo, fomos este paiz. Bem tarde despertou o nosso sentimento anti-escravagista. Os mais nobres espiritos, as mais lucidas intelligencias, os mais generosos corações, fechavam-se numa indifferença fria e impiedosa. Seria o escravo, de facto, um ente humano? Quando nas sensalas os chicotes dos feitores lhes cortavam a pelle, seriam os seus gritos, signaes de dor, ou, como pensava Malebranche do seu cão, simples effeito da passagem do ar em certos tubos vocaes? Porque duvidar da legitimidade da propriedade escrava? O proprio Deus a instituira; os seus representantes na terra a defendiam; as leis, os codigos, regulavam-na... A abolição affigurava-se, dest'arte, aos homens

de otr'ora uma idéa mais absurda do que a da Republica. A vida brazileira emanava do escravo. Se tocassem nelle, todo o edificio social ruiria.

De longe em longe, alguma voz balbuciava um timido protesto que ninguem ouvia. Do movimento anti-escravagista da Europa, da propria guerra civil dos Estados-Unidos, mal nos chegava o éco. Adormecido na sua rotina, o Brazil imperial lembra a nós-outros, que não o conhecemos, senão pelas tradições oraes e pela historia, uma China honesta e pacifica, com o seu rei ideólogo e o mandarinato dos seus estadistas. Parece-nos que a esses homens, tão nobres e dignos, modelos de caracter, e, algumas vezes, de cultura, faltava o senso da realidade das cousas. Eram todos theoricos e doutrinarios. A paixão politica, satisfazendo-se, quasi que sensualmente, nas luctas partidarias para as formações de gabinetes, perturbava-lhes a visão, diminuindo-lhe o alcance.

Constituimos assim uma nação realmente absurda. No alto, um Imperador, fingindo, segundo o epigramma de Ferreira Vianna, que governava um paiz livre, e um estado-maior de politicos que, sem embargo da ficção parlamentar, viviam de suas graças e seus caprichos; em baixo, a massa informe de analphabetos e escravos, sem consciencia dos seus direitos e deveres. Toda a liberdade, toda a ordem que faziam do Brazil um caso estranho na America do

Sul, vinham do alto, eram dadivas do rei ao seu povo. Uma epeira dourada, dirá Nabuco; systema da aranha, a tirar do proprio abdomen os fios da teia em que se equilibra e em que um dia se enforcará...

A guerra do Paraguay foi o primeiro toque de alarma. Abrimos os olhos espantados. Na illusão da nossa grandeza territorial e no sonho da nossa entrosagem politica, nos suppunhamos um paiz organizado. Faltava-nos tudo. A nossa incapacidade intrinseca era quasi egual á dos nossos visinhos. Nações enfermas de Gladstone — alli, o hysterismo agudo dos pronunciamentos militares e das revoluções politicas; aqui, a somnolencia doentia dos organismos anemicos. Combatemos cinco annos um pequeno paiz de fanaticos, e, ao cabo de todos os sacrificios, deixámos que as vantagens da victoria ficassem exclusivamente para os nossos alliados...

Ao estreito contacto com os povos estrangeiros, sentimos pela primeira vez a vergonha da escravidão. Eramos uma nação de escravos, digna de todos os ridiculos e sarcasmos. A vaidade do Imperador se resente das humilhações soffridas na sua viagem ao Sul. Vira o desprezo que nos cercava, o opprobio que attinjia o nosso exercito de captivos, a derramarem o seu sangue pelo dos senhores que ficavam nos engenhos e fazendas. Os olhos se lhe abrem. Partem, então, de sua iniciativa os primeiros passos, ainda medrosos e incertos em favor dos

escravos. Como em 1850, só chegaramos á lei de Eusebio de Queiroz e ás suas medidas complementares, relativas ao trafico dos negros, sob a pressão da Inglaterra e a fiscalização humilhante dos diplomatas britanicos, em 66, foi á influencia indirecta do estrangeiro que devemos o nosso primeiro movimento anti-escravagista.

A lucta contra a escravidão retrata nitidamente os processos politicos e administrativos do antigo regime. Caminhámos com inuteis cautellas e lentidão excessiva. Ninguem tinha coragem de alvitrar medidas radicaes. Levámos quasi trinta annos, de 26 a 54, para extinguir o trafico dos negros; onze annos, de 60 a 71, para chegar á lei de Rio-Branco; dez annos, de 78 a 88, para conseguir a abolição total. Uma victoria parcial, e o movimento pára; parece que o esforço feito cansou e creou o receio de proseguir. Falta uma acção continua, uma convergencia de esforços e vontades. Aliás, nas nossas luctas de toda especie, revelamos sempre a mesma psicologia dos nossos ascendentes—incapacidade de perseverar, esgotamento nervoso rapido, eterno **laissez aller,** que nos encobre a indolencia e resignação intimas.

Em 1860, escreve Nabuco, a escravidão soffreu as primeiras investidas, «em geral cautelosas e animadas para com ella de todas as deferencias possiveis». Anteriormente, contavamse simples protestos vagos, como o dos deputados Ferreira França, em 31, com um extrava-

gante projecto de abolição, o de Silva Guimarães, em 52, traduzido num projecto de liberdade dos nascituros, o de Silveira da Motta, em 57, e a inquietação constante de Montezuma, que Nabuco classifica de nosso primeiro abolicionista, no sentido amplo da palavra. Um movimento mais sério parte de advogados e jurista — Caetano Soares, Perdigão Malheiro, Tavares Bastos e outros. Mas não alcança a esphera do Governo. Sómente em 66, depois da volta do Imperador da viagem ao Sul, foi que Zacharias levou ao estudo do Conselho de Estado os projectos de Pimenta Bueno, que se diziam inspirados pelo proprio monarcha. Desses projectos, surgirá, cinco annos depois, a lei de 28 de Setembro.

Não me proponho a escrever aqui a historia da escravidão. E' muito mais modesto o meu intuito: um simples estudo sobre Nabuco, que não ultrapasse os limites de um ensaio. Entretanto, para comprehender a sua attitude na campanha abolicionista, precisava relembrar as origens desta. Dispenso-me, pois, de acompanhar a custosa elaboração da lei de 28 de Setembro e de analyzar as curiosas adhesões que a idéa abolicionista ia conquistando entre os dirigentes, como Zacharias, Ottoni, Nabuco de Araujo, Salles Torres-Homem, Souza Franco Abaeté e Paranhos, e a opposição conservadora de Eusebio de Queiroz, Itaborahy, Olinda, Bom-Retiro e Muritiba, que desejava adiar a

abolição para 1930... Nenhum dos membros do Conselho, como, depois, nenhum membro da Camara e do Senado, pensou na abolição immediata. A lei de Rio-Branco, tão timida e incompleta, representava uma verdadeira revolução para muitos espiritos.

Conseguida a primeira victoria, cessa a campanha anti-escravagista. Durante sete annos, o paiz parece satisfeito e tranquillo. Só em 78 ella recomeçará. A nova geração que estréa na vida publica, fôra educada sob outras idéas, em outros moldes. O Brazil atravessava então uma phase de reformas que desafiavam a rivalidade dos dois partidos tradicionaes. O espirito da abolição estava no ar. Aos moços que a Camara liberal de Sinimbú acolhia em 79, a febre da acção queimava. Nenhum outro problema despertava tanto enthusiasmo quanto o da redempção da raça negra. O incendio é novamente ateado e, agora, nas suas chammas, desapparecerá não sómente a escravidão como o regime politico que lhe vivera criminosamente á sombra.

A' lei de 71, seguiu-se immediatamente a questão religiosa, provocada pela attitude dos bispos de Pernambuco e Pará. O paiz todo agitava-se entre o sentimento de respeito á Igreja e de lealdade aos poderes constituidos. Pela primeira vez, o Imperador fizera sentir a sua acção, quasi que violentamente, em nossa politica, apoiando o processo contra os prelados re-

beldes, apesar da intervenção amistosa do Papa. O problema da abolição passa para o segundo plano; até 75, a questão religiosa monopoliza todas as attenções. O ministerio Rio-Branco, que conseguira a lei de 28 de Setembro e resistira á reacção religiosa, estava exhausto. Em 75, resigna o poder, sendo chamado ao governo Caxias, nominalmente, e Cotegipe, de facto.

Depois do periodo de luctas, a missão de Caxias, diz Nabuco, era a de cicatrizar as feridas abertas, apagando a questão religiosa com a amnistia, satisfazendo a dissidencia conservadora por uma politica nitidamente partidaria, e consolando os proprietarios ruraes, attingidos pela lei do ventre livre, com a lei de auxilios á lavoura, e ás energias novas do paiz, pelo fomento de industrias, garantias de juros a estradas de ferro, usinas agricolas, etc. Mas a propria situação conservadora, cansada de um longo dominio, esgota-se depressa. O Imperador é obrigado a recorrer ao partido liberal que, emfim, depois de tantos annos de dissidencias e luctas intimas, se organizara e conseguira maioria na Camara. Chama Sinimbú ao governo, preterindo, segundo Nabuco, velhos chefes liberaes, como o conselheiro Nabuco de Araujo. Neste Ministerio renasce a campanha abolicionista, agitada simultaneamente na rua, na imprensa e na tribuna parlamentar por um brilhante nucleo de deputados, de que Nabuco é a figura mais alta e de acção mais fecunda.

O proprio Nabuco nos descreve o estado de espirito do Brazil no momento em que elle entrava na vida politica. «Quando a campanha da abolição foi iniciada, restavam ainda quasi dois milhões de escravos, enquanto os seus filhos menores de oito annos e todos que viessem a nascer, apesar de ingenuos, estavam sujeitos até aos vinte e um annos a um regime praticamente egual ao captiveiro. Foi este immenso bloco que atacámos em 79, acreditando gastar a nossa vida, sem chegar a entalhal-o. Ao fim de dez annos, não restava delle senão pó... Tal resultado foi devido a muitas causas. Em primeiro logar, á época em que foi lançada a idéa. A humanidade estava por demais adeantada para que se podesse defender em principio a escravidão, como o haviam feito nos Estados-Unidos. A raça latina não tem dessas coragens. O sentimento de ser a ultima nação de escravos humilhava a nossa altivez e emulação de paiz novo. Depois, a fraqueza e doçura do caracter nacional, a que o escravo tinha communicado a sua bondade, e a escravidão o seu relaxamento»... Noutro tópico: «A causa abolicionista exercia a sua fascinação sobre a mocidade, a imprensa, a democracia; era um **imperativo cathegorico** para os magistrados e os padres; tinha affinidades profundas com o mundo operario e o exercito, recrutado de preferencia entre os homens de cor; operava como um dissolvente sobre a massa dos partidos politicos,

cuja rivalidade incitava com a honra que podedia conferir aos estadistas que a comprehendessem, e á propria dynastia inspirava, de modo espontaneo, o sacrificio indispensavel para o successo».

Nenhum desses motivos de ordem geral, que explicam o triumpho da idéa abolicionista, exclue o merito da acção de Nabuco e seus companheiros. O ambiente estava preparado para receber a abolição, mas esta não se faria senão pela tenacidade dos abolicionistas. Do Throno, do Governo, não era possivel esperar um gesto espontaneo. Nada lhes abalava a timidez congenita, o velho espirito conservador. O movimento anti-escravagista teria de partir, como partiu, da rua, das conferencias, dos pamphletos, do Parlamento, para envolver e arrastar comsigo as camadas dirigentes e o coração de uma senhora, rainha de bondade, modelo de virtudes.

Se Nabuco tivesse sido um sceptico, um simples mundano ou um simples intellectual, preoccupado apenas em colher na vida exterior e na do pensamento os prazeres que ellas podem offerecer, continuaria na carreira diplomatica ou se arregimentaria num dos partidos politicos do Imperio, á sombra do prestigio de seu pae, para o accesso rapido a uma cadeira de ministro, ao Senado e á propria presidencia do Conselho. Mas havia nelle um grande fundo de philantropia e o desejo intenso de brilhar e le-

gar o seu nome a uma obra social e humanitaria. A campanha abolicionista reunia todos os attractivos; sómente nella, poderia dar a medida do seu talento e capacidade. Sacrifica-lhe todos os cuidados, descendo até o tumulto das ruas e as asperezas da politica, tão pouco attraentes para o seu temperamento aristocratico e á finura natural dos seus habitos.

Em grupos diversos, classificou Nabuco os factores que actuaram na abolição: «primeiro, a acção motora dos espiritos que crearam a opinião pela idéa, pela palavra, pelo sentimento, que a faziam valer por meio do Parlamento, dos **meetings,** da imprensa, do ensino superior, do pulpito e dos tribunaes; segundo, a acção coerciva dos que se propunham a destruir materialmente o formidavel apparelho da escravidão, arrebatando os escravos ao poder dos senhores; terceiro, a acção complementar dos proprietarios que, á medida que o movimento se precipitava, diminuiam-lhe a resistencia, libertando em massa as suas **fabricas;** quarto, a acção politica dos estadistas, representando as concessões do Governo; quinto, a acção dynastica.»

Quem fez mais? Quem fez menos? A quem caberão os louros da victoria?

E' realmente difficil determinar num movimento, tão complexo quanto foi a abolição, a parte certa de cada factor. Nabuco, generosamente, distribue as honras do triumpho. To-

davia, me parece que a devemos ao primeiro e ao segundo grupo. Foram os propagandistas que a fizeram. Para lembrar uma das suas imagens, o ribeiro humilde que brotara, talvez, de alguns olhos piedosos, cresceu, avolumou-se, alagando o paiz. Não houve diques e barragens que o podessem conter.

Nabuco pertenceu ao segundo grupo, como, ao primeiro, José do Patrocinio. A gratidão popular, o sentimento unanime do paiz reconheceram nos dois os grandes chefes do movimento. Encarnam as duas correntes parallelas, concorrendo com efficacia identica para o resultado final. José do Patrocinio, o agitador formidavel, Nabuco, o pensador, o doutrinario, que conserva, em meio da propria refrega, a linha de **gentleman.** A acção de Nabuco não se limitou ao Parlamento, embora seja este o seu campo principal; na imprensa, em conferencias, em folhetos, em livros, agita o grande problema. Não ha um aspecto da questão que lhe escape. Esgota-a, tira della todos os argumentos possiveis, de ordem sentimental, de ordem juridica, de ordem economica. Vae á Inglaterra procurar a solidariedade dos anti-escravagistas, vae a Roma buscar o apoio do Papa. Iria a toda parte, onde podesse descobrir uma sombra de piedade humana, um applauso á lucta.

O seu pequeno livro — **O Abolicionismo** — pode ficar como a synthese de todas as idéas e argumentos com que combateu a escravidão.

José Verissimo chamou-o o melhor producto intellectual da campanha abolicionista. E' realmente completo. Ainda hoje a sua eloquencia nos emociona. Elle nada esqueceu contra a escravidão. Mostra-lhe os horrores todos; os crimes das **fabricas,** a impiedade fria das feiras de escravos e das praças judiciarias, como a de Valença, annunciada pelos jornaes: Agostinho, morphetico, 500$000; Militão, doido, 100$000... Discute-lhe a influencia nefasta na vida do paiz — influencia litteraria pela corrupção da lingua, influencia social pelo relaxamento dos costumes, na promiscuidade das sensalas e pelo amollecimento do caracter, influencia politica e economica, esta mais profunda e perigosa de todas. O escravo creou os latifundios colossaes, cultivou a indolencia dos senhores, a antipathia á machina e ao progresso industrial, a degradação do trabalho. Era incompativel com o trabalho livre, com o salario, com o immigrante estrangeiro. «Onde quer que seja estudada, a escravidão passou sobre o territorio e os povos que a acolheram como um sopro de destruição». O seu contacto venenoso aviltava tudo. O filho do fazendeiro, creado na ociosidade e na prevenção contra o trabalho rural, ia para as capitaes, para as escolas superiores, para o bacharelismo e a burocracia. Os engenhos do Norte e as fazendas do Sul, entregues ao abandono, não conseguiam sair da rotina e dos velhos processos coloniaes. Em troco, o luxo dissolvente

das cidades crescia, sugando a antiga riqueza do paiz. Como deviam doer no nosso orgulho as palavras de Darwin: «no dia 19 de Agosto, deixei para sempre as praias do Brazil. Espero em Deus nunca mais visitar um paiz de escravos...»

— E' na Camara, entretanto, que mais importa estudar a figura de Nabuco. Foi esta a sua grande arena. Nascera politico e orador. Os seus discursos parlamentares, lidos hoje, perdem a metade do merito. São paginas mortas de que só uma grande eloquencia egual á sua poderiam conseguir a meia ressurreição. Todos que o conheceram e o ouviram falar, recordam com enthusiasmo o exito das suas arengas. Elle tinha os requisitos de orador — a belleza physica, a elegancia, os gestos sobrios, a voz harmoniosa, o fôgo da sinceridade e da paixão. Ninguem o ouvia indifferente e tranquillo. Fazia vibrar, arrebatava muitas vezes. Mais tarde, na velhice, discorrendo nas Universidades americanas sobre themas litterarios, o effeito da sua oratoria era extraordinario. Li ou ouvi algures que Roosevelt disse uma vez, a não sei que estrangeiro illustre: se quereis conhecer um dos homens mais curiosos da America do Norte, procurae o embaixador do Brazil...

— Nabuco foi reconhecido deputado por Pernambuco na sessão de 10 de Janeiro de 1879, na mesma legislatura em que Ruy Barbosa co-

meçou a sua gloriosa carreira parlamentar. Esta primeira eleição não lhe custara grandes esforços pessoaes. Tinha ficado assegurada pelo seu pae em accordo com Villa Bella, então, poderoso chefe politico de Pernambuco, e com Adolfo de Barros, presidente da Provincia.

A 19 de Fevereiro, faz a sua estréa. E' um longo discurso sobre a questão religiosa, conceituoso e doutrinario. Declara-se anti-clerical, quer a separação da Igreja. «A democracia não é opposta á Igreja, mas a Igreja é opposta á democracia». Ruy Barbosa o apoia e Felicio dos Santos o contesta. Na sessão de 22 de Março, discutindo o orçamento da Agricultura, fala pela primeira vez sobre a questão abolicionista. Ainda não deseja a emancipação immediata. «Sou daquelles que pensam que a escravidão, depois da lei da emancipação, depois que na propriedade agricola o ingenuo está ao lado do escravo, é um facto que é preciso modificar, e que depende exactamente da iniciativa do Governo apresentar as idéas que apressem o dia da liberdade».

Dahi em diante, encontro quasi que diariamente o seu nome nos Annaes da Camara. Fala sobre tudo, sobre o **income-tax,** a reforma constitucional, a eleição directa, o orçamento da Guerra, o da Agricultura, a politica internacional. «Foi um anno de actividade e expansão na minha vida, escreve na **Minha Formação,** este de 1879, em que fiz a minha es-

tréa parlamentar. Posso dizer que occupei a tribuna todos os dias, tomando parte em todos os debates, em todas as questões... O favor com que era acolhido, os applausos da Camara e das galerias, a attenção que me prestavam, eram para embriagar facilmente um estreante...» Mas o motivo constante dos seus discursos é á abolição; discutindo o assumpto, apparentemente mais estranho ao problema, encontra meios de o estudar sob um novo aspecto. Não lhe faltam argumentos, nem a eloquencia se lhe cansa. Noto-lhe em todos os numerosos discursos esta vibração intima, que contagiava os proprios collegas e provocava as manifestações dos assistentes. Ha sempre nelles a nota final de applausos e palmas nos recintos e galerias. Entretanto, não era um orador popular, de eloquencia turva e palavrosa. Conservou toda a vida a attitude elegante e estudada de um parlamentar inglez.

No anno immediato, 80, a campanha abolicionista é ainda mais intensa. Ganhara novos adeptos. Nabuco tem a mesma assiduidade na tribuna. Ao gabinete Sinimbú, succedera o de Saraiva. Nabuco, que se separara do primeiro, exigia do segundo perfilhasse a idéa abolicionista. Não lhe bastam as declarações vagas dos programmas ministeriaes; «são precisas medidas nas quaes o mundo inteiro possa ver a prova da sinceridade politica». Na legislatura seguinte, Nabuco não volta á Camara; a acção se lhe restringe ás conferencias publicas, aos

folhetos, á propaganda das ruas. Só em 87, consegue reentrar no Parlamento, na celebre eleição em que derrotou o ministro do Imperio do Gabinete Cotegipe, Nascimento Portella, sendo eleito no primeiro escrutinio por 1409 votos em 2691 eleitores presentes. E' o derradeiro anno da escravidão. A abolição é uma idéa vencedora em toda a parte e em todas as consciencias. Elle chega á Camara, precedido de largo renome, em pleno vigor de seu talento. A sua palavra, a sua eloquencia, são mais poderosas do que antes. E' um luctador implacavel que quer vencer e não tem mais paciencia para esperar. O seu primeiro discurso nesta sessão, pronunciou-o a 7 de Outubro sobre o orçamento da guerra. Combate fortemente o ministerio Cotegipe. Pela primeira vez, leio palavras aggressivas e violentas na sua oratoria. «Considero o actual gabinete ao nivel mais baixo a que tem chegado o Governo do Brazil. Este ministerio representa duas deficiencias moraes: perante a força militar, representa a impotencia, perante a America livre, o que pode haver de peior na terra — a escravidão».

Depois de Cotegipe, vem João Alfredo. A' 7 de Maio, recebendo o novo ministerio, Nabuco pronuncia longo e enthusiastico discurso. A 8, o ministro Rodrigo Silva lê á Camara o projecto do governo, propondo a abolição immediata. E' um dia verdadeiramente solenne, o grande dia dos abolicionistas. Camara repleta;

galerias, tribunas, recinto. Nabuco pede a nomeação de uma commissão especial para dar parecer sobre o projecto. Attendido o requerimento, a commissão redige o parecer de que é relator Duarte de Azevedo. Nabuco discursa, dando-se nesta occasião o incidente com Andrade Figueira, o mais intransigente e corajoso defensor da escravidão. Vale a pena lembral-o. «Esta lei, diz Nabuco, não póde ser votada hoje, mas por uma interpretação razoavel do nosso regimento, a qual, estou certo, não poderia oppor-se o coração de bronze de Andrade Figueira...» Applausos, palmas nas galerias. Andrade Figueira, irritado, affrontando a animosidade ambiente, pede a palavra para protestar contra a intervenção no debate de pessôas estranhas, que «convertem a augusta magestade da Camara em circo de cavallinhos...» Não sabe, continua, mais insultuoso ainda, se tem o coração de bronze; se o tem, prefere que seja de bronze em vez de lama... Nabuco replica, dizendo não levantar a injuria donde ella caiu, do tapete da casa. Que lhe importa á magnitude de vencedor a irritação dos vencidos?

A 8 de Maio, a lei é finalmente approvada em votação nominal por 83 contra 9 votos. Estava terminada a campanha. Não cessa, comtudo, a actividade parlamentar de Nabuco. Preoccupam-no, agora, as questões economicas e, principalmente, a federação do Imperio.

O movimento republicano crescera, amea-

çava de perto o velho throno. Para Joaquim Nabuco, como para Ruy Barbosa, sómente a federação das provincias poderia salval-o. Mais do que nunca, é um monarchista convencido, a quem a Republica faz medo. Falando a 2 de Junho sobre a interpellação de Cesario Alvim a João Alfredo, declara: «Acredito na monarchia; acredito que ella é neste momento e nas circumstancias do nosso paiz e do Continente, a fórma de governo que devemos manter para não sermos lançados nas aventuras perigosas e difficeis em que foram lançadas outros paizes do Continente.» Dias depois, justifica um projecto, mandando que os eleitores da proxima legislatura confiram aos deputados poderes especiaes para reformarem a Constituição, no sentido de converter o Brazil numa federação monarchica.

O projecto não é aceito. A monarchia tem os dias contados. Em 11 de Junho, diz no seu ultimo discurso parlamentar, respondendo a Ouro-Preto, que rasgara a «bandeira federal»: «a Monarchia só póde existir por meio de reformas federaes. Não comprehendo porque o partido liberal faz renuncia da federação.» E concluindo, invoca o patriotismo do Presidente do Conselho para que o seu Gabinete não seja o ultimo do Imperio. A energia de Ouro-Preto conhece outra therapeutica, que, no entanto, falha. O seu Gabinete será realmente o ultimo, segundo a previsão de Nabuco.

A 15 de Novembro a scena mudou. Já não ha logar para Joaquim Nabuco. Começa a nova phase de sua vida. A politica, se não lhe deixara saudades, não lhe legara amarguras nem resentimentos. «A scena politica foi tambem para mim um puro encantamento... Sob a apparencia de partidos, ministerios, Camaras, de todo o systema a que presidia com as suas longas barbas niveas o velho de S. Christovão, o genio brazileiro tinha encarnado e disfarçado o drama de lagrimas e esperanças que se estava representando no inconsciente nacional, e á geração do meu tempo coube penetrar no vasto simulacro, no momento em que o signal, o toque redemptor, ia ser dado, e todo elle desabar para apparecer em seu logar a realidade humana, de repente, chamada á vida, restituida á liberdade e ao movimento... Por isto, não trouxe da politica nenhuma decepção, nenhuma amargura, nenhum resentimento... Atravessei por ella durante a metamorphose».

De 89 a 900, decorre o periodo de recolhimento, estudo e livros. Tambem nesta epoca funda, com Lucio de Mendonça e Machado de Assis, a Academia Brazileira de Letras. «A formação da Academia, diz no formoso discurso de inauguração, é a affirmação de que litteraria como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caracter distincto e só póde ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos proprios,

só querendo, só aspirando a gloria que possa vir de seu genio». Mal desconfiaria que elle mesmo será uma das primeiras victimas do disvirtuamento de sua obra, na profanação litteraria de sua herança... O **arrivismo,** que tamanha repugnancia lhe causava na sociedade e na politica republicana, attingirá egualmente a esphera das letras.

Resta-me estudar o escriptor — publicista e historiador politico em **Um Estadista do Imperio** e **Balmaceda,** philosopho e moralista nos **Pensées Detachées.**

O historiador e publicista

Comprehende a obra de historiador e publicista de Joaquim Nabuco **Um Estadista do Imperio, Balmaceda, A Intervenção,** além de conferencias, polemicas, artigos esparsos de jornaes e revistas, hoje, de difficil consulta. Bastam, entretanto, aquelles livros para se ter uma impressão completa de tal aspecto de sua actividade intellectual.

Não sei bem se, na technica litteraria, caberá a Nabuco o nome de historiador. E' preciso alargar muito o campo da historia para que abranja escriptos politicos da especie dos seus.

Não foi um narrador de factos, objectivo e impessoal, como quizera Fustel de Coulanges, nem um philosopho, um doutrinario, constructor de systemas, como Taine e Mommsen. Lembra-me, ás vezes, Macaulay, pela eloquencia de orador e pelo reflexo das proprias paixões politicas que trouxe para os livros. Mas, sobretudo, é Burke que elle evoca.

Reli **Balmaceda** e **Um Estadista do Imperio,** quando mal fechára as **Reflexões sobre a Revolução Franceza.** Pareceu-me extraordinaria a analogia entre o grande escriptor inglez e o publicista brazileiro. Como Burke, foi Nabuco um escriptor politico, muito mais sociólogo do que historiador. O que procuram ambos nos factos do passado, é a licção do momento, o proveito immediato a colher. Escrever, se lhes affigura uma forma de acção politica, um meio de intervirem no debate da hora presente. Não se perdem em abstracções, nas malhas largas dos systemas philosophicos. A historia é um aspecto da politica; vale sómente pela utilidade social que resulte de sua experiencia.

Para um homem de acção, como Joaquim Nabuco, o afastamento total da vida publica seria impossivel. Caída a Monarchia e encerrada, dest'arte, a sua carreira parlamentar, refugia-se no estudo da nossa historia politica e na da politica dos visinhos, modalidade diversa de servir á causa publica. Elle mesmo se definira: «eu sou um liberal, não no sentido passageiro,

politico, da expressão, mas no sentido humano, eterno, e como liberal, a aspiração synthetica de minha vida intima de ser a de me não dessassociar, qualquer que fosse a sua forma de governo, dos destinos do meu paiz». Noutro topico de **Minha Formação:** «a historia é, com effeito, o unico campo em que me seria dado ainda cultivar a politica, porque nella não teria o perigo de faltar á indulgencia, que é a caridade do espirito, nem á tolerancia, que é a forma de justiça a que posso attingir». Contra a anarchia dos primeiros annos da Republica, a ordem e a tranquillidade do Imperio poderiam ser um reactivo efficaz; contra o despotismo militar de Floriano, o exemplo de Balmaceda poderia ser fecundo... A' semelhança de Burke, era Nabuco um homem de Estado. Provinham de origens communs, tinham bebido na mesma fonte pura do liberalismo inglez, serviam ao mesmo ideal de ordem e justiça. A organização politica da Inglaterra lhes constituia o modelo eterno, a infallivel medida para julgar a dos outros paizes.

Burke não comprehendia a Revolução Franceza. O seu claro senso britanico não perdoava o anarchismo doutrinario dos discipulos de Rousseau, o culto ridiculo da deusa Razão, uma democracia que se lava e purifica em sangue. Os seus sentimentos de inglez liberal arripiam-se ante o triumpho da plebe ignara, dos demagogos vermelhos, dos **sans culottes,** que

não recuam de violencias e crimes, que executam o rei, confiscam propriedades e profanam a religião. Nabuco, por sua vez, não comprehendia a ditadura de Balmaceda, o horror das revoltas e pronunciamentos, que dilaceram a America do Sul, e que nos foram o presente de nupcias da Republica. Porque trocámos a ordem antiga pelo tumulto de hoje? Será necessario, diz algures Nabuco, numa ironia amarga, crear nas Universidades do Continente a cadeira das revoluções comparadas?

Ainda um ponto de semelhança entre Burke e Nabuco — o gosto dos aphorismos e pensamentos politicos. Teria de percorrer toda a obra de Nabuco quem desejasse citar os pensamentos, a miude, originaes e profundos, que nella enxameiam. No momento, recordo-me de alguns. «A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possivel fazel-as, e com elles é impossivel governar». «Ao passo que os homens diminuem, a ambição cresce; em uma sociedade onde todas as partes do organismo têm vida propria e adherem apertadamente entre si, por um principio de unidade moral ainda intacto, a ambição pessoal nunca toma as proporções que nas épocas de dissolução fazem della a ameaça constante e, ás vezes tambem, a unica esperança da sociedade em ruinas». «A incoherencia em politica é quasi uma censura inepta, porque o que se chama incoherencia dos homens em geral, é o proprio serpear da poli-

tica, a qual é um zigzague, não uma recta, e onde, muitas vezes, é impossivel dar um passo sem tactear, avançar sem voltar atraz do ponto de partida, conseguir o que se deseja sem parecer sujeitar-se á contradicção que a opinião espera dos partidos e os partidos impõem aos seus chefes».

Em **Balmaceda,** essas duas licções dolorosas para nós, e uma esplendida resposta aos germanophilos, que inventaram o navalismo inglez: «A tendencia do governo militar é o militarismo. Não póde haver despotismo naval. Tem havido até hoje todas as especies de tyrania, mas nunca se viu um tyrano embarcado. Do mar, ainda não se governou a terra». «No governo moderno, um tyrano á moda da Renascença seria um alienado, como seria um imbecil, o que, por falta de dinheiro, confiscasse as propriedades. A's antigas prescripções correspondem hoje os golpes de Estado; á confiscação, as largas emissões de papel moeda...»

Da especie destes, muitos outros. Nabuco herdára um pouco de seu pae o habito das sentenças, que resumem, quasi sempre numa imagem ou metaphora, a sabedoria das phrases longas e complexas. Mais tarde, o livro de sua vida interior, será um livro de pensamentos.

— E' facil comprehender a sympathia com que em **Um Estadista do Imperio** fala Nabuco sobre o antigo regime. A monarchia brazileira roubara, ao seu ver, um typo politico quasi

perfeito. Na desordem do continente sul-americano, dividido entre caudilhos e ditadores, fomos, durante mais de meio seculo, um paiz organizado. A Republica perturbou tudo. Conhecemos então a praga dos **pronunciamentos** e da guerra civil. Em a nossa sociedade tranquilla e quasi patriarchal, irrompeu a febre do luxo, das riquezas, dos negocios, a megalomania, em summa, que é a diathese contemporanea a nos corromper os sentimentos e a nos aviltar o caracter. A sensibilidade moral de Nabuco se irrita. Maldicto regime o que produz na America do Sul semelhantes fructos! Não pode amá-lo, não pode servil-o. Se, por ventura, erguesse num protesto altivo, a sua voz eloquente e generosa, quem na escutaria? Só ha lugar, para os gritos, as blasphemias, as diatribes e as injurias...

Qualquer de nós póde discordar de Nabuco, ver a monarchia brazileira e a resistencia de Balmaceda sob outros aspectos. Os phenomenos politicos, como todos os phenomenos sociaes, reflectem-se diversamente em temperamentos diversos. O que não se conseguiria negar, é o merito extraordinario dos seus livros. Sem ser um artista genial, ou mesmo um escriptor impeccavel, como Ruy Barbosa ou Machado de Assis, nem um grande philosopho, Nabuco ficou em nossas lettras, como um prosador admiravel de clareza e elegancia e um

pensador honesto, servido de alta intelligencia e solida cultura.

Um Estadista do Imperio é um livro fóra do commum. Não teve e nem terá jamais larga repercussão entre nós. De ordinario, pouco nos interessa o passado, mal nos preoccupa o futuro. Vivemos descuidadamente o momento que passa. Para o nosso empirismo eterno e a nossa preguiça mental, os dias idos não deixam lembrança e o futuro pertence a Deus...

— Estudando a figura do senador Nabuco de Araujo, Joaquim Nabuco nos deixou no seu grande livro a historia politica do segundo Imperio, desde a minoridade até 1870, no inicio da campanha abolicionista. E' uma larga perspectiva sobre toda a vida publica, os factos e os homens do antigo regime. Analysa e discute os problemas de então; o trafico dos negros, a lei do ventre livre, a guerra do Paraguay, a politica interior e a politica financeira, as luctas intestinas dos partidos, a questão religiosa de 1873, a campanha abolicionista, as reformas liberaes, a lenta infiltração das idéas republicanas. Dá vida aos factos, faz resurgir os homens.

Poder-se-ia tirar de seu livro uma galeria de retratos dos estadistas do Imperio, quasi todos, curiosas figuras, de alto relevo moral, algumas, de grande merito intellectual. Nabuco se compraz nesses perfis á La Bruyère — alguns traços penetrantes, mas sem a malicia do aspero

censor do grande seculo. Esboça-os aqui; retoma-os e amplia-os além; compara-os entre si; modifica-os, retoca-os. Cito algumas dessas aguas-fortes.

— De Cotegipe: «Wanderley era um politico, homem do mundo e um orador homem de espirito. Tudo nelle era talento, agudeza, espirito; não devia nada aos livros. Seu maravilhoso talento natural tratava a politica como uma meada enredada que fosse preciso deslindar só com a delicadeza dos dedos. Sua bagagem intellectual era tão pequena quanto possivel; não se carregava de livros — **omnia mea mecum porto,** poderia elle dizer em qualquer debate que se levantasse. Um espirito assim desdenhava tudo que em politica podesse parecer pensamento puro, theoria ou sciencia; de facto, elle só respeitava no estadista a experiencia e o successo; para a politica era preciso sómente um bom senso apurado, pouca cousa mais, senão menos, do que para dirigir qualquer grande estabelecimento.» Retomando o modelo, accrescenta: «Wanderley produziu nos homens de sua época a impressão de ser o mais intelligente de todos, o que não quer dizer que tivesse a intensidade mental de outros; por mais intelligente, deve-se entender o espirito que percebia melhor e o mais depressa o ponto sensivel ao maior numero e sabia tirar partido deste avanço que levava aos demais. Ao passo que o discurso dos outros era feito com uma tonelada de erudição e talvez,

quando havia, uma onça de espirito, o delle era feito com uma tonelada de espirito e, quando havia, uma onça de erudição».

De Ferraz: «Ferraz era na tribuna uma especie de gladiador antigo, armado da rêde de que devia lançar sobre o adversario, e do tridente com que procurava atravessar-lhe a armadura. Ao contrario de Paraná, possuia uma vasta erudição e uma competencia administrativa excepcional. Talvez de todos os homens de Estado da Monarchia, tinha sido o unico apto para occupar qualquer das pastas com a mesma proficiencia, e, mesmo, se as circumstancias o obrigassem a tanto, todas a um tempo. A sua actividade era egual á sua capacidade.»

Sobre a figura austera de Olinda: «Olinda não podia ser chefe dos chefes, nem servir com o Imperador senão pouco tempo; faltava-lhe a flexibilidade precisa para ceder. Elle tinha em tudo idéas proprias, sentimentos, ou, antes, preconceitos, que ninguem podia modificar. Da sua situação de regente, ficara-lhe o orgulho natural de ser o primeiro cidadão abaixo do Imperador, uma especie de Vice-Imperador permanente...».

Sobre Paraná: «Com uma intelligencia naturalmente prompta e perspicaz, Paraná era dotado de raro tino politico, de uma disposição pratica e positiva que o fazia observar friamente os homens, accumular as pequenas observações de cada dia, de preferencia a procurar

idéas geraes, principios syntheticos de politica... Havia nelle um certo desdem pela natureza em geral dos politicos; era um conhecedor de caracteres, e, por isto mesmo, não tomava os homens, pelo que elles mesmos pretendiam valer, mas sempre com grande desconto.»

Sobre Zacharias, talvez a figura mais curiosa da politica do Imperio, com a sua inteireza moral, a sua intransigencia, o seu lucido talento, a sua cultura, a sua **distancia** orgulhosa, a sua mordacidade implacavel, o seu sarcasmo impenitente, Nabuco fala diversas vezes. O modelo é encantador para um artista e um psicologo. Figura forte, cheia de arestas e aspectos interessantes. Todas as vezes que a encontra, Nabuco parece descobrir novo homem. O primeiro esboço está incompleto; torna-se necessario retomal-o, retocal-o ainda.

«Zacharias era um espirito de combate, indifferente a idéas, excepto aos dogmas e preceitos da Igreja, da qual mais tarde se fará no Senado o athleta; rispido e escarnecedor no debate, não poupando a menor claudicação, mesmo do amigo ou partidario, fosse ella um artigo da Constituição ou na pronuncia de alguma palavra estrangeira... Chamando a tudo e a todos á conta, com a regra de pedagogo constitucional, elle foi o mais implacavel e, tambem, o mais autorizado censor que a nossa tribuna parlamentar conheceu... Não havia nelle traço de sentimentalismo; nenhuma affeição, nenhu-

ma fraqueza, nenhuma condescencia intima projectavam sua sombra sobre as palavras, os actos, os pensamentos mesmo do politico.» Mais além: «E' neste Gabinete, que se deve estudar a physionomia politica de Zacharias, o seu momento, porque é nelle que o estadista se mostra em seu completo desenvolvimento. Antes, é um espirito fluctuante; depois, quando lhe vêm, ao mesmo tempo, a saciedade e o despeito, será um belicoso, que toca em tudo implacavelmente, em sua propria gloria, mas sem revolta interior, porque com a saciedade, não ha espirito por mais irrequieto que se torne revolto, não ha resentimento que possa fazer explosão — o que não impede que, em politica, a mais dissolvente de todas as acções seja a desse tedio incontentavel que a saciedade produz, sobretudo, alliada ao genio demolidor, á critica irreprimivel, á satisfação de abater, á inhabilidade para organizar». Ainda uma vez: «O seu talento de orador parlamentar, emancipando-se com a idade e a experiencia e impondo-se com o prestigio da posição, tinha-se tornado incomparavel... Independente pela fortuna, aristocrata por reclusão de habitos e altivez de maneiras, o prazer de Zacharias na vida parecia resumir-se em preparar todas as noites os golpes certeiros, com que havia no dia seguinte de tirar sangue ao adversario. Era-lhe preciso uma sessão diaria para esgotar os epigrammas, as allusões ferinas, os quinaus humilhantes que levava na al-

gibeira... ¡Uma palavra assim, penetrante, vitriolica, desdenhosa, dissolvia todas as vaidades, e, naturalmente, exasperava os adversarios, como Christiano Ottoni, que possuia, em escala tambem excepcional, o dom do vituperio. Durante os dez ultimos annos da vida, de 67 a 77, Zacharias exerce no Senado uma verdadeira dictadura parlamentar... Elle é um censor romano que exerce, sem opposição de ninguem, a vigilancia dos costumes politicos, até nos minimos pormenores, como o comprimento das sobrecasacas dos senadores, a postura ministerial, a pronuncia das palavras inglezas.»

Sobre o visconde de Rio Branco: «Ao contrario de todos os outros presidentes de Conselho, Rio Branco possuia o espirito do cargo, a affinidade natural, a especialidade d'aquella funcção em nosso systema politico. Todos os outros foram **dilettantes;** só elle foi o profissional». Noutra passagem. «No conjuncto e na forma em que este conjuncto foi animado, elle é o primeiro dos nossos politicos; elle é equilibrado, o feliz, o completo, o olympico... Foi a mais lucida consciencia monarchica do reinado...»

Este formoso perfil de Silveira Martins: «Um homem novo começava a apparecer na politica e revelava, desde os seus primeiros actos, uma independencia, uma força, uma audacia, como, de certo, ainda não se tinha visto, batendo ás suas portas em nome de um direito

até então desconhecido — o do povo. Era Silveira Martins. A figura do tribuno, como depois a do parlamentar, era talhada em formas colossaes; não havia nelle nada de gracioso, de modesto, de humilde, de pequeno; tudo era vasto, largo, soberbo, dominador... Era uma figura fundida no molde em que a imaginação prophetica vasava as suas creações. Era o Sansão do Imperio.»

— A primeira impressão que nos causa **Um Estadista do Imperio** é que a piedade filial de Nabuco exaggerou o merito do senador Nabuco de Araujo e que as suas sympathias monarchicas emprestaram ás luctas politicas do Imperio um valor que ellas não tiveram.

O Senador Nabuco foi uma figura secundaria entre os estadistas do seu tempo. Não sei como o collocar ao nivel de Zacharias, Olinda, Paraná, Cotegipe e Rio-Branco. Ficaria entre Saraiva e Sinimbú, por exemplo. Uma intelligencia lucida e sensata, um jurista eminente, sem requisitos de estadista ou conductor de homens. Os seus discursos parlamentares e os seus pareceres no Conselho de Estado revelam, sobretudo, um advogado consciencioso, um tanto formalista, abusando dos aphorismos, dos sorites, das velhas figuras de rhetorica. Em Direito, muito aquem do genio constructor de Teixeira de Freitas, talvez mesmo, de Perdigão, Malheiro e Pimenta Bueno. A' collaboração que Nabuco lhe attribue no regulamento 737 — o

capitulo das Nullidades — se deve, creio, a parte mais vulneravel desta lei, verdadeiro modelo de fundo e forma.

A vida politica do segundo Imperio não teve tambem o relevo que Nabuco lhe encontrou... Da propria leitura do seu livro, poder-se-ia tirar uma conclusão inversa da sua: a agitação politica do tempo da monarchia é digna da agitação da Republica. De ordinario, uma politiquice pessoal, mais ou menos mesquinha. Na Republica é mais do que politiquice — politicalha, segundo o neologismo recente de Ruy Barbosa.

Moralmente, os homens publicos valiam mais do que os de hoje, o que se póde explicar como resultados do regime, da influencia reflexa da probidade pessoal do Imperador e das condições da sociedade de então. A vida domestica, honesta e calma, os velhos habitos de modestia e compostura da nossa sociedade reagiam naturalmente, contra as possiveis tendencias más do mundo politico. Havia certa organização social, classes distinctas, uma pequena aristocracia rural, enraizada na terra, as necessarias medida e distancia entre os homens e as cousas. O **arrivismo** foi creação posterior da Republica — a ansia, o desespero de subir a todo transe, o esmagamento brutal de todas as distincções naturaes de caracter, talento, cultura e origens, o culto do dinheiro, que tudo isto envenena e corrompe a vida brazileira nas

suas manifestações mais diversas e mais intimas, na litteratura como na politica, nas altas espheras dos dirigentes, como no recesso da vida domestica.

No resto, a nossa educação politica de outrora poderia medir-se pela de hoje. Não tivemos jamais partidos politicos, com idéas e programmas definidos. As nossas luctas politicas se fizeram sempre em torno de homens, figuras ephemeras e ôcas, que a enchente da maré politica traz á tona um dia para que, no dia immediato, a vasante os trague novamente.

Para a realização da democracia brazileira, faltou no Imperio, como falta no regime actual a base da opinião publica, esclarecida e vigilante, actuando n'um parlamento que nascesse de eleições verdadeiras.

Copiámos exteriormente as formas politicas da Inglaterra (mais tarde, os Estados Unidos serão o modelo), mas não podiamos improvizar a cultura politica do povo. No fundo, o nosso regime representativo era uma ficção. Só havia um poder effectivo — o do Imperador. Poderia procurar onde bem entendesse os seus ministros e conselheiros. Nada o forçaria a escolher o seu gabinete entre os representantes das maiorias parlamentares, que em regra, não tinham significação eleitoral, não traduzindo, como na Inglaterra, a corrente dominante no paiz, superior aos possiveis caprichos da Corôa. O seu poder não tinha limites impostos pelas

tradições liberaes da nação, pelos habitos de **self-government** e pelas classes sociaes, conscientes dos seus deveres e ciosas dos seus direitos. O contrafreio unico que o Imperador poderia encontrar, e o encontrou algumas vezes, era a integridade moral e a independencia economica de alguns homens que o cercavam. Porém esta resistencia isolada, elle vencel-a-ia facilmente.

Joaquim Nabuco tem razão, quando escreve que o Imperador restringia a propria autoridade, mantendo-se voluntariamente, durante todo o reinado, numa attitude de rei constitucional. «Evitava intervir nas luctas partidarias e na administração publica. Preferia para si, diz Nabuco, «o papel de moderador e critico». Não tinha gosto pela politica e desconfiava de sua capacidade administrativa. «A verdade é que o Imperador nunca quiz fazer dos seus ministros, instrumentos; para isto, era preciso que elle quizesse governar por si mesmo, o que não poderia fazer. Faltavam-lhe para quasi todos os ramos da administração, as qualidades especiaes de administrador. O Imperador exercia assim uma especie de censura e superintendencia geral; era o critico do seu governo, mas para governar elle mesmo, ser-lhe-ia preciso a faculdade, que não têm os criticos, de fazer obras como as que analysam».

Entretanto, elle sabia, e sabiam todos os politicos, que o Brazil se resumia em S. Chris-

tovão. A ordem e a liberdade, de que gosava o paiz, vinham de si. Poderia ter sido tudo o que sonhasse: um despota, um tyrano; nenhuma resistencia lhe opporia uma nação inculta de analphabetos e escravos, sem vida civica, derramada numa vasta extensão territorial, mal se communicando entre as suas diversas regiões. Mais tarde, na Republica, e em superiores condições culturaes e economicas, um chefe temporario do governo pôde ser, como o foi impunemente, uma catastrophe nacional, e um chefe politico consegue dominar e dirigir o paiz, como um antigo fazendeiro a sua fazenda de escravos e aggregados.

O regime não era realmente representativo, como suppunha Nabuco. Não se fazia a politica no Parlamento, nos comicios e na imprensa. Se não existiam mudas ministeriaes occultas em S. Christovam, aulicos e protegidos, era porque ao Imperador repugnavam esses velhos processos de Versalhes e Postdam. Por temperamento e indolencia natural, um pouco, de industria, tambem, D. Pedro II alheiava-se da direcção politica do paiz; falava-lhe á vaidade apparecer ao estrangeiro como um typo de rei liberal e philosopho, um Marco Aurelio, que, em verdade, seria apenas um Luiz Felippe, tranquillo e bonachão.

A carreira dos homens publicos e o funcionamento da entrosagem constitucional dependiam, em ultima estancia, de sua vontade. O

seu famoso lapis azul fecharia as portas das ambições nascentes ou difficultaria seriamente a ascensão logica dos iniciados. O proprio Nabuco escreveu: «Antes de tudo, o reinado é do Imperador. De certo, elle não governa directamente por si mesmo. Cinge-se á Constituição e ás formas do systema parlamentar; mas como só elle é o arbitro da vez de cada partido e de cada estadista, e como está em suas mãos o fazer e desfazer ministerios, o poder é praticamente d'elle. A investidura dos gabinetes era curta e a titulo precario — emquanto agradassem ao monarcha; em taes condições, só havia um meio de governar — a conformidade com elle. Algum ministro poderia estar prompto a deixar o poder, apenas empossado; o Gabinete, porém, tinha tenacidade e o partido lhe impunha complacencia á vontade imperial, por amor dos logares, do patronato. Insensivelmente, os ministerios assentiam assim no papel que o Imperador distribuia a cada um no seu reinado. Romper com elle foi por muito tempo impossivel em politica. O Senado, o Conselho de Estado viviam do seu favor, da sua graça. Nenhum chefe queria ser incompativel. A tradição, a continuidade do Governo está com elle. Como os Gabinetes demoram pouco e elle é permanente, só elle é capaz da politica que demande tempo. Só elle pode esperar, contemporizar, continuar, adiar, semear para colher mais tarde em tempo certo.»

A ninguem é permittido fazer-lhe sombra, crescer ao seu lado com raizes independentes. A sua superioridade moral não foi tamanha que o isentasse dos pequenos defeitos da vaidade humana. Bernardo de Vasconcellos nunca foi ministro. Olinda e Paraná, com a tradição dos grandes nomes e do longo prestigio, que vinha desde a minoridade, eram surdamente combatidos e negados. A Zacharias e José de Alencar não foram perdoadas jamais certas attitudes de independencia e altivez. A trindade saquarema, o grupo politico mais forte e mais coheso do Imperio, sentiu toda a vida a meia-hostilidade do Paço. Só havia um meio, diz Nabuco, de render o poder pessoal do Imperador — fazer surgir deante da Corôa omnipotente Camaras independentes. Seriam possiveis eleições reaes num paiz como o Brazil? Ainda hoje, não é o grande sonho dos ideólogos da Republica a verdade eleitoral? Qual foi a consequencia immediata da lei Saraiva? «O «paiz real», com este primeiro ensaio de verdade eleitoral, ficou tão anarchisado quanto corrompido; o Parlamento veio representar a doença geral das localidades a fome de emprego e influencia, a dependencia para com o Governo. Era sempre o Governo, senão o de hoje, o de amanhã, e só o Governo que podia fazer a eleição».

As luctas parlamentares do Imperio cifravam-se num torneio de palavras, numa vã solennidade rhetorica. Viviamos no culto da lo-

quacidade parlamentar, o que constitue realmente um desastre num paiz de palradores impenitentes como o Brazil. Dir-se-ia que a capacidade dos nossos homens publicos se esgotava nos debates da tribuna, nos longos discursos de effeito, nas interpelações e nas respostas das falas do throno. A politica, observa Nabuco, «era mais forte do que todas as preoccupações, envolvia, estragava, enferrujava todas as molas do serviço publico.» Os problemas sociaes, as questões administrativas ficavam no segundo plano. Não podia haver continuidade de administração com os ministerios ephemeros e Camaras dissolvidas. Durante o segundo Imperio, 18 vezes, a Camara deixou de cumprir a sua funcção principal — a votação das leis de meios.

A timidez e a rotina dos homens do Imperio eram bem um reflexo da timidez do Imperador. A vida brazileira modelava-se pela da Côrte; a influencia desta era extraordinaria, fazendo-se sentir no proprio ambiente domestico do paiz. Moralmente, D. Pedro II foi um grande homem. A sua honestidade, a sua integridade, ficaram exemplares, sem embargo de pequenos senões, que seria possivel descobrir-lhe. Intellectualmente, foi uma figura mediocre. Se tivesse a intelligencia e a vontade á altura do caracter, seria uma gloria da especie humana. Se á honestidade com que durante meio seculo, presidiu aos destinos de um grande paiz inculto, alliasse a capacidade de estadista, pode-

riamos ser hoje uma grande nação. O Brazil foi em suas mãos cêra plastica que teria modelado á vontade. Modelou-o á propria imagem. Faltavam-lhe intelligencia e cultura capazes de comprehender a complexidade dos phenomenos nacionaes, e a vontade forte capaz de traduzir as idéas em actos.

A sua intelligencia era vulgar e a sua cultura, deficiente e mal feita. Curioso de litteratura, não tinha sensibilidade e gosto artisticos. Assignava versos quasi infames. Curioso de philosophia e sciencias, não passaria numa ou em outras de simples amador. Lembro-me da surpreza com que li, ha alguns annos, as annotações infantis e, ás vezes, ridiculas, que o Imperador escrevera á margem dos livros legados á Bibliotheca Nacional. O seu espirito não tinha a agudeza necessaria para penetrar um systema philosophico, comprehendendo-o e assimilando-o. As suas idéas religiosas são typicas da confusão intima do pensamento. Catholico e apostolico romano, como se proclamava, suppunha-se tambem **darwinista,** pensando conciliar, num ecletismo que arripiaria o proprio Cousin, a rigida doutrina da revelação com alguns principios do evolucionismo biologico.

Viveu sempre alheio aos problemas sociaes e politicos. Não no interessavam as questões essenciaes para um estadista. Nada entendia de finanças, de economia politica, de direito publico. Comprazia-se no cultivo dos poetas lati-

nos e em curiosidades scientificas de almanaques.

No dominio da vontade, foi um timido. Difficilmente, sabia querer e impor-se. A escravidão repugnava-lhe aos sentimentos de piedade humana e lhe maculava o renome de rei lileral. Comtudo, foi incapaz de um gesto franco e decisivo para a attenuar ou extinguir. E' admiravel a indifferença com que assiste a propaganda republicana, que desde 1870, lhe mina o throno. Parece um apathico. Nenhuma virtude, pois, possuiu de estadista ou de chefe. Os homens, que o cercavam, valiam, sob este aspecto, mais do que elle. Intimamente, observa Nabuco, faltava-lhe o gosto do mando; não amava a realeza. Era um idéologo. Não houve no mundo côrte mais ridicula do que a de S. Christovão; vida de rei mais modesta e burgueza do que a de Pedro II. Pensava illusoriamente que poderia conservar uma realeza sem **distancia** e sem pompa. O seu reinado, segundo a feliz observação de Nabuco, não procurava apoiar-se em nenhuma das trez grandes bases da monarchia: o exercito, o clero e a propriedade rural. Desgostava a todos. Ao exercito, pela sua antipathia natural contra toda especie de militarismo; ao clero, pela perseguição aos bispos, na questão de 73 e pelas suas constantes attitudes anti-clericaes; aos proprietarios ruraes, pela collaboração que lhe attribuiam nas leis de 28 de Setembro e 13 de Maio. Dahi,

a explicação do mysterio psicologico, que foi a queda da monarchia, mysterio que Nabuco não quiz decifrar.

O Imperio não creára raizes, não se identificara com o sentimento da Nação. Esta vive sempre, atravez de todas as divergencias e subtilezas, da lucta eterna entre as duas grandes correntes: a conservadora, que deseja manter as tradições e não quer quebrar os elos do passado, e a liberal, reformadora, progressista, que se suppõe sem preconceitos, que quer caminhar, seguir alem. O Imperio não contentava a nenhuma. A' conservadora, parecia muito liberal, á liberal, muito retrograda. A Republica viria fatalmente. A missão da monarchia estava realizada. Fizera a sua obra, a sua columna perfeita, segundo a imagem de Nabuco. «Cada reinado, contando a regencia da Princeza, como um embryão de reinado, é uma nova coroação final: o primeiro, o do Estado; o segundo, o da Nação; o terceiro, o do povo... A columna assim está perfeita e egual: a base, o fuste e o capitel». Entretanto, explica-se o attentado historico dos que desejaram accrescentar «um painel áquelle triptyco».

O paiz assistiu indifferente á queda do throno, não obstante a veneração pessoal que merecia o Imperador, tanto pela natureza do nosso caracter collectivo, resignado e morno, quanto por culpas do proprio Imperio. Gastara-se naturalmente pelo uso, pelo attricto quo-

tidiano. Bastou um simples levante de quarteis para o derrubar. De nenhum braço partiu um gesto de revolta, de nenhuma garganta, um grito de protesto. O reinado creara, sobretudo, formalistas que, como Eusebio de Queiroz e Saraiva, poderiam contemplar de olhos enxutos o ultimo traço de fumo que o **Alagôas** deixava no horizonte brazileiro.

— O orgulho, a susceptibilidade, a nobreza, a gratidão mesmo, que prendiam Nabuco ao Throno, fecham-lhe a 15 de Novembro a carreira politica. Refugia-se então na sua Thebaida, «onde poderia andar centenas de milhas, sem se lhe deparar o refugio de outro penitente». E' deste soliloquio que nascem seus livros: **Um Estadista do Imperio, Balmaceda** e **A Intervenção,** a maior parte dos **Pensées Detachées,** e esta pequena obra prima — **Minha-Formação,** paginas de saudades, que ficarão modelos de graça, finura e elegancia, claro espelho onde se retratam toda a intelligencia, toda a nobreza e toda a bondade de Nabuco.

Balmaceda mais ainda do que **Um Estadista do Imperio** é o livro de um pensador politico. Diz Nabuco, no prefacio, que se trata do simples resumo da obra de Julio Bañados y Spinoza sobre a revolução chilena, chegando, entretanto, a conclusões diversas das do autor.

Bañados, amigo intimo e logar-tenente de Balmaceda, estudando as origens e as consequencias da lucta entre o Presidente e o Congresso chilenos, faz naturalmente a defeza do seu antigo chefe. Este proprio, ao morrer, lhe recommendara: «escreva da administração que fizemos juntos a historia verdadeira». Bañados não desconfia que nada mais relativo do que a verdade da historia. A seu ver, as culpas da revolução, da guerra civil que, por algum tempo, dividiu e empobreceu o Chile, devem-se ao Congresso. Balmaceda encarna o principio da ordem e da autoridade, que, até então, fizera do Chile a unica Republica organizada da America do Sul. O Congresso collocara-se fóra da lei.

Acompanhando-lhe e analyzando-lhe o trabalho, conclue Nabuco diversamente. O Congresso é o mais alto e o mais legitimo dos poderes publicos; traduz e representa immediata e directamente a nação. Não pode, pois, haver parlamentos revolucionarios, theoria que me parece falsa e perigosa, porquanto o caracter da legalidade ou illegalidade se origina da obediencia ou desobediencia á Constituição e ás leis, susceptiveis de violação por qualquer ramo do poder publico. Balmaceda apparece a Nabuco, como uma tentativa, infelizmente falha, de caudilhismo e ditadura.

Todas as sympathias logicas do temperamento e da educação politica de Nabuco se

voltam para o Congresso e para a causa que este defende. O Congresso traduz as aspirações liberaes da Republica, as tradições do parlamentarismo, o pensamento da alta sociedade, da forte aristocracia rural do paiz, que «tem alguma cousa do espirito nacional da aristocracia ingleza, mantendo-se em contacto, em communhão de interesses com as camadas populares, e procurando cada vez mais apoiar-se nellas». Balmaceda representa o espirito revolucionario e demagogico; foi um symptoma da endemia typica da America do Sul — o caudilhismo. Procurava firmar-se nos elementos anarchicos das ruas e nas ambições do exercito, ao qual augmentava o soldo e promettia vantagens extraordinarias, «introduzindo, dest'arte, no esplendido organismo chileno o germen do militarismo politico, que torna os exercitos improprios para a guerra estrangeira, indifferentes á gloria militar, convertendo-se num partido armado a soldo do Governo».

Todo este livro de Nabuco é cheio de reflexões e ensinamentos. Mais vivamente ainda, elle me lembra Burke, que acompanhava o desenvolvimento da Revolução Franceza, para extrair dos seus erros e crimes, um catechismo de deveres para uso dos inglezes. Estudando a revolução chilena, Nabuco tem em vista o Brazil. Por mais que o tivesse negado, o seu intimo desejo é mostrar os perigos da ditadura militar, que então nos esmagava e que já nos dividira

numa guerra civil. A analogia entre Balmaceda e Floriano é muito estreita, apesar da differença entre os dois,—Balmaceda, viajado, culto, quasi livresco, Floriano, inculto e rude, para se impor ao espirito de Nabuco. Um e outro julgavam-se representantes da ordem e autoridade constituida. Em sacrificio destas, todas as violencias e todos os crimes seriam perdoaveis. Apoiam-se ambos no espirito de classe do exercito, nas baixas camadas populares, no jacobinismo feroz das ruas, e ambos têm a marinha contra si. Os attentados contra as propriedades e pessôas e os fuzilamentos secretos se equivalem. Aqui, além, a linguagem dos defensores do Governo guarda o mesmo tom; ha o mesmo odio desvairado contra o adversario, a perseguição ao estrangeiro, a arrogancia innocua, a guerra social, em todo o seu horror, prégada diariamente na imprensa, o despeito contra todas as superioridades naturaes, os processos de suborno e corrupção, o desdem frio com que se aviltam todas as leis e se acanalham todas as praticas da administração.

Abyssus abyssum invocat. As primeiras violencias commettidas trazem outras, o primeiro crime impune leva ao segundo e ao terceiro. Depois, sómente sobre violencias e crimes, póde o Governo subsistir. E' o regime do Terror. «O que constitue a tyrannia, doutrina Joaquim Nabuco, é justamente a obrigação em que o Governo se colloca de defender a sua autorida-

de a todo custo.» A revolta do Congresso no Chile, como a revolta da Armada no Brazil, representavam a reacção da maioria das sociedades chilena e brazileira contra a tyrannia das ditaduras. A sociedade chilena encontrou maiores forças de resistencia intima do que a nossa. «Ha mais energia moral na estreita facha comprehendida entre a Cordilheira e o Pacifico do que em todo o resto da America do Sul. Os dois maiores esforços que a America do Sul desenvolveu neste meio seculo são: a resistencia paraguaya e a revolução chilena». Balmaceda foi vencido. Floriano venceu. «E' natural, escreve ainda Nabuco, a hypertrophia do poder nas sociedades, onde elle não encontra nada que o possa limitar. O Brazil era uma destas; no Chile, pelo contrario, a sociedade pôde conter o Governo dentro de certos limites extremos. Se tivemos a liberdade na Monarchia, foi só porque o poder se continha a si mesmo. Isto é devido á elevada consciencia nacional que, por herança, educação, seleção historica, os soberanos modernos quasi todos encarnam... Entre nós, declarada a ditadura, haveria, de um lado, o despotismo militar, do outro, a passividade, a inercia do paiz. Se a ditadura assumisse o typo sul-americano, a sociedade brazileira, creada na paz e molleza da escravidão domestica, enervada por sua ausencia total de perigos em mais de cincoenta annos, habituada á attenção que o Imperador sempre mostrou a todos, mui-

to maior do que a que recebia, faria renuncia da sua liberdade, dos seus interesses, das suas propriedades, como nos ultimos tempos do Imperio, a velha sociedade romana abandonava os seus palacios dourados da cidade, as suas «villas» de marmore, todo o seu sybaritismo refinado para se apresentar, como escravos supplicantes deante dos chefes barbaros».

Balmaceda, vencido, foi um reprobo; livrou-se das vinganças e humilhações pelo suicidio. Vencedor, poderia ter ficado a encarnação da resistencia legal, o consolidador da Republica chilena, e a sua complicada estatua, erguida numa das praças de Santiago, receberia annualmente as homenagens enthusiasticas dos patriotas positivistas e positivos...

Nós saimos do militarismo por outro caminho. A reacção dos sentimentos civis foi, entre nós, mais tardia e lenta do que no Chile. Mas venceu afinal, como, posteriormente, venceu tambem na manifestação ultima da perigosa diathese continental. A vida politica do Brazil pôde alargar-se até acolher em seu seio homens da especie de Joaquim Nabuco. Através das formas passageiras do Governo, vive a nação, que vale o sacrificio de todas as intransigencias partidarias e todas as convicções politicas. «Para os homens do Imperio, verdadeiramente fundadores, um terremoto poderia subverter as instituições, mas o Brazil resistiria sempre, e á sua voz seria preciso acudir, qualquer

que fosse o vendaval em torno, e quanto mais ferido, mais mutilado, mais exhausto, maior o dever de não o abandonar... Elles nunca estabeleceram o dilemma entre a Monarchia e a patria, porque a patria não poderia ter rival...»

Não poderia ter egualmente para Joaquim Nabuco. Acudiu-lhe á voz. «Reconciliando-se com os nobres destinos de sua patria, religiosamente envolveu a sua fé monarchica na mortalha de purpura em que repoisam as grandes dynastias fundadoras», e aceitou servir ao Brazil na gloria de sua representação exterior.

Os ultimos livros e os ultimos annos

E' difficil ser julgada a acção de um diplomata por quem não conhece os segredos das chancellarias. Ella se exerce muito mais nos bastidores do que nos palcos. Todavia, a grande figura de Nabuco saiu dos mysterios das legações, que, tantas vezes, encobrem apenas a inanidade e a inercia doirada, para se projectar em plena luz. Não ha brazileiro que não tenha a certeza intima de que em a nossa legação na Inglaterra e em nossa embaixada nos Estados-Unidos, existiu, até pouco tempo, alguem a honrar a nossa intelligencia e cultura, a trabalhar para nossa grandeza e nossa gloria.

O seu exito pessoal num e noutro paiz foi extraordinario. Creio que nos Estados-Unidos nenhum estrangeiro o teve mais alto, mesmo porque em nenhum logar existem muitos homens tão completos quanto Nabuco. A' sua acção devemos em grande parte o desenvolvimento das nossas relações politicas e economicas com a America do Norte, esta intelligente e fecunda politica de approximação entre o Brazil e a grande Republica, que tudo indica e aconselha: os nossos interesses de toda especie, a nossa propria attitude de isolamento natural na America do Sul, entre nações, ligadas pela communhão de origens e lingua.

Não se limitou, entretanto, aos trabalhos da embaixada. Elle era nos Estados-Unidos o representante natural da intellectualidade brazileira e, mais do que desta, da intellectualidade latina. Levou por toda a parte, nas conferencias, nos discursos, nas Universidades, o brilho e a gloria do nosso paiz e da nossa raça. Nos seus **Discursos e Conferencias,** traduzidos numa lingua um pouco estranha pelo sr. Arthur Bomilcar, encontro o Nabuco de sempre, dividindo-se entre as preoccupações das cousas de sua terra e a ideologia humanitaria dos seus sonhos.

Camões, a quem na mocidade dedicara um livro—mais uma apologia enthusiastica do que um estudo critico, no dizer de José Verissimo,—merece-lhe ainda a commovida admiração. O

grande epico apparece-lhe como a encarnação da patria distante. Fazel-o comprehendido e estimado, é fazer estimado e comprehendido o proprio Brazil. No seu poema eterno, no seu lyrismo incomparavel, vive o genio da nossa raça. O Brazil e os **Lusiadas** são as duas obras immortaes, que justificam o destino historico de Portugal.

O que caracteriza Nabuco, nesta phase derradeira de sua actividade intellectual, é a ideologia profunda, que o leva a sonhar com a paz universal e a solidariedade entre as nações do Continente, alliada a um sentimento de patriotismo quasi romantico. O amor da patria, observa, em verdade, o sr. Bomilcar, não diminue de intensidade com a extensão que tomara o seu sentimento racial. E' mais do que nunca—um escravo da gleba brazileira—; entretanto, a corrente que o prende á patria se lhe engata mais no coração do que no espirito. A sua intelligencia se elevara até o culto da humanidade. E' um ideologo, á maneira, por exemplo, de W. Wilson, o que não destróe em ambos a capacidade da acção no dominio pratico.

Foi justamente este fundo de sonhador, esta riqueza natural de vida intima, que impediu o espirito de Nabuco de se atrophiar no exito facil da vida mundana. Passada a phase de vaidade, encontra em si mesmo forças necessarias que o amparam no mundo do pensamento. Como de Fradique Mendes dizia Ramalho Or-

tigão, fecha as portas ao mundo, não para ler Sophocles em original, mas para crystalizar em pequenas sentenças, as proprias idéas. Escreve então este livro admiravel — **Pensées Detachées.**

Não ha contra-prova mais decisiva para um escriptor do que semelhante genero litterario. A trivialidade e o ridiculo ameaçam-no a todo momento. Raros livrar-se-ão illesos. E' preciso dizer cousas novas ou velhas cousas, sob formas novas, possuir o dom da clareza e da synthese. Nabuco resistiu. Os seus pensamentos têm sempre profundeza, e a sua phrase, precisão e elegancia. Muito mais ainda do que **Um Estadista do Imperio** e **Balmaceda**, os **Pensées Detachées** — são, no Brazil, um livro para vinte leitores, alem de nossa cultura e, de todo, estranho ao nosso gosto. Não nos preoccupam as questões abstractas de religião e philosophia que elle discute, e nada mais insolito em nossa litteratura do que a forma litteraria que o reveste. Dahi, o immerecido silencio e a injusta indifferença com que o recebemos.

Nabuco que fôra sempre um crente, chega na derradeira phase da vida quasi ao mysticismo. E' uma alma profundamente religiosa, que crê sem desespero, sem a ansia de perfeição de Pascal. A fé, escreve na **Minha Formação,** lhe foi o ramo da vida renascente. Encontrara na contemplação interior de Deus a tranquillidade d'alma, a bondade e a doçura com que atravessa a vida. A nenhum sceptico ou materialis-

ta seria permittido sorrir da religiosidade de Nabuco. A sinceridade dos seus sentimentos commove. Não lhe foi a religião, como para a maioria dos catholicos, uma simples attitude sem consequencias moraes. Embebia-se-lhe no coração e na consciencia, e por isto, colheu nella a necessaria força moral, um apoio intimo e uma regra de proceder. E as religiões, como as philosophias, valem sómente sob este aspecto, desde que nada mais relativo do que os seus criterios de verdades absolutas, e nada mais vão do que as suas manias especulativas, os seus **Grubelsuchts.**

Grande parte dos **Pensées Detachées** vem da essencia mysteriosa da crença. Trata-se do livro de um pensador catholico, fortemente convencido, mas que não declama, não ameaça e não grita. Crê na revelação divina, no livre arbitrio, nos mysterios e dogmas da Igreja. Pascal lhe deve ter causado grande impressão; foi, de algum modo, o seu mestre. Ambos sentem Deus mais pelo coração do que pela razão. Para se convencer de sua existencia, não precisam de argumentos ontologicos. Ella não constitue uma simples theoria hegeliana, um conceito da razão abstracta, capaz de se demonstrar por meio de theoremas, soolios, axiomas, em summa, todo o palavriado metaphysico. Nascera mais aristotelico do que platonico...

Não acredita na opposição entre as sciencias e as religiões. Vivem parallelamente, satis-

fazendo necessidades diversas da vida. Entre umas e outras existe a mesma relação que entre as primeiras e as philosophias. As sciencias explicam os factos immediatos, de natureza concreta, que caem sob a experiencia e os sentidos; as philosophias e as religiões indagam as causas primarias das cousas, as suas origens e destinos. Equivalem-se, pois, como attitudes diversas perante os mesmos insondaveis mysterios. Os seus valores reciprocos só podem ser medidos pelo grau de utilidade moral que representam para cada individuo. «A sciencia (**Pensées**) é verdadeiramente o espelho do infinito, mas um espelho partido em mil pedaços que só a religião pode reunir». «Crer é dar-se inteiramente». «Toda idéa é um espelho de Deus para quem póde polil-o ao infinito».

Não póde admittir egualmente o automatismo da creação e o determinismo que encadeia as acções humanas. O homem, feito á imagem de Deus, é, moralmente, um ser livre e consciente. «O primeiro problema que se apresentou ao homem foi este: sou um simples animal, um títere, ou um ente responsavel?—e elle o resolveu no sentido da dignidade pessoal. Foi por esta forma que se sentiu livre. A religião e o livre arbitrio são sentimentos gemeos». Mais alem: «a responsabilidade moral é o meio unico de libertação». O positivismo, com o seu dogmatismo estreito, as formulas rigidas, as leis aprioristicas, a pretensão de **fiat** definitivo, repugna-lhe

sinceramente. Não é bem uma religião, não póde ser uma philosophia. Elle o define: «é um **modus vivendi** intellectual, uma especie de opportunismo philosophico».

Como todos os ideologos, foi Nabuco um optimista. Viu a vida, não só na velhice mas em todas as idades, «através dos vidros de Epicteto, do puro crystal sem refração». Não conheceu o soffrimento, que é de ordinario uma redempção para o artista e para o pensador. Por isto mesmo, é admiravel que dentro da bonança eterna da sua vida, quasi uma dôce viagem á Cithera, podesse ter escripto livros sérios, resistindo á indolencia natural da sociedade. Fico a pensar, ás vezes, no que seria Nabuco, se tivesse encontrado na vida uma destas montanhas abruptas em que nós outros, rasgamos, a miude, as proprias carnes... Perderia, acaso, a bondade, que é o seu traço caracteristico? Extravasaria a sua dor e o seu desespero? Creio que elle mesmo sentiu, algumas vezes, o tedio da felicidade. Certas phrases suas fazem pensar. «Conheço consolações para os infelizes, não as encontrei jamais para os felizes...» «Existem climas dôces, risonhos, temperados, como existem asperos, frios e ventosos; os caracteres são como os climas. As raças mais fortes são as que têm de luctar contra o clima, e os caracteres mais fortes os que têm de luctar contra a vida. Mas a doçura do clima como a da sorte devem ser recebida como um dom gratuito de Deus. Não

pode ser obtida esta colheita, senão pela generosidade da Natureza».

— Na segunda parte dos **Pensées,** preoccupa-se Nabuco com as questões de arte e litteratura. Expõe e discute os seus gostos e tendencias litterarias, a sua fina sensibilidade artistica. Tem, ás vezes, a mordacidade risonha de Sainte-Beuve. Nenhum genero litterario lhe desperta tanta antipathia quanto a critica. Não comprehende este prazer perverso de analyzar, penetrar, dissecar o pensamento alheio, descobrir os temperamentos diversos, este habito que nós-outros cultivamos, de tecer a nossa propria vestimenta com os fios da roupagem dos visinhos, que previamente desfizemos... Vê a critica através dos preconceitos da maior parte dos autores, que se suppõem os unicos creadores, como se a creação litteraria não tivesse maneiras diversas de se realizar.

«Os criticos são os **blasés** do espirito; nada mais falso do que o ar de frescura e mocidade que elles se attribuem, como se a litteratura podesse dar-lhes ainda sensações verdadeiras...» «O critico que nos explica a obra d'arte pelo meio que a produziu é como o propheta que não poderia annunciar senão acontecimentos sobrevindos». «Não se deve invejar os criticos que procuram sensações novas, isto é, que tudo querem ver a uma luz nova. Elles se consomem a si mesmos». «Os criticos são as aranhas das lettras; só se póde admirar a maravilha das

teias que suspendem de idéa a idéa para immobilizar as moscas... Pertencem á ordem dos carnivoros, e o seu instincto fica inferior ao da abelha que prefere fabricar o seu mel...».

— Percorro attentamente os **Pensées.** De folha em folha, se me depara um pensamento que eu quizera citar e commentar. A difficuldade consiste na escolha. Porque este? Porque não aquelle? Afinal, teria de traduzir o livro quasi todo... Quando foi publicado, Faguet attribuiu-o a algum grande escriptor contemporaneo da França, que se tivesse occultado sob o pseudonymo, um tanto barbaro para os ouvidos francezes, de Joaquim Nabuco. O douto e exigente critico descobrira no formoso volume a riqueza de idéas de um descendente de Pascal e a eloquencia de um discipulo de Chateaubriand, corrigido pela influencia da prosa de Rénan. Eis o mais alto dos elogios que Nabuco poderia esperar. E elle o merecera.

No ambiente brazileiro, no ambiente americano, não póde ser commum a florescencia de espiritos eguaes ao seu. Foi, como o de Machado de Assis, uma flor de civilizações seculares e requintadas.

De mim, lhe devia todas as homenagens de um velho culto. Ha quatorze annos li a **Minha Formação.** Era num engenho de assucar em Pernambuco, como o fôra **Massangana,** de que hoje a usina moderna, com as suas machinas e a sua vida tumultuosa e grosseira, que-

brou o antigo encanto. Creio que lhe devo a minha primeira sensação de belleza litteraria. A minha admiração nasceu nesse dia longinquo, talvez, então, um pouco invejosa... Semelhante vida traduzia os meus sonhos de adolescente. Que formoso destino! Trabalhar, escrever, viajar, brilhar, viver na gloria e no carinho universaes... Mais tarde, conheci-lhe os outros livros, meditei-os, estudei-lhe a vida e a grande obra humanitaria que teve o seu coroamento a 13 de Maio. A minha admiração tornou-se mais consciente e menos invejosa... Mas eu o estimei, principalmente, pelo que me fez sonhar na primeira mocidade, por tudo que na vida me parecia nobre, bello e digno, e que elle realizara. Podesse o exemplo de sua vida, tão fecunda, completa e harmonica, fructificar entre os moços de hoje, que uma tristeza precoce, um scepticismo perverso e um utilitarismo dissolvente corrompem, aviltam, inutilizam...

INDICE